

DIRETORIA GERAL DE ESTATISTICA

(Orgão regional do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)

Estado do Rio Grande do Sul -- Brasil

Estadística Industrial do Rio Grande do Sul



ANO DE
1 9 3 7

1939

OP. GRÁF. DA LIVRARIA DO GLOBO — PARCELLOS, BERTASO & CIA.
PORTO ALEGRE

FILIAIS: SANTA MARIA E PELOTAS

I N D I C E

<p>A indústria rio-grandense em função da economia nacional..... 3</p> <p>“Processus” da economia nacional. 5</p> <p>Remontando às origens..... 6</p> <p>Novas circunstancias industriais. 7</p> <p>O proteccionismo no século passado 8</p> <p>Ausência de unidade de comércio 10</p> <p>Formação econômico-histórica da indústria rio-grandense..... 14</p> <p>Primeiros passos no mundo da produção 15</p> <p>Batendo na mesma tecla..... 16</p> <p>Economia pequeno-industrial..... 18</p> <p>Circunstancias de ordem financeira e social 22</p> <p>Nova etapa 25</p> <p>Posição do Rio Grande do Sul.... 27</p> <p>A expansão industrial..... 32</p> <p>A indústria de ante-guerra..... 33</p> <p>A fábrica rio-grandense..... 37</p> <p>A estrada larga..... 40</p> <p>A indústria de post-guerra..... 42</p> <p>A concentração industrial..... 44</p> <p>A indústria da ocupação econômica 47</p> <p>O “imperius” brasileiro..... 48</p> <p>A indústria imperial..... 51</p> <p>última etapa da indústria rio-grandense 53</p> <p>Conclusão 57</p> <p>Notas Explicativas 59</p> <p>Situação Industrial do Estado em 1937 65</p>	<p>Situação industrial dos municípios em 1937 68</p> <p>Alegrete 68</p> <p>Alfredo Chaves..... 69</p> <p>Antônio Prado..... 70</p> <p>Arroio do Meio..... 71</p> <p>Arroio Grande..... 72</p> <p>Bagé 73</p> <p>Bento Gonçalves..... 75</p> <p>Bom Jesús..... 77</p> <p>Caçapava 78</p> <p>Cachoeira 78</p> <p>Cai 80</p> <p>Camaquã 81</p> <p>Candelária 82</p> <p>Cangussú 83</p> <p>Carasinho 84</p> <p>Caxias 85</p> <p>Cruz Alta..... 87</p> <p>D. Pedrito..... 90</p> <p>Encantado 91</p> <p>Encruzilhada 92</p> <p>Estrêla 93</p> <p>Farroupilha 95</p> <p>Flores da Cunha..... 96</p> <p>Garibaldi 97</p> <p>Getúlio Vargas..... 98</p> <p>Gravataí 100</p> <p>Guaporé 102</p> <p>Herval 103</p> <p>Ijuí 103</p> <p>Iraí 105</p> <p>Itaqui 106</p>
--	--

<i>Jaguarão</i>	107	<i>Santo Antônio</i>	151
<i>Jaguarí</i>	108	<i>São Borja</i>	152
<i>José Bonifácio</i>	109	<i>São Francisco de Assis</i>	153
<i>Júlio de Castilhos</i>	111	<i>São Francisco de Paula</i>	153
<i>Lajeado</i>	112	<i>São Gabriel</i>	154
<i>Lagóa Vermelha</i>	114	<i>São Jerônimo</i>	155
<i>Lavras</i>	115	<i>São José do Norte</i>	156
<i>Santana do Livramento</i>	116	<i>São Leopoldo</i>	157
<i>Margem</i>	117	<i>São Lourenço</i>	160
<i>Montenegro</i>	118	<i>São Luiz Gonzaga</i>	161
<i>Novo Hamburgo</i>	120	<i>São Pedro</i>	162
<i>Osório</i>	122	<i>São Sepé</i>	163
<i>Palmeira</i>	123	<i>São Vicente</i>	163
<i>Passo-Fundo</i>	123	<i>Sobradinho</i>	164
<i>Pelotas</i>	126	<i>Soledade</i>	165
<i>Pinheiro Machado</i>	128	<i>Tapes</i>	166
<i>Piratini</i>	129	<i>Taquara</i>	167
<i>Pôrto Alegre</i>	130	<i>Taquari</i>	169
<i>Prata</i>	135	<i>Tórres</i>	171
<i>Quarai</i>	136	<i>Triunfo</i>	172
<i>Rio Grande</i>	137	<i>Tupaceretã</i>	172
<i>Rio Pardo</i>	139	<i>Uruguaiana</i>	173
<i>Rosário</i>	141	<i>Venâncio Aires</i>	175
<i>Santa Cruz</i>	142	<i>Viamão</i>	177
<i>Santa Maria</i>	144	Usinas Termo-Elétricas existentes	
<i>Santa Rosa</i>	146	no Estado — Ano de 1937	178
<i>Santa Vitória</i>	147	Usinas Hidro-Elétricas existentes	
<i>Santiago</i>	148	no Estado — Ano de 1937	180
<i>Santo Ângelo</i>	149		

“PROCESSUS” DA INDÚSTRIA NACIONAL

Ainda está por ser escrita a história da indústria brasileira. Não é que se tenha deixado de estudar o seu “processus” e situar mesmo sua posição no quadro das forças estruturadoras da existência nacional. Mas tem faltado a esses estudos uma visão de conjunto, além de que, só acidentalmente é que têm sido feitos. Não seremos nós, portanto, quem tentará a grande obra. Principalmente, porque, na ocasião, não dispomos dos elementos necessários para uma aventura literária de tão grande vulto.

Nossa intenção, nesta hora de tendências econômicas centralizadoras, é tentar uma articulação das causas regionais do nosso desenvolvimento industrial com as circunstâncias nacionais que determinaram uma nova etapa na história da produção brasileira. Estamos convencidos de que existe um lamentável erro de percepção, quando se pretende analisar o desenvolvimento industrial do Brasil tendo em conta apenas as observações locais de determinados surtos, sem consideração a outras razões que, sendo menos objetivas, nem por isso deixam de possuir uma influência decisiva — talvez, mesmo, a mais decisiva de todas. E o pior de tudo é que esse critério — ditado por uma clássica incapacidade de olhar panoramicamente as nossas coisas — transportou da análise histórica para a ação um conceito político de limitação regional, ocasionando esse descompasso, essa desarmonia de toda a civilização brasileira, quando se aprecia seu desenvolvimento de um ângulo nacional.

Não se pense, pois, que sem a existência de “condições nacionais” poderia ter nascido e se desenvolvido a indústria riograndense, ou a paulista, ou a pernambucana. Circunstâncias especiais do meio físico — determinando outras circunstâncias especiais da produção natural de cada região — podem ser apontadas a olho nú em apoio do ponto de vista de uma razão puramente local presidindo o desenvolvimento das várias indústrias brasileiras. Mas nada obriga a concluir daí que a economia industrial do país possa ser expressa como uma soma pura e simples das economias industriais regionais. Logicamente, não se poderá escrever a história dessa indústria partindo das histórias particulares em cada região do país. Deve haver, pois, um divisor comum de todas essas forças aparentemente irredutíveis entre si. Esse divisor é o mercado do Brasil, com o qual conta quasi exclusivamente o comércio da nossa produção industrial. Sómente a alimentação da matéria prima pôde dar a uma indústria, no Rio Grande do Sul ou no Pará, seu caráter regional. É muito raro, porém, que a distribuição comercial dos seus produtos tenha âmbito tão limitado.

Assim, toda indústria — esteja localizada no Acre ou em Santa Catarina — é uma indústria nacional. Si ela nasceu e prosperou, não foi porque em um e outro desses lugares houvesse abundância de borracha ou de madeira. Nasceu e prosperou porque havia uma necessidade comercial nacional para os seus produtos e ela estava apta a lançá-los em condições vantajosas de aceitação. Sómente o fato de poder produzir, aproveitando os recursos locais de alimentação de matéria prima, não determinaria sua criação e desenvolvimento. Ainda está para ser contada a história de uma indústria

que se tivesse improvisado. Nenhuma exploração fabril surgiu ou surgirá senão por força de um poderoso conjunto de circunstâncias. E' sempre uma consequência, o corolário de um sem número de fatores que atuam no processo de uma evolução histórica.

Quais essas circunstâncias, no processo do desenvolvimento industrial do Brasil?

REMONTANDO AS ORIGENS Si se tiver em conta o fabrico do açúcar, pôde-se dizer que a indústria brasileira nasceu quasi ao mesmo tempo em que o nosso mundo entrava para a história. Mas, si quisermos nos referir a uma economia industrial — e esse é o nosso caso — não poderemos recuar tanto no tempo. Os engenhos de açúcar representavam apenas uma exploração agrícola em sua última etapa. Circunstâncias especiais livraram essa poderosa economia fabril da asfixia sistemática da metrópole. Não seria possível moer a cana em Lisboa ou no Porto, de modo que se teve de considerar como matéria prima o produto de uma fabricação. É certo que a política oniprodutivista desses engenhos condicionou o aparecimento do artesanato. Mas também é certo haver sido esse mesmo oniprodutivismo que impediu se estabelecessem as condições para o desenvolvimento de uma indústria independente, colaborando assim na obra impiedosamente artificial do dominador de além-mar, empenhado na sufocação de todas as iniciativas industriais da colônia.

Dessa maneira, um mergulho na história em busca das primeiras manifestações industriais em nosso país não pôde ir além daquele momento em que D. Maria I lançou seu terrível édito de proibição. Ainda assim, são os ensaios dos primeiros passos que vamos encontrar, dos quais os mais avançados foram aquêles dados por obra e graça da mineração. De modo que, quem tentar escrever a história da indústria brasileira terá, necessariamente, de começar pelo aniquilamento brutal dos nossos primeiros anseios industriais. Terá assim de iniciá-la pela crítica de uma coisa que tivesse nascido morta. E essa seria a fase colonial da história industrial do Brasil.

Com a vinda da família real portugueza para o Rio de Janeiro, outras causas vieram impedir o desenvolvimento de uma indústria já consentida. E a mais poderosa de todas foi, sem dúvida alguma, o tratado de 1810, realizado com a Inglaterra, concedendo direitos diferenciais de 9% ás mercadorias britânicas, o que nos tirou toda possibilidade de desenvolvimento industrial, dado o alto poder de concorrência dessas mercadorias. Depois da nossa independência, ratificado quasi completamente esse tratado por um outro, celebrado em 1825, e cuja expiração só se verificou em 1844, prolongou-se até meados do século XIX a situação de dificuldades para o advento de uma economia industrial no país. Todavia, aquêle artesanato formado dentro das economias fechadas dos engenhos pôde tomar maior incremento, desenvolvendo-se em várias pequenas indústrias. Esse desenvolvimento foi possível em virtude das grandes distâncias que se antepunham ao comércio dos países industriais, dando lugar a que em zonas quasi isoladas geograficamente prosseguisse de modo crescente o trabalho da pequena manufatura, embora a título de atividade acessória. Si, algum dia, se fizer a história da nossa pequena indústria, observar-se-á que ela possuía em certo tempo e em determinadas regiões um poder económico muitas vezes maior do que geralmente se supõe. O fato, porém, é que essa pequena indústria — que poderia ter sido a semente da nossa grande indústria — sofrendo a principio a limitação imposta pela concorrência britânica e cerceada, ao mesmo tempo, pelo emperro que as nossas exdrúxulas leis sobre a navegação causavam ás relações nacionais ao longo da costa, com muito pouca vitalidade teria de contar depois para resistir á ofensiva em grande estilo que os progressos técnicos das comunicações proporcionaram meios para seu desencadeamento. Esses progressos não

só encurtaram as distâncias, tornando as comunicações mais rápidas, como possibilitaram os transportes em escala mais larga por unidade das frotas mercantis. Dêsse modo, sendo menor o tempo decorrido entre um desembarque e outro de mercadorias, e se podendo, além disso, formar maiores "stocks" para atender às necessidades próximas de consumo, perdeu-se para a pequena indústria nacional sua última possibilidade — que era a de abastecer os mercados circumvisinhos, enquanto os navios iam e vinham.

E é nêsse momento que se inicia o ciclo heróico da nossa história industrial — heróico nem sempre de um heroísmo perdido, mas ao qual não se fez ainda a justiça de retirar de sob o pó grosso do anonimato que o cõbre.

NOVAS CIRCUNSTÂNCIAS INDUSTRIAIS

Depois de 1844, ano em que expirou o segundo tratado com a Inglaterra, seria de supor um renascimento impetuoso das condições industriais do Brasil. Mas é que, cessado esse obstaculo, não cessaram seus efeitos — que eram menos efeitos do que a exploração de circunstâncias especiais. Ora, essas circunstâncias continuaram existindo. E, de tal maneira que os interesses extranhos do comércio mundial continuaram aproveitando-se delas sem necessidade de explorá-las por meio de instrumentos coercitivos. Nove anos após haver expirado o prazo do tratado com a Inglaterra, um antigo e autorizado estudioso dos nossos assuntos econômicos assinalava, em 1853, uma grande animação de capitais promovendo a organização de emprêsas fabris. Todavia, mais onze anos depois, o mesmo observador, analisando as causas da grande crise comercial verificada na praça do Rio de Janeiro em 1864, escrevia que já era tempo de "irmos estabelecendo algumas fábricas de tecidos de algodão, de linho, de lã, ainda que grosseiros" (1).

Como se vê, vinte anos depois de haver expirado o prazo do tratado com a Inglaterra, não existia ainda uma economia industrial no Brasil. Qual a razão? São várias que, no entanto, pôdem ser condensadas em duas únicas. Para os responsáveis daquêles tempos pelos destinos do país, uma política econômica tinha de ser orientada pelas idéias e não pelos fatos. A formação romântica dos nossos estadistas não permitia se fizessem concessões às exigências práticas da vida. E' que estavam honestamente convictos de ser o pensamento que impõe uma forma à sociedade. O contrário, sendo o reconhecimento de uma subalternidade do homem às contingências materiais da vida, repugnava à sua cultura e mesmo ao seu sentimento. A ordem política e a ordem econômica eram perfeitamente primas entre si, acontecendo ainda que a unidade referencial era unicamente de sentido financeiro, tão incisivamente definida naquêla máxima do estadista francês: — *Dai-me boa política e eu vos darei boas finanças*. Apenas em 1890 começa-se a dizer que o desenvolvimento da indústria não é somente para a Nação uma questão econômica; é, mais do que tudo uma questão política. (2) Mesmo nessa afirmação é preciso descontar o que existe de pura frase, pois quem a fez foi ainda um homem "de princípios", que colocava a ordem jurídica na base de todas as relações do individuo com o Estado. E, muito embõra as opiniões se dividissem, pelos meados do século passado, no que concernia à política econômica a ser seguida, no fundo, tanto os protecionistas como os livre-cambistas não iam além da concepção puramente idealística, mesmo sentimental, dos seus pontos de vista. Faltou sempre a necessária proteção

(1) Sebastião Ferreira Soares — *Esboço ou Primeiros Traços da Crise Comercial da Cidade do Rio de Janeiro em 10 de Setembro de 1864*. Rio de Janeiro, 1865.

(2) *Exposição de Motivos de 11 de outubro de 1890*, dirigida pelo ministro Ruy Barbosa ao Marechal Floriano Peixoto.

à sombra da qual pudesse desenvolver-se a indústria brasileira. Não é que essa proteção não houvesse sido tentada. Mas, em virtude de não se apoiar num estudo direto das nossas condições, a providência teve um caráter meramente fiscal, sem nenhuma força de propulsão econômica. E porque foi assim mesmo, os fatos vieram dar razão aos teóricos da liberdade de comércio, cuja argumentação, revista hoje, está muito longe de ser tão esmagadora como pareceu naquela época.

Mergulhemos, pois, no assunto.

O PROTECIONISMO NO SÉCULO PASSADO

Não somente sem proteção como, sobretudo, colocada na boca de lobo da concorrência britânica, teria de fracassar toda iniciativa industrial no Brasil. Mas não seria a simples adoção de uma medida protecionista que faria o milagre da industrialização nacional da noite para o dia. As sentinelas tarifárias, colocadas às portas do nosso comércio com o mundo, impediriam, sem dúvida alguma, que se intromettessem na nossa economia os elementos perturbadores do seu desenvolvimento. De que, porém, nos valeria essa segurança contra uma perturbação externa si, internamente, não nos era possível um amplo movimento da riqueza que viéssemos a realizar?

E o mal foi esse. Quando, em 1844, o ministro Alves Branco lançou mão dessa poderosa arma aduaneira, não tinha ainda uma noção exata do fenômeno. Antes de tudo, a primeira causa de sua providência não foi, absolutamente, uma causa da economia nacional e sim da diplomacia do Império. Extinto o prazo do famoso tratado com a Inglaterra, o parlamento britânico aproveitou a ocasião para colocar o Brasil na lista negra do seu comércio. Os produtos brasileiros foram sobretaxados nos portos ingleses, justificando-se essa atitude com razões de ordem moral. Não havíamos cumprido com o entendimento celebrado entre Londres e o Rio de Janeiro, no sentido de ser posto um termo ao ignominioso tráfico de negros. E tudo o que existia de "altamente humanitário" na política do Reino Unido extravasou numa verdadeira represália comercial á produção de um país que fundava sua economia no infame aproveitamento do braço escravo. Isso foi dito com toda a eloquência de que era capaz o puritanismo britânico. Mas não o foi tão eloquentemente que impedisse uma resposta brasileira no mesmo diapasão. E essa resposta foi revogando a primitiva tarifa de importação, que era, para todos os casos, de 15% "ad valorem". Creou-se, então, uma escala tarifária, de modo que, sobre muitas mercadorias, vieram incidir taxas de 60 e até 80%.

Si é certo que, em relatório enviado ao parlamento, o citado ministro chegou a dizer que "nenhuma Nação deve fundar exclusivamente todas as suas esperanças na lavoura, na produção da matéria bruta, nos mercados estrangeiros"; si afirmou que "um povo sem manufatura fica sempre na dependência de outros povos"; si concluiu que "é mister marchemos em demanda da indústria fabril em grande por meio de uma tarifa anualmente aperfeiçoada"; si, finalmente, sugeriu uma política industrializante para o Brasil, não foi essa, no fundo, a grande razão da sua reforma fiscal. Foi esta ditada por sentimentos de contra-represália, como bem se evidencia do seguinte trecho do documento a que acima nos referimos: "As manufaturas de algodão da Inglaterra, cuja importação no Brasil monta anualmente a perto de milhão e meio de libras esterlinas, terão de pagar o que a Grã Bretanha carrega em seus portos sobre o nosso açúcar" (3).

Os acontecimentos que se seguiram á adoção de uma política tarifária que as

(3) Citado por José Maria dos Santos em *A Política Geral do Brasil*. — J. Magalhães Editores. São Paulo, 1930.

crônicas do tempo chegaram a classificar de "revolução" vieram demonstrar que o protecionismo que éla envolveu foi obra de puro acidente. Foi um pretêsto que se aproveitou e não um princípio econômico que se procurou realizar. Além do que, toda vez que se falava em cortar um pouco as asas ao nosso livre-cambismo, era sempre o interesse financeiro que falava mais alto. Entendia-se erroneamente que o levantamento de uma barreira alfandegária era a medida mais lógica a tomar no sentido de conseguir um aumento das rendas do país. Enriquecendo o Estado á custa de uma pauperização crescente das massas consumidoras, que determinava uma insatisfação pública geral — porque não proporcionava meios á economia privada para desenvolver-se num ritmo capaz de anular os efeitos da consequente carestia da vida — não foi difícil aos partidários da fórmula *Brasil-ecleiro-do-mundo* condenar em tése, com veemência e até com segurança, toda a ordem econômica fundada na proteção aduaneira. Daí, um combativo do talento e da cultura de Tavares Bastos conseguir fazer verdadeiro arrazamento de todo o sistema de produção que pudesse contrariar a santa liberdade expressa no programa gritado de Manchester aos quatro ventos do mundo. Uma simples crítica da situação forneceu ao grande alagoano os elementos para as afirmações mais categóricas, a ponto de atingir a generalização filosófica, quando a verdade independe da modificação no conjunto das circunstâncias ambientes — uma verdade axiomática, demonstrada por si mesma. (4).

O fato é que, quando o *Solitário* demolia (é bem esse o termo) uma ordem econômica estabelecida em atenção aos princípios protecionistas, o que realmente éle conseguia era demolir uma caricatura dêsses princípios. Além disso, submetendo todas as suas observações dos acontecimentos ao interesse da demonstração de um resultado apriorístico, deixou de enxergar muitas e importantes coisas que, do outro lado, desafiavam sua interpretação. E' pena que o brilho da "prosperity" liberal tenha cegado os observadores mais vigorosos, a ponto de limitar o campo de sua visão aos fatos do seu presente e os levar a conclusões de restrito immediatismo. E' que, pelo tempo de Tavares Bastos, si uma nova ordem econômica, de caráter internacional, estava já em gestação, não estava ainda *sentida*. Acreditava-se piamente que o século XIX era uma espécie de parada final, onde toda a civilização humana teria de cristalizar-se. A corrente histórica havia sido represada. Nenhum progresso seria mais possível, porque não é possível a ninguém ir além do fim. E o século XIX era a civilização liberal, a concepção individualista da sociedade, o equilíbrio do mundo regulado pela concorrência. O Estado teria apenas a missão de vigiar a luta pânica entre os homens e seus interesses, conduzindo o combate de maneira a que não degenerasse em conflitos sociais.

Sómente se tendo em conta essa mística a que conduziu o liberalismo teórico, pôde-se compreender o fato de notáveis homens de estudo haverem visto os acontecimentos por um lado só. Não viam, assim, que a Inglaterra — cujo exemplo era apontado a todo momento — si desejava que o comércio se exercesse dentro da mais ampla liberdade, não era, absolutamente, em função de um princípio econômico que já possuía fóros de direito sagrado das gentes. Não viam que a razão dêsse ardor britânico se encontrava na circunstância de sua indústria não temer uma concorrência em campo aberto — antes a desejar — em virtude do alto desenvolvimento técnico a que atingira. Classificavam de "generosa" a attitude inglesa, baten-

(4) A. C. Tavares Bastos: *Cartas do Solitário* — Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1938.

do-se por uma desbragada concorrência universal que, fatalmente, teria também de ser feita aos produtos lançados pelo comércio do Reino Unido. Mas viviam cegos para ver que nenhuma outra economia estava á altura de se medir face a face com a economia britânica nos mercados do mundo. E que, portanto, essa "generosidade" seria a mesma existente no convite que um indivíduo, armado até os dentes, fizesse a outro, completamente inerme, para se bater com êle, peito a peito.

Além disso, não era tão liberal assim a política econômica defendida pela Inglaterra. Primeiramente porque, dado o adiantamento dos meios de produção britânicos, essa política conduziria, forçosamente, a uma divisão do mundo, cuja parte do leão não caberia, absolutamente, aos países que, como o nosso, fundassem sua civilização num agrarismo sistemático. Depois, porque a própria indústria inglesa não mais se abastecia no regime do livre comércio e sim no sistema de dar preferência aos seus domínios. E foi uma pena que os economistas liberais que, na segunda metade do século passado, defenderam tão ardorosamente seus princípios no Brasil, não tenham dado com a existência desse fenômeno, o qual encerra virtualmente o ciclo da liberdade de comércio. Dessa maneira, discutia-se ainda apaixonadamente entre nós num domínio de pura filosofia, quando já o mundo entrava na fase da concentração do capital e da standardização dos produtos industriais.

Por outro lado, não era menos unilateral, nem menos romântico o critério adotado pelos que se batiam por um estabelecimento de certas restrições aduaneiras. Acreditava-se confusamente que, assim se começasse a cobrar uma tarifa mais alta nas alfândegas, levantar-se-ia, vigoroso, um parque industrial no país. Não tínhamos ainda uma indústria a proteger e, em vez de dirigirmos todos os nossos esforços e utilizarmos todos os nossos recursos políticos e materiais no sentido de estabelecer as condições para que essa indústria surgisse, enveredamos por um domínio de verdadeira fantasia, certos de que estávamos armados com poderosa varinha de condão.

Dessa maneira, os problemas da economia nacional não passavam de brilhantes temas para um torneio de inteligências, num momento decisivo para se imprimir orientação prática á nossa política da produção. Mas não se restringiu unicamente á consequência de um fenômeno idealístico a razão de, já descambiando o século XIX, não ter o Brasil levado a efeito sequer uma tentativa industrial — entendendo-se essa tentativa como um esforço feito sobre bases concretas. Uma outra razão existiu, menos discutível á luz dos altos princípios políticos, mas de poderosa influência no conjunto das circunstâncias negadoras de uma ampla e real atividade fabril entre nós.

Qual foi essa outra razão?

AUSÊNCIA DE UNI- DADE DE COMÉRCIO

Sem um mercado interno coeso, teria de fracassar toda iniciativa industrial no Brasil, uma vez que sómente com esse mercado haveria de contar a distribuição dos produtos manufaturados. Ora, éssa coesão não existia, senão a grande autoridade de Ferreira Soares não encontraria motivo para se espantar no seguinte trecho do seu já citado trabalho: "A importantíssima praça do Rio de Janeiro acaba de passar por uma crise comercial assustadora... e causa admiração que éssa crise não se fizesse sentir em nenhuma das províncias do Império".

Si uma crise, verificada na capital do país, não teve a menor repercussão nos demais centros comerciais, apesar do alto poder de irradiação de todos os acontecimentos funestos, é que o sistema brasileiro de relações não passava de um aglutinamento de regiões e zonas, perfeitamente independentes umas das outras. Nessas

condições, teríamos de promover, ou esperar que o tempo promovesse, a unidade de comércio exigida para o desenvolvimento de uma economia complexa, como é a industrial e cuja razão histórica reside, antes de tudo, nas oportunidades que se lhe oferecem, para uma expansão cada vez maior.

Qualquer providência protecionista tomada sem que, paralelamente, se procurasse botar abaixo os obstáculos que impediam uma circulação contínua e uma permuta constante das diversas riquezas produzidas nas várias zonas do país — qualquer providência protecionista tomada em desatenção ao problema das nossas comunicações regulares internas, seria apenas uma providência fiscal, como de fato o foi em todas as ocasiões que a história regista.

Que adiantaria fundar indústria no sul, no centro ou no norte do país, si seus produtos não contavam com escoamento certo e a tempo para as outras zonas do território, si esses produtos não podiam ser intercambiados sistematicamente? A navegação ao longo da nossa costa se fazia penosamente, não mais em virtude daquele mistério meteorológico e oceanográfico — que já estava decifrado — e sim em razão da deficiência do aparelhamento naval de que dispunhamos. Ir de qualquer ponto do Brasil á Europa e mesmo a Buenos Aires era muito mais fácil do que viajar do Recife a Porto Alegre, ou até de qualquer dessas cidades para o Rio. Si era difícil uma pessoa viajar na periferia do Brasil, muito mais difícil era transportar mercadorias, chegando a constituir uma verdadeira aventura de sertanista entrar cincoenta léguas além do litoral. E o peor de tudo é que essa situação resultava de uma politica de proteção á navegação nacional, acontecendo, porém, que nem essa navegação ia para a frente, em razão de muitos fatores serem incontratáveis por simples dispositivos de lei, nem o comércio a que éla deveria servir, podia tomar fôlego.

O que Tavares Bastos chamava de *espoliação legal* não era absolutamente uma questão para ser discutida apenas juridicamente (5). Ainda aqui os princípios não constituíam a medida competente pela qual se devesse apreciar o estado de coisas decorrente dos privilégios instituídos á cabotagem nacional. Todavia, o grande polemista está cheio de razões quando condena o monopólio da navegação nas costas brasileiras. Mas, tudo o que éle ajunta como elemento para uma discussão que não desceu das altas esferas politicas, representa material do fundo, razões da infraestrutura. Batendo-se pela liberdade dos transportes marítimos entre os diversos pontos do nosso litoral, o *Solitário* servia apenas ás suas convicções de liberal "à outrance". No entanto, o serviço que realmente prestava era á causa de um desenvolvimento econômico cujo processo teria de conduzir, fatalmente, a uma situação em que a tarifa protecionista perderia seu caráter de medida fiscal e cujo estabelecimento nenhuma filosofia liberal seria capaz de impedir. Com um regular e intenso comércio de cabotagem assegurado, a taxa aduaneira de proteção não teria servido, como serviu, de pelourinho a uma idéia de produção menos simplista do que a daquele *essencialismo agrícola*, ainda hoje tão ao gosto dos sebastianistas das "estradas de gado" e dos escambos mais ou menos naturais das "priscas éras" (6).

Si, como desejava Tavares Bastos, fosse dada ampla liberdade á navegação de cabotagem, respeitava-se, no momento, os seus princípios. Mas a consequência histórica dessa medida seria, no arrematar do seu "processus", um desserviço ao livre-cambismo. Uma ocasião chegaria em que a vida se tornaria mais forte do

(5) Tavares Bastos: Ob. cit.

que a idéia. E o que, até então, só artificialmente havia sido objeto de cogitações, impor-se-ia deterministicamente. Infelizmente assim não aconteceu, e o impertinente obsoletismo das nossas leis sobre a navegação na costa, concorrendo para a estagnação das economias particulares a cada região brasileira e fechando-as quasi dentro de si mesmas, adiou o advento da era industrial no país.

Com efeito, de acôrdo com a referida legislação, sómente às companhias e armadores nacionais seria permitido explorar o transporte marítimo e fluvial em águas do Brasil. A dificuldade, no entanto, não residia no cumprimento dessa exigência. O difficil era tripular os barcos com dois terços de brasileiros numa época em que o trabalhador livre quasi não existia, tornando-se penoso o recrutamento da marinhagem e remotíssima a possibilidade técnica de bons navegadores. O resultado foi que, para percorrer um litoral imenso, bem mesquinhos tiveram de ser os recursos à nossa disposição. Assim, como contar com a assiduidade de comunicações exigida por um maior desenvolvimento das nossas relações internas? E como pensar em desenvolvimento industrial com essas relações internas pouco mais do que problemáticas? Nenhum navio estrangeiro podia transportar mercadorias e produtos de um porto a outro do Brasil. Sómente em circunstâncias especiais é que essa autorização era dada, isto é, em situações anormais, como sejam as decorrentes de guerra ou de fome assolando alguma região. Depois se permitiu que os barcos estrangeiros, tendo de carregar em um porto para o exterior e tocando em outro antes, poderiam transportar mercadorias deste para aquêle outro. Essa liberalidade, porém, sendo proporcionada esporádicamente, não poderia constituir uma condição de transporte com a qual pudesse contar uma iniciativa industrial. O resultado foi que, não podendo a navegação estrangeira explorar o tráfego na costa, o nosso sistema de comunicações marítimas tornou-se tristemente deficiente, explorado como ficou sendo por uma frota mercante nacional reduzidíssima. Assim sendo, qualquer idéia de promover a industrialização do país pecava pela base.

Não compreenderam dessa maneira os teóricos de uma política para a economia do Brasil. De um lado e de outro era completa a ausência de um senso realista. Si cada uma das duas principais correntes houvesse formulado seus planos em um campo de ação menos idealístico, si a idéia defendida por uma e outra facções tivesse tido em conta certo bem-estar material — ter-se-ia encontrado o justo termo exigido pelas circunstâncias que, tanto na órbita nacional como na internacional, caracterizavam um delicado período de transição. Nacionalmente, mal saíamos da fase colonial, com uma economia que ainda se fundava na exploração do braço escravo, e já ia despontando a aurora da Abolição e da República. Internacionalmente, os princípios da economia liberal ainda não tendo perdido de todo sua realidade histórica, já iam, todavia, sendo desacreditadas subterrâneamente pelos fatores determinantes da concentração de capital, do "trust", da "racionalização" financeira. E, num período desses, em que toda contemporização teria de constituir a política sábia — em que era preciso acender uma véla a Deus e outra ao Diabo — assistia-se no Brasil a uma definição rígida de convicções.

Si, por exemplo, a medida *anti-liberal* de uma sobretaxação aduaneira fosse tomada ao mesmo tempo em que se providenciasse a revogação *liberal* dos privilégios à navegação nacional de cabotagem, a industrialização do Brasil ter-se-ia feito naturalmente e as dificuldades com que lutamos ainda hoje, de ha muito que estariam representando uma etapa vencida, um caminho já percorrido. Não aconteceu assim. Mas, si para alguma coisa a desgraça serve, valha-nos a experiência, que é a grande sabedoria com que o homem se compensa dos seus erros.

Bem ou mal, porém, fomos nos refazendo da esclerose que atacava nosso organismo econômico, estabelecendo-se, pouco a pouco, a circulação interna das nossas riquezas, unificando-se, com o desenvolvimento da navegação de cabotagem, as relações comerciais do Brasil. Para as iniciativas industriais, estavam abertos, finalmente, os caminhos do mar. Iria reafirmar-se o sentido litorâneo da civilização brasileira. Reforçadas as posições econômicas da costa, poderíamos cuidar mais tranqüila e energicamente da nossa política essencial de penetração.

FORMAÇÃO ECONÔMICO-HISTÓRICA DA INDÚSTRIA RIO-GRANDENSE

O Brasil foi crescendo longitudinalmente, á beira de um mar já desencantado de sua fama tenebrosa. Ao sabor dos ventos alísios, foi se desenvolvendo aquéla civilização de caranguejos de que falava o cronista. E foi um milagre que esses ventos, empurrando as embarcações numa direção e não as trazendo de volta sinão muitos meses depois, não tivessem desmembrado o país.

Nos mares do sul, a navegação continuou por muito tempo um problema sem solução. Para essas bandas, só havia tentar a aventura de enfrentar nevoeiros, águas procelosas, correntes traiçóiras, ventos impetuosos. A linha do povoamento litorâneo não desceu até ás costas do Rio Grande. E, quando desceu, foi para deixá-las atrás, como sóbras inaproveitadas de uma grande conquista. Ainda hoje, em todo o litoral marítimo da antiga província de São Pedro, só se levanta um grande centro. E esse mesmo, no momento geográfico em que a linha ocidental da Lagôa dos Patos se continúa pela praia do Atlântico.

Fugindo á fatalidade brasileira da penetração colonizadora, o mundo riograndense começou a surgir do ocidente, mas não em procura do mar. O caminho de seus pioneiros na direção do oriente não foi um caminho sem fim, como o daqueles outros aventureiros que, de tanto perseguirem uma miragem dourada para os lados em que o sol se põe, estacaram deante de Pacífico, com o cérebro ainda ardendo no desejo de ir mais longe. A torrente humana do pampa foi um rio de planície, sem precipitações, sem corredeiras, espalhando-se sem impetuosidade, como uma mancha de azeite.

Soltos dentro de um mundo amável e farto, os homens viviam em comunhões sociais primitivas, sem outras penas que as impostas pelo nomadismo a que obriga toda economia natural. Rebanhos selvagens povoavam a terra toda, ao alcance de qualquer mão forte. Mas essa riqueza já foram os paulistas que aproveitaram, depois de haverem varado serras e campos gerais, para surgir como demônios diante das reduções jesuíticas, ^{prear}prestar-lhes os indígenas e, inconscientemente, alargar de mais alguns paralelos a terra teóricamente limitada ao sul de São Vicente. E, depois dos paulistas, os açorianos e os nortistas, que entraram pela barra do Rio Grande, integrando finalmente a colonização extremo-meridional no ritmo geral da penetração léste-oéste.

Nada obrigava á fixação. Pelo contrário, impediam-na a fartura bruta da terra oferecendo-se admiravelmente a um aproveitamento extensivo e a luta quotidiana com os castelhanos do vice-reinado platino. Mas, um comércio foi se estabelecendo — comércio primitivo, organizado sobre as bases de uma economia extrativa e desperdiçadora. O gado era abatido, como haviam sido abatidas as matas de páu de tinta. Sómente o couro interessava. A carne, em quantidade demasiada para ser consumida

imediatamente por uma população reduzida, era lançada ao pasto dos corvos e das fêras. E é com o aproveitamento comercial dessa carne desperdiçada que se inicia no Rio Grande do Sul uma era econômica.

PRIMEIROS PASSOS NO MUNDO DA PRODUÇÃO Foi, já passada a metade do século XVIII, que o fabrico da carne seca possibilitou ao Rio Grande do Sul um aproveitamento menos rudimentar dos seus recursos naturais. Mas, nem essa indústria teve aqui sua origem, nem se desenvolveu pelo único fato de poder aproveitar o desperdício dos comerciantes de couro. Já muito antes, na época áurea da criação no vale do São Francisco, utilizava-se largamente o processo de salgar a carne com o fim de fazê-la resistir por mais tempo á ação deterioradora do clima tropical. O que se deve realmente á indústria riograndense é o aperfeiçoamento dos métodos de preparação. Vamos ver, porém, que não apenas esse aperfeiçoamento, como seu desenvolvimento quantitativo só foram possíveis em virtude de existirem circunstâncias nacionais propícias.

Por essa época, já não era unicamente o caminho do paulista que servia, no extremo sul, ao interesse da comunhão ainda simplesmente territorial da Colônia. Uma navegação, tanto quanto possível regular para os meios de que então se dispunha, já estava estabelecida, assegurando o desenvolvimento de uma corrente comercial para os produtos da região. Rompia-se, assim, a autarquia primária. Por outro lado, as secas no Brasil Central — e não somente as secas como também o despovoamento ocasionado pelos "rushs" do ouro — fizeram com que fosse por águas abaixo toda a grande riqueza pecuária realizada naqueles mundos.

O hábito da carne seca e, principalmente, a necessidade elementar de subsistência, forçavam uma oportunidade de abastecimento. Nas zonas da mineração, morria-se de fome com os bolsos cheios de ouro. Dessa maneira, populações inteiras que haviam abandonado os trabalhos agrícolas, mas que dispunham de um alto poder aquisitivo, viam-se a braços com urgentes problemas de subsistência, cuja solução só poderia vir de fóra. E foi essa solução, nitidamente comercial, que possibilitou o mercado para o charque riograndense, preenchendo-se desse modo a última condição para a criação e desenvolvimento do seu fabrico. Sem garantia de mercado, continuar-se-ia no Rio Grande do Sul a tirar o couro dos bichos e lançar fóra sua carne.

Assim, uma circunstância nacional favorecia o aparecimento das charqueadas. E, segundo rezam as crônicas, o comércio do produto não se circunscreveu ao mercado brasileiro. Dilatou-se até ás possessões portuguesas da Índia, onde entrou como sucedâneo do bacalháu. Si se quiser ter em conta o fato de, por aquélas épocas, fazermos parte — como as referidas possessões — do império lusitano, verificar-se-á a realidade da tése que aqui defendemos: isto é, essa dilatação da esfera comercial do produto riograndense, dando oportunidade a que se desenvolvesse mais ainda a economia da sua preparação, vem demonstrar quão decisiva foi, para seu advento, uma razão que estava muito longe de ser apenas regional.

O desenvolvimento de uma economia como esta da fabricação do charque, interessando ás necessidades de escoamento da produção mais generalizada — como era a produção pecuária — condicionou uma tal intensidade na circulação da riqueza da região, que forçou o aparecimento de outras explorações dos recursos da terra. Não somente se desenvolveu o comércio de lãs, para não falar mais no de péles, como crearam vulto as atividades agrícolas e os trabalhos artesãos. Mas, em virtude de circunstâncias nacionais negativas, as novas forças econômicas não evoluíram até á fase industrial. Detiveram-se na etapa do fornecimento puro e simples da matéria prima. Assim mesmo, só Deus sabe como esse fornecimento não teve sua corrente comer-

cial arruinada de todo, sem o estímulo de um transporte fácil, sem garantia de uma regularidade na presença dos seus produtos nos mercados.

Essas circunstâncias negativas já foram por nós referidas no primeiro capítulo d'êste trabalho. O poder da concorrência britânica, aumentado ainda pela concessão de privilégios às suas mercadorias de origem industrial, não dava ocasião a que se inaugurasse, entre nós, a indústria de artefatos de couro, nem a de fiação e, tampouco, a atividade metalúrgica. E si, contra a indústria do charque, não prevaleceram completamente as influências desmoralizantes do tratado com a Inglaterra, nem por isso éla deixou de ser atingida. Analisemos a questão: a regularidade, mesmo relativa, da navegação entre os diversos portos da costa brasileira foi uma das condições de que se valeu a preparação da carne sêca no Rio Grande do Sul para um desenvolvimento em larga escala — numa escala, pelo menos, tão larga quanto o permitia a situação comercial da época. Mas essa navegação, não progredindo de acôrdo com o crescente aumento da capacidade de consumo, forçou o ritmo da produção do charque a guardar o mesmo compasso, retardando seu desenvolvimento. E disso soube valer-se muito bem a produção estrangeira — nesse caso a platina — puxada pela mão do comércio britânico.

Agora, já falam as estatísticas. De acôrdo com uma informação do *Almanack Histórico da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro*, entraram na praça daquêla cidade, durante o ano de 1799, mais de dois milhões de quilos de carne sêca de procedência gaúcha, exatamente 143.425 arrobas. Um século depois, contando a Capital Federal com uma população dez vezes maior, só recebeu do Rio Grande do Sul o dôbro daquela quantidade, ou sejam 4.428.000 quilos (7).

Será que o consumo do charque não se desenvolveu proporcionalmente ao crescimento demográfico do Rio de Janeiro?

BATENDO NA MESMA TECLA Deixando de lado, por desnecessário à nossa argumentação, o cuidado de verificar si esse consumo foi exatamente proporcional ao aumento da população do Rio de Janeiro, consideremos a verdade estatística em bruto. Segundo os dados da época, a entrada de charque de procedência platina, durante aquêle ano, 1899, foi a seguinte: 37.500.000 quilos. Assim, enquanto o nosso fornecimento não chegava a cinco milhões de quilos, o do Uruguái e Argentina quasi atingiu quarenta milhões. Mas — poder-se-á perguntar — não teria progredido no decorrer dêsse século a relação entre o fornecimento nacional e o fornecimento platino? Pelo menos, não se teria guardado a mesma relação? Não. Em 1799, contribuimos com 40% para o consumo do Rio de Janeiro, cabendo os 60% restantes aos dois países do Prata. E em 1899, nossa contribuição mal passou de 10%.

Não é difícil encontrar a razão desse retardamento na nessa economia do charque. Será inútil, porém, procurá-la em circunstâncias regionais como, por exemplo, a de que talvez não dispuzéssemos de um volume de matéria prima à altura de satisfazer às necessidades da população da já então Capital da República. Além das grandes reservas de que já dispunha o Rio Grande do Sul naquêles fins do século XVIII, o movimento da população pecuária acusa um aumento bruto durante os cem anos aqui estudados. Além disso, o número de habitantes da região riograndense cresceu de 25 vezes, não se podendo, pois, atribuir a uma escassez do elemento humano a causa dêsse quasi marcar passo. A razão verdadeira é, ainda, uma razão nacional.

Sinão, vejamos: a espantosa liberalidade com que entregámos os mercados do país ao comércio britânico deu a esse comércio o domínio absoluto de nossas relações de

(7) Citado por Albino Costa em *A Indústria do Charque*, Rio de Janeiro, 1905.

produção. E como esse domínio se exercia em função de um interesse imperialista, nossa economia só poderia desenvolver-se de acôrdo com o espírito da distribuição das esferas de influência inglesas. Si não fosse assim, iríamos perturbar o sistema de equilíbrio comercial organizado no mundo para tranquillidade e segurança dos capitais que, de Londres, moviam uma vasta rede de interesses produtores. Um desses interesses estava na produção platina de carnes. Tendo à sua disposição uma efficientíssima organização de transportes marítimos, o comércio britânico podia lançar em muito mais vantajosas condições o charque platino nos nossos próprios mercados. Nisso, o charque uruguáio e argentino eram admiravelmente ajudados pela circunstância de não dispormos de uma frota mercantil capaz de proporcionar, no tempo, um abastecimento aos centros nacionais de consumo, de acôrdo com a capacidade de aquisição imediata desses centros. O transporte de mercadorias entre as capitais platinas e o Rio se fazia, assim, com muito maior facilidade e conveniência do que entre o porto do Rio Grande e a capital da União. Não é de admirar, pois, que a produção do Prata fosse, irresistivelmente, se apoderando dos mercados que, por todos os títulos, cabiam ao produto da antiga província de São Pedro.

E' muito possível que uma certa parte do charque entrado no Brasil como de procedência uruguáia fosse de fabricação riograndense. Mas esse já é outro lado da questão, o qual, todavia, não destroe — antes reforça — os nossos argumentos. O que existe de indiscutível, sobressaindo da análise da questão, é o seguinte fáto: a indústria de carnes do Rio Grande do Sul não se desenvolveu com o aceleramento de que era econômica e materialmente capaz, devido, exclusivamente, à falta de intensidade no sistema de relações da região com o resto do país. E isso é, unicamente, o que explica haver o fornecimento gaúcho de charque à cidade do Rio de Janeiro descido, em cem anos, de 40 para 10% sobre o total do produto consumido. Uma circunstância nacional — que foi a das nossas relações marítimas não se terem desenvolvido proporcionalmente ao aumento das nossas possibilidades comerciais — fê-la quasi marcar passo. O progresso verificado em um século foi justamente o que seria possível, tendo-se em conta o progresso realizado no domínio das nossas comunicações internas. O primeiro fenômeno teria de estar inapelavelmente condicionado ao segundo. E' certo que a Revolução dos Farrapos pôde ser apontada como causa poderosa desse retardamento na indústria do charque. Mas, tendo sido uma causa transitória, facilmente se teria restabelecido o ritmo de sua produção — si esse ritmo não sofresse perturbações de ordem menos acidental. Tanto mais que, acabada a guerra civil, uma série de medidas foi tomada, no sentido de permitir que a província recuperasse economicamente o tempo perdido na sua longa luta. Entre essas medidas se incluía até a do franqueamento aduaneiro das fronteiras. Assim, si essas providências não deram resultado, a razão toda reside na circunstância de ser outro o mal e, por conseguinte, outro o remédio.

Como poderia desenvolver-se uma economia nacional si, em muitas ocasiões, seus produtos recebiam tratamento idêntico ao dispensado às mercadorias estrangeiras? Bastava que um navio de outra nação transportasse do Rio Grande para Santos uma partida de charque para que essa partida fosse considerada como "de novo importada no Império, ficando sujeita a direito de consumo". (8) O dilema estava imposto: ou se produzia de acôrdo com a capacidade do transporte nacional, ou se aceitava o ônus de se considerar estrangeiro o que se produzisse. Em ambos os casos, porém, não se poderia esperar qualquer estímulo. E foi o que aconteceu.

Ainda hoje a indústria de carnes sofre, no Rio Grande do Sul, as consequências daquêle cerceamento imposto à produção do charque. O tempo que levámos a romper

(8) Art. 307 do Regulamento de 22 de junho de 1838.

dificuldades e impertinências anti-econômicas foi muito bem aproveitado pela pecuária de outros países para se impor ao comércio mundial. A falta do necessário estímulo comercial fez com que a preparação do charque entre nós continuasse até hoje regida pelos seus primitivos processos. Mas, não é chegado o momento de discutir seus problemas atuais. O que importa agora é a sua história. E, não somente sua história, como sua significação histórica. Com efeito, é com o fabrico da carne seca que se inicia uma era econômica no Rio Grande do Sul. É a circulação da riqueza realizada pelas charqueadas que dá ocasião a outras atividades produtoras. Uma pequena indústria nasceu quâsi ao mesmo tempo que a exploração agrícola da terra. E deve ter tido um rápido desenvolvimento porque — contam os cronistas — constituia uma verdadeira calamidade pública a destruição dos fusos, das rôcas e outros instrumentos, levada a efeito tumultuosamente pela policia fiscal do Reino, em obediência às draconianas determinações de Lisboa. Quando cessou a proibição de fundar indústrias, vimos que o comércio inglês botou uma pedra em cima dos nossos anseios. Mas, para o caso especial do Rio Grande do Sul, essa medalha tem um reverso providencial.

ECONOMIA PEQUENA-INDUSTRIAL — O insignificante progresso da nossa navegação de cabotagem não permitira que a principal economia riograndense se desenvolvesse de acôrdo com as oportunidades que se lhe ofereciam e com os recursos de que dispunha. Mas, esse mesmo insignificante desenvolvimento dos nossos meios de transporte marítimos, tornando mais raras as comunicações com o mundo exterior, forçou o trabalho gaúcho a fornecer-se a si mesmo de tudo aquilo que não chegava a tempo e a hora das necessidades regionais. Os navios estrangeiros só ocasionalmente tocavam em portos do Rio Grande do Sul. (Ainda hoje, não é quâsi assim?). E a regularidade da navegação nacional, dados os escassos elementos materiais de que se dispunha, não passava de simples periodicidade de um acontecimento que se verificava de largo tempo em largo tempo. O resultado foi um relativo isolamento da região numa ocasião em que, havendo-se tornado a vida mais complexa, novas necessidades tinham surgido. Já não era mais a época da economia natural e das relações mais simples de produção. Havia subido o nível, não só material como social da região. E isso implicava no aumento da lista de utilidades elementares. Como consegui-las?

Nenhuma coletividade regride completamente em matéria de conforto. Ou melhor, nunca regride. Certas circunstâncias pôdem obrigar um homem a diminuir esse conforto. Mas não acontecerá que o elimine. Quem veste uma roupa, nunca mais haverá de andar nú. Poderá um homem usar um traje durante três anos, depois de haver usado três por ano. Mas, dispensar esse traje não é possível. Para consegui-lo, recorre então a todos os meios. A necessidade premente lhe dá forças, aguça-lhe a imaginação, desperta-lhe as iniciativas. Todas as grandes conquistas humanas partiram deste princípio de satisfação a uma necessidade inadiável. Quando um filósofo europeu "descobriu" que o homem não pensou em navegar partindo da idéia do navio (9) quis apenas dizer que a necessidade de atravessar rios, depois mares, é que o ensinou a construir um piroga, em seguida uma galéra e finalmente os transatlânticos dos nossos dias.

Esse semi-isolamento geográfico riograndense foi pois que forçou a advento da pequena indústria. A Revolução dos Farrapos, depois, segregando completamente a mais vasta porção do território da província, completou a série de fatores que determinaram uma economia menos simples e até uma certa divisão do trabalho. Durante a guerra

(9) Spengler: *El Hombre y la Técnica*; Espasa Calpe, Madrid, 1930.

farrroupilha, a necessidade deu ocasião à coletividade riograndense para estabelecer, sinão uma economia, pelo menos uma atividade industrial bem notável. Os lanchões de sua frota, por exemplo, eram construídos em arsenais próprios. E os operários que essa indústria empregava eram homens que haviam sido apeados dos seus cavalos (10). Além disso, uma construção naval, mesmo naquêles tempos rudimentares, estava muito longe de apenas exigir o trabalho dos marceneiros. A ferragem que um barco exigia, principalmente em se tratando de barco de guerra, tinha de ser conseguida ali mesmo, tinha de ser forjada pelos braços que, até então, só tinham uma destreza, que era a de jogar a boleadeira ou empunhar a grande lança do cavaleiro destemido.

Quando veio a paz, as atividades guerreiras que os longos anos de luta haviam desenvolvido tiveram de ser transferidas no sentido de um aproveitamento da capacidade técnica adquirida. Dessa maneira, não é de admirar que, quando o país inteiro via sua pequena indústria submergir, alvejada pelo tiro de misericórdia do grande progresso no domínio dos transportes marítimos, a ainda quási nebulosa que era, politicamente, a província de São Pedro constituia campo de uma atividade pequeno-industrial que exigia, em muitos casos, processos complexos e aptidões especiais.

E' verdade que suas utilidades tinham um curso pouco mais que doméstico. Todavia, sua manufaturação pôde ser encontrada na base do atual edifício industrial do Rio Grande do Sul, como célula-mater, como uma pedra angular. E' que, diferentemente do resto do Brasil, que perdeu a semente da atividade industrial, o desenvolvimento das atividades fabris no mundo gaúcho partiu do trabalho da pequena indústria. E' preciso ainda considerar outras circunstâncias, ligadas intimamente á colonização do Estado. A profunda influência das correntes imigratórias não pôde ser expressa, pura e simplesmente, por um fenômeno de povoamento. As famílias que abandonaram o Velho Mundo, onde a vida se lhes tornara terrivelmente difícil, "pour faire l'Amérique", trouxeram uma tradição de trabalho e uma experiência das coisas que as gentes do Novo Mundo não haviam tido tempo ainda de adquirir. Não foram somente os agricultores que vieram ter aqui, sonhando com a fartura da terra virgem. Foram também os artesãos, cuja linhagem profissional se perdia nas corporações da Idade Média e a quem a técnica de um lado e a ameaça de proletarização do outro, empurraram para as plagas onde as camadas sociais, não sendo ainda estanques, ofereciam maiores oportunidades e um campo mais largo para os progressos individuais. Com estes vieram — pôde-se dizer — suas oficinas. De geração a geração, com a ajuda das condições ainda inexploradas do meio ambiente, essas oficinas se transformaram em fábricas. O neto do ferreiro, do tecelão, do sapateiro, do marceneiro que traziam todos aquêla grande virtude construtiva e perseverante das coletividades já sedentárias de alguns séculos — o neto desses imigrantes é que nossa éra veio surpreender em sua quási generalidade, como chefe de indústria. Os motores e as chaminés que hoje integram a paisagem humana dos grandes centros urbanos e que, em muitos casos, põem uma nota intrusa na paisagem natural — os motôres e as chaminés não foram colocados no Rio Grande do Sul por juxtaposição econômica. Cresceram orgânicamente — si se pôde usar essa expressão — como cresce uma árvore, de dentro para fóra. Ampliando-se, com o desenvolvimento da navegação nacional de cabotagem, o mercado para os produtos da pequena oficina riograndense, o aparelhamento crescente desses centros de trabalho foi uma consequência lógica da política elementar de produzir mais para satisfazer necessidades maiores de consumo. Dificilmente se aponta no Rio Grande do Sul uma in-

(10) Lindolfo Color: *Garibaldi e a Guerra dos Farrapos* — Livraria José Olímpio Editora, Rio, 1938.

dústria que tenha surgido por obra e graça daquela miraculosa "aplicação de capitais". Quasi toda exploração industrial tem uma história, é um fenômeno de evolução. Quasi nunca é um acontecimento isolado na atual fisionomia econômica da região.

Ha ainda a acentuar outra circunstância na economia do mundo gaúcho e que vem, de alguma maneira, contrariar leis mais ou menos estabelecidas no que diz respeito às consequências sociais do desenvolvimento liberal dos meios de produção. De acordo com essas leis, somente á custa de uma ruína da economia camponesa, poder-se-ia desenvolver a economia industrial. Um desenvolvimento paralelo das duas, uma "conciliação" dos seus interesses produtores, não é solução que se possa conseguir dentro dos quadros da civilização liberal — afirmam os socialistas. O bem-estar social da coletividade só se pôde alcançar com a intromissão autoritária e totalitária do Estado na vida do povo, dirigindo-lhe a economia, abolindo a luta de classes sem lhe suprimir a natural hierarquia — doutrinam os ultra-nacionalistas. Para uns e para outros — os dois caminhos convêrgem para um mesmo ponto — não é possível uma coordenação das múltiplas economias que interessam à existência do homem, si essas economias se desenvolvem ao sabor das iniciativas individuais. Não é ocasião de discutir essas questões. Mesmo porque, não se pôde fugir à evidência relativa desses princípios numa sociedade complexa como a de hoje. Em todos os cantos, estamos vendo uma indústria poderosa ao lado de uma agricultura arruinada. Mas aqui no Rio Grande do Sul, se assiste a um espetáculo diferente: paralela a um notável progresso industrial desenvolve-se uma agricultura progressista. Verifica-se, assim, um equilíbrio espontâneo na sociedade econômica riograndense, numa ocasião em que circunstâncias históricas exacerbam os antagonismos das relações de produção.

Para muita gente, tudo isso é milagre de terra privilegiada. Todavia, si algum milagre existe, esse milagre é de natureza geográfica. O semi-isolamento a que nos referimos, aliado a outra circunstância não menos geográfica — como seja o fenômeno da colonização — permitiu, em momentos históricos favoráveis, um regime autárquico. E, si esse regime não representa atualmente uma solução para os problemas de nossa economia, teve, no passado ciclo de produção, a vantagem de arregimentar todas as forças de construção, livrando o mundo riograndense, não só daquela fatalidade muito brasileira da monocultura, como, também, de uma unilateralidade de seu regime de produção. O Rio Grande do Sul, sendo um Estado policultor, é também um estado industrial. Já São Paulo e Pernambuco — para citarmos exemplos diferentes — si são Estados industriais, são, agricolamente, monocultores. São Estados cuja existência se apoia na economia de um produto, que pôde não ser o único — como de fato não é — mas que é, historicamente, o principal.

Esse é o grande segredo da pujança econômica do Rio Grande do Sul e cuja decifração vamos achar naquele fato da indústria regional ter começado do princípio e não ser, como acontece frequentemente, uma realização estranha à história do trabalho gaúcho, surgindo magicamente por obra e graça de grupos financeiros, armados de concessões e senhores de uma técnica que não lhes veiu às mãos tradicionalmente e sim através da aquisição dos meios de produção. Geralmente, a atividade industrial gaúcha surgiu de um desenvolvimento lógico da agricultura e pecuária regionais, a princípio como simples beneficiamento da matéria prima, depois como acabamento dessa matéria prima beneficiada. A origem dos frigoríficos está na charqueada das estâncias, assim como a indústria metalúrgica — por sinal a mais adiantada da América do Sul — nasceu nas forjas de velhos artesãos e da mesma maneira que a viti-vinicultura partiu de uma satisfação doméstica ao gosto de beber vinho. Essa série evolutiva da economia, coincidindo com a série do acesso individual ao campo de operações cada vez mais complexas, é que permitiu o desenvolvimento homogêneo das forças produtoras

dêste mundo. Não houve aquêla perigosa solução de continuidade que, em certos momentos, provôca uma substituição social do homem que partiu do princípio. Os fatores que estão na primeira linha da batalha atual, não são — como se poderia dizer em linguagem militar — fatores frescos. A mesma força que moveu a produção mais simples, move hoje a mais complexa. Em resumo, é possível, partindo da presente situação industrial do Estado, descrever uma série histórica que contenha todas as etapas da economia coletiva, sucedendo-se sempre essas etapas como consequências de etapas anteriores. Não existe, pois, uma invasão de elementos novos e sim uma transformação histórica de elementos originários.

CIRCUNSTÂNCIAS DE ORDEM FINANCEIRA E SOCIAL

A tentativa protecionista de 1844 havia sido torpedeada em 1856 e o fracasso da exposição industrial de 1861 encerrou a série de esforços para estabelecer no país uma economia fabril. Com a República, causas até então latentes começam a atuar, proporcionando oportunidade para que uma política industrializante pudesse ser adotada menos artificialmente. Quando se deu a substituição do regime imperial, o mundo estava cheio de sinais de que um novo ciclo iria iniciar-se. Não é que esses fenômenos tenham sido considerados na exaltação da vitória idealística de 15 de Novembro. Até pelo contrário, a Constituição de 1891 se restringiu a uma gongórica monumentalização de largas idéias filosóficas debatidas de longo tempo. Mas uma coisa era o liberalismo político em que se apoiavam as novas instituições e outra era a pressão econômica que, já então, se fazia sentir mais objetivamente. A Carta Magna da Primeira República representa apenas a idealização do regime e nada mais cruelmente histórico do que aquela famosa confissão dos batalhadores da nova ordem, desiludidos dos seus sonhos. Dessa maneira, uma legislação de caráter institucional constituiu a letra sagrada do teorismo das campanhas republicanas. Na realidade, porém, o ultra-liberalismo desse estatuto político não haveria de ter a mínima influência nas relações quotidianas dentro do novo estado de coisas. Ao mesmo tempo em que os decantados princípios jurídicos da liberdade individual tomavam corpo nos incisos constitucionais, o menos suspeito de todos os ministros da nova República defendia a criação da taxa aduaneira de proteção industrial. Assim, voltava-se em 1890 á mesma orientação de 1844. E chega a ser ironia que Cotegepe, Ministro do Império, viesse a ser contrariado em sua política livre-cambista por um ministro da República, que, ainda por cima, chamava-se Rui Barbosa... (11)

Todavia, não existe nisso nenhuma contradição ou incoerência, si os fatos forem analisados histórica e não politicamente. Por obra do próprio desenvolvimento das situações criadas pelo sistema liberal, havia-se chegado a um momento em que a concorrência implicava a negação de todo o equilíbrio que, por princípio, teria de ser conseguido por uma espécie de lei de gravitação econômica. O fim do século XIX inicia a era do "trust", do "cartel", do capital financeiro. Estava condenado o livre-comércio. E os países que não procurassem defender-se contra o avassala-

(11) Coube a Cotegepe revisar "liberalmente" a legislação fiscal protecionista de Alves Branco.

mento tentacular comandado por essa orientação monopolista internacional, teriam de resignar-se a um papel de satélite econômico que, por sua vez, conduziria a uma triste subserviência política. Si se considerar que esse novo sentido impresso às relações de produção e de comércio foi decidido nas próprias Mécas da economia liberal, compreender-se-á que o protecionismo de 1890 foi uma providência fatalmente indicada, apesar do seu caráter artificial e ainda não de todo escoimada do estéril e antigo ranço fiscal.

Rem vistas as coisas, porém, a teoria da proteção industrial vitoriosa com a República em nada diferia da que, no Império, vogava ao sabor das influências partidárias. O espírito da reforma Alves Branco é o mesmo que preside à política fazendária de Rui. Em 1844 e em 1890, as providências estabelecidas no interesse do desenvolvimento industrial foram providências isoladas, tomadas a esmo. Mas, já da última vez, circunstâncias de ordem social haveriam de possibilitar o êxito das medidas, mesmo que elas, como aconteceu, estivessem muito longe de uma definição econômica. A abolição do trabalho escravo, revolucionando as relações brasileiras de produção, preparou historicamente o campo para uma atividade industrial. A máquina, de que não poderia prescindir uma exploração fabril, tinha com o sistema escravagista uma incompatibilidade até de caráter sociológico. Daí a inconsequência de todas as providências tomadas no Império para se estabelecer no país a indústria tão sonhada. Com a vantagem da instituição do trabalho livre é que contou, especialmente, o protecionismo da fase republicana.

Além disso, a imigração já não era o simples subir de uma maré povoadora. Nas regiões do extremo-sul, principalmente, o movimento das massas humanas de origem estrangeira não se processava mais pioneiramente — era dirigido para sociedades coloniais já organizadas. Na história de nossa economia industrial, esse fato, aliado ao da libertação do negro, é de uma influência decisiva. Não permite a natureza do presente trabalho que analisemos esse fenômeno em sua relação detalhada com o desenvolvimento da nossa indústria. Basta que o tenhamos em conta no jogo das conclusões de ordem geral, como um elemento já conhecido.

Assim, a abolição da escravatura e a colonização estrangeira devem ser consideradas, historicamente falando, os dois principais fatores de êxito da industrialização providenciada tarifariamente na última década do século XIX. E isso, apesar de, politicamente, quasi tudo haver sido contra esse êxito. Com efeito, a idéia fixa da solução financeira para os nossos problemas econômicos perseguiu todos os governos. Sucederam-se os empréstimos no estrangeiro, sem que, todavia, o produto dessas operações fosse aplicado no fomento da produção ou em obras de alcance econômico, utilizado como foi, em grande parte, para tapar buracos de orçamentos e suspender pela gola um câmbio artificial. Tão impertinente foi essa preocupação da moeda alta, que, sem forçar muito uma definição literária, poder-se-ia falar num "complexo cambial" agindo tirânicamente em toda a política brasileira.

O resultado de tal orientação foi que, apesar de ser marcada por um imenso terror da inflação, vivemos praticamente de expedientes inflacionistas. Sem comércio com o mundo em condições de sustentar uma taxa ideal de câmbio, lançamos mão do artifício, importando ouro. A ação desse ouro teria de ser, forçosamente, uma ação de catálise, isto é, de simples presença. Mas uma ocasião chegaria em que nosso crédito haveria de esgotar-se e, então caído o castêlo de cartas, toda a política do lastro redundaria num inflacionismo espetacular, sem que gozásemos das vantagens que se pôde auferir de uma inflação bem dirigida. E' que todo o

ouro que nos chegava para fazer funcionar o mecanismo de tudo quanto foi caixa de amortização e conversão, trazia já a etiqueta de torna-viagem, com seu fatal cortejo de juros. E não vindo esse dinheiro fazer dinheiro para nós e sim para os seus donos, fomos forçados a novos empréstimos afim de cumprir obrigações antigas. O próprio câmbio artificial só beneficiou aos banqueiros internacionais, uma vez que isso representava a segurança dos seus capitais, evitando a desvalorização dos títulos de que eram portadores e com que especulavam nos mercados financeiros.

A política do lastro ouro a todo custo exercida por obra e graça de sucessivos empréstimos, não passou, além disso, de simples expediente para dar a impressão lá fóra de que gozávamos de uma admirável situação para o emprego de capitais estrangeiros. Tratava-se, assim, de fazer entrar no jôgo das nossas necessidades de progresso aquele fator "confiança", tão estimado teóricamente pelos doutrinadores liberais. E, si, ainda hoje, os financistas sistemáticos apegam-se com tanto ardor a essa razão de natureza puramente moral — hoje que se assiste ao triunfo de uma política cada vez mais objetiva — avalie-se que importância não tinha, antes da guerra, a questão de impor essa confiança ao mundo. Não é que os capitais não tenham vindo. Mas, ou apareceram sob a fôrma das referidas operações de empréstimo, ou garantidos, quando aplicados, por um sem número de concessões, impedindo assim sua identificação com a economia nacional. Não nos procurou, porém, o capital individual, que era o que mais nos convinha. E' que já ia longe a grande era do progresso atrelado á ação da iniciativa privada.

Ora, as explorações concessionárias eram feitas a grupos financeiros interessados em muitas outras atividades espalhadas pelo mundo. Pelo seu próprio instinto de conservação, esses grupos não iriam provocar em determinados países um movimento econômico que pudesse prejudicar seus interesses em outros. Assim, os capitais estrangeiros investidos entre nós quasi se limitaram a explorar serviços públicos, meios de comunicações, concessões mineiras. Continuavam tão estranhos esses capitais, tão alheios ao interesse do nosso desenvolvimento econômico, que suas emprêsas requeriam autorização para funcionar no Brasil. De acôrdo com um relatório administrativo feito ao govêrno da República, por volta do segundo lustro do século, foram concedidas por decreto 17 dessas autorizações, sem que uma única se relacionasse a uma atividade produtora (12). Nenhum níquel do dinheiro dessas companhias entrou na circulação da riqueza nacional, confundiu-se no movimento realizador da nossa economia. Não estamos condenando o sistema de se dar garantias e fazer concessões ao capital estrangeiro para que viesse promover entre nós o desenvolvimento dos meios de transportes ferroviários e urbanos, realizar serviços de abastecimento d'agua ou fornecer energia elétrica, construir portos, etc. Si não tínhamos meios para tal, era muito lógico que déssemos facilidades a quem os possuísse. O que desejamos demonstrar é que, vindo o dinheiro estrangeiro sómente sob essa fôrma, de nada viria nos valer a política da moeda valorizada no curso internacional como elemento de confiança capaz de decidir o outro alheio a se interessar no desenvolvimento da nossa produção.

Essa política do câmbio alto a todo custo não deixava, assim, de ser anacrônica, uma vez que se apoiava em circunstâncias econômico-históricas já pertencentes ao passado. O momento era do capital financeiro e não mais do capital econômico. E

(12) Miguel Calmon du Pin e Almeida: Relatório apresentado ao Presidente da República no ano de 1907, sobre as atividades do Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas.

como sómente este último convinha e era exigido para o nosso desenvolvimento industrial, foi quasi insignificante o progresso que realizámos nesse setor até antes da guerra européia. Acrescenta-se a isso a dificuldade de circulação interna dos nossos produtos, em virtude das barreiras que cada Estado e mesmo cada Município levantou com finalidades fiscaes, e compreender-se-á por que a economia industrial, apesar de todo o proteccionismo, progrediu penosamente. A autonomia municipal e estadual em matéria que, directa ou indirectamente, estava relacionada com a ordem económica, tinha o condão de neutralizar todos os esforços industrializantes, uma vez que, reduzindo o campo de distribuição commercial, não permitia um racional aperfeiçoamento técnico. E a prova é que realizando-se esse aperfeiçoamento de maneira arbitraria, chegou um momento em que quasi todos os centros se viram a braços com uma crise de super-produção, quando o fenómeno, na realidade, não é esse. Além disso, a República confirmou o antigo regime do privilégio nacional da navegação de cabotagem, emperrando estúpida e o desenvolvimento do comércio interno e encarecendo o frete. Este era de tal maneira elevado que conseguia neutralizar a barreira alfandegária levantada para as mercadorias estrangeiras que, assim, continuaram com sua capacidade de concorrência. Como esperar, nessas condições, que a indústria brasileira se expandisse, por mais defendida tarifariamente que fosse?

NOVA ETAPA Mas, ia virar a face do mundo. Já havíamos quasi atingido o fundo do abismo pela mão da política financeira artificial, quando rebentou a conflagração na Europa. Iniciou-se então uma época em que o ouro a entrar no país iria fazê-lo pela porta larga do nosso comércio internacional. Subiu vertiginosamente o volume das nossas esportações de produtos naturais. Ao mesmo tempo, nossa importação baixou aos últimos índices, uma vez que os centros fornecedores de produtos industriais ao Brasil haviam sido aproveitados pela economia de guerra de suas nações. Até os Estados Unidos estavam com sua produção industrial comprometida no fornecimento aos beligerantes e, por fim, ao participarem militarmente no conflito, empenhados na satisfação de suas absorventes necessidades guerreiras.

Assim, tivemos de produzir quasi tudo que, até então, nos chegava de fóra. Mas isso não aconteceu só pelo fato de não podermos importar momentaneamente as utilidades de origem manufatureira. Aquí, entra também um fator de ordem económica. É que, exportando em grande escala e quasi não importando, teríamos fatalmente de capitalizar. Ora, estando a concorrência estrangeira fóra de cogitação, as explorações industriais começaram a atrair os recursos financeiros acumulados em virtude do "superavit" ocasional da nossa balança de comércio.

Mas, terminada a guerra, encerrou-se quasi imediatamente a fase próspera do nosso comércio de produtos agrícolas. O câmbio degradingolou, como era natural. E como essa queda, conjugada à barreira alfandegária, veio aproveitar à industria — uma vez que eliminava completamente a concorrência estrangeira — começou-se a atribuir ao proteccionismo a culpa pelo aviltamento da moeda. No entanto, o que se verificou foi apenas a desartificialização cambial — foi como si um rio, desviado do curso pela mão do homem, voltasse ao seu leito primitivo. Novamente se acendeu a discussão entre os teóricos do livre-câmbio e os partidários da proteção. Diziam os primeiros que, tendo a tarifa aduaneira nos riscado do rôl dos grandes mercados para os produtos industriais estrangeiros, os centros dessas indústrias, em represália, deixaram de abastecer-se no Brasil. A solução, segundo essa corrente, deveria ser encontrada na volta ao essencialismo agrícola, como si uma crise his-

tórica de colocação comercial pudesse ser dominada com um gesto de simples boa vontade. Esse pensamento comercialista de grande grupo de economistas brasileiros não tinha em consideração a nova realidade das relações internacionais. Não tinha em conta que o ideal autárquico havia sido erigido pela totalidade das nações do mundo. E que, assim, por todos os lados estava barrada a natural circulação da riqueza. Os tratados comerciais de compensações mútuas e tratamentos preferenciais recíprocos substituíram a concorrência. De nada nos adiantaria produzir maior volume de matérias primas, uma vez que não colocaríamos a produção sinão na medida das quotas que nos fossem destinadas.

Nessas condições, só nos restava ir fechando, também nossa economia. E isso, além do mais, nos libertava de todo aquêlê tremendo esforço para manter alta a moeda. A própria Inglaterra, país clássico da liberdade do comércio, afrouxou o sistematismo de sua política e, por fim, quebrou propositadamente o padrão ouro. Era tão fatal essa contemporização, que de nada valeu a relutância em contrário, culminante naquêlê desesperado esforço da Conferência Econômica de Londres e cuja iniciativa coube ao presidente Roosevelt, isto é, ao chefe do governo de um país de civilização liberal 100 %. Como se vê, não era só querer exportar matéria prima, era preciso também dispor do mercado para colocá-la. Ora, esse mercado estava bloqueado e, assim, só nos restava voltarmos para dentro de nós mesmos. E sómente por meio da indústria poderíamos fazer a nossa própria conquista comercial.

Só é pena que essa fatalidade de uma economia imperialista interna não tenha sido aceita historicamente, mas só inconscientemente. Continuamos a navegar sem bússola, apenas aproveitando a vantagem do vento a favor. Não foi providenciada nenhuma política capaz de imprimir uma direção ao barco da nossa indústria, capaz de evitar-lhe os ziguezagues. Nosso sistema de leis protecionistas permaneceu um conjunto de medidas meramente policiais, isto é, um cordão de isolamento, como si a questão da defesa — e não também a da expansão — representasse todo o problema da nossa economia industrial. E' certo que já se tenta dirigir as atividades fabris entre nós. Mas essa direção ainda não saiu de sua fase restritiva. Proibir que se instale uma usina de açúcar no Rio Grande do Sul ou mais uma fábrica de papel em Pernambuco é uma medida que tem sua lógica da oportunidade e, como tal, deve ser considerada apenas nos seus efeitos transitórios. Como providência definitiva, não pôde ser, absolutamente, do interesse de uma economia ainda historicamente incipiente. Nem o é também de um país cuja riqueza, ainda quási completamente em potencial, está exigindo uma dinâmica política da produção.

Compreende-se que tenhamos sido levados a enfrentar uma contradição dessa natureza. Nosso progresso industrial se realizou com abstração feita não só dos problemas das relações do comércio internacional como das nossas próprias questões internas. Um momento haveria de chegar em que a casualidade desse progresso perderia sua feição positiva. E, então, tudo o que havia constituído fatores de estímulo viria a ser trabuzido êrnelmente como um simples convite à imprevidência. Depois de um longo período de aspirações teóricas no sentido de inaugurar uma era industrial no país, eis que, finalmente, as circunstâncias nos empurram para o campo da ação prática. Infelizmente, porém, isso não nos tornou menos teóricos. Apenas nos deixamos conduzir pela corrente favorável, sem realizarmos o mínimo esforço para interpretar os novos sinais do tempo. A equação do nosso desenvolvimento econômico, em que participasse esse novo elemento de produção, não chegamos sequer a armar, quanto mais solucionar.

POSIÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL O que se tinha por Império do Brasil não merecia esse nome, apreciado à luz de um critério econômico. Sua unidade política não passava de uma força de expressão meramente geográfica. Num período histórico universal de certa acomodação, de necessidades mais ou menos satisfeitas — uma vez que não eram tão complexas — nossa vastidão territorial pôde ser conservada em termos desconhecidos sem prejuízo para as soluções dos problemas daquele momento. Nenhuma relação de cunho prático estabelecia entre os brasileiros a intimidade necessária para que uma comunhão humana pudesse ser definida como um povo. Havendo-se feito representar no drama da nossa formação étnica os mais variados grupos e sub-grupos raciais do planeta, sua redução a uma unidade sentimental e mesmo cívica se deve, não só ao alto poder de nivelação de um ambiente natural ainda indominado, como, também, à circunstância desses grupos virem ter aqui espontaneamente. Si o nosso império físico, em vez de ser uma herança territorial pura e simples, houvesse sido constituído por força e direito de conquista, certamente que o nosso comportamento político teria sido, de ha muito, menos à maneira do "laissez faire, laissez passer".

A política republicana, foi, como seria de esperar, menos imperial ainda. Por simples acaso histórico — e tão só por isso — é que foi possível traçar um vago sentido geral ao desenvolvimento brasileiro. Artificial, precária, ou mesmo illusória, a centralização política do Império não deixou de ser uma força de coesão. Com a República essa força se desintegrou — embora a chamada "política dos governadores" procurasse corrigir essa desintegração — dando ocasião a um exacerbamento regionalista que foi menos perigoso à unidade nacional do que ao interesse econômico da civilização que nos está determinada. O "produto único", com todo o seu cortejo de malefícios, foi, ainda assim, o grande fator de união num país federalizado e sem transportes, com o mercado interno desarticulado e à mercê de lutas comerciais estrangeiras. Nada, pois, menos propício a um largo progresso industrial do que esse ambiente pouco mais do que caótico, nebuloso até na sua imensidade física e nos elementos do seu próprio material humano.

Ora, essas condições gerais da formação brasileira, conduzindo a uma desarticulação dos nossos elementos históricos, foi revigorada no Rio Grande do Sul por circunstâncias particulares da mesma natureza. Nenhuma outra região do Brasil se desenvolveu mais centrífugamente do que a extremo-meridional. Barrado ao norte pela serra do mar e com as comunicações marítimas interceptadas por um litoral lacustre paralelo, em quasi toda sua extensão, ao litoral atlântico (13) — o mundo riograndense tomou o caminho do sul, quando souu a hora de uma maior comunhão de interesses econômicos, de um âmbito mais largo para suas relações naturais de comércio. A precariedade do porto do Rio Grande e — mais do que isso — sua posição pouco menos do que ocasional no sistema de uma cabotagem pela hora da morte, não davam oportunidade ao desenvolvimento de uma corrente comercial entre a antiga província e o resto do país, capaz de satisfazer ao interesse de escoamento de uma economia fatalissimamente progressista. Montevidéu teria de ser logicamente a porta de saída da produção riograndense, até mesmo para outros centros brasileiros, uma vez que entre seu porto e as fontes econômicas do nosso lado não se levantava nenhuma barreira física ou de qualquer outra espécie. Só muito tempo depois é que o fisco solucionou, sobre a linha da fronteira política, a continuidade fisiográfica em vista da qual, dada como

(13) Limeira Tejo: *O Porto do Rio Grande* — No "Observador Econômico e Financeiro", N.º 32, Ano 3, agosto de 1938, Rio de Janeiro.

elemento único, não se poderia fazer diferenças entre o Brasil e a antiga Banda Oriental. E si a barreira alfandegária desviou um pouco o curso do comércio da produção riograndense para a barra da Lagôa dos Patos, isso ainda hoje se fez um tanto coercitivamente, com reações violentas, cuja expressão mais típica é o contrabando (14).

Teria sido isso um mal?

Do ponto de vista do interesse político da nacionalidade, nada poderia ter sido mais prejudicial. Felizmente, porém, não o foi tanto. E então assistimos ao fato raríssimo de uma razão sentimental ser mais forte do que uma razão prática. Não é o momento se analisar esse fenômeno histórico. O que importa para o desenvolvimento deste trabalho é reconhecer o seguinte: a economia riograndense não se teria desenvolvido como se desenvolveu, si não houvesse contado com o escoamento da sua produção pelo lado uruguáio. E isso deu em consequência estar o Rio Grande do Sul admiravelmente capacitado para satisfazer às necessidades do consumo geral do país, quando, finalmente, nosso mercado interno adquiriu expressão comercial.

E' evidente, também, que essa produção — pelo menos na sua grande maioria — não entrava diretamente na circulação internacional e, sim, por intermédio do comércio exportador da nação vizinha. Si não fechávamos negócios diretamente com os centros recebedores do estrangeiro, é lógico que acontecesse da mesma maneira no caso das nossas importações de manufaturas. No primeiro caso, os agentes uruguaios vinham ter até os produtores riograndense para realizarem suas compras. No segundo caso, seria o consumidor riograndense que procuraria os centros cisplatinos para adquirir suas utilidades. Numa época em que sómente o interesse mercantil dos compradores de matérias primas tinha força para vencer as dificuldades de comunicações e em que o moderno e diligente "caixeiro-viajante" ainda não havia feito seu aparecimento, o homem do pampa brasileiro encontrava muito mais dificuldades para comprar do que para vender. Resultado: na mesma época em que o senhor de engenho nordestino vestia seu "croisé" de pano inglês para ir à missa ou para votar, em que a sela do seu bom cavalo era também inglesa, em que seus sapatos eram ainda ingleses, o estancieiro riograndense se servia com a prata de casa. Já Saint Hilaire observava que o padrão de existência no Rio Grande do Sul deixava muito a desejar, tendo-se em conta a riqueza realizada. A vida que se levava nas estâncias, medidas por léguas e léguas de sesmaria, povoadas por inúmeros rebanhos, era de uma estreiteza quasi primitiva. A casa era de barro, os móveis toscos, a comida rústica, os trajos dos homens feitos de pano grosseiro, "tecido certamente em casa" (15).

Mas essa vida tinha a vantagem de ser uma "vida própria", satisfeita com os recursos próprios. Dessa maneira, eram grandes as oportunidades para o desenvolvimento de uma indústria familiar. E essa indústria, à medida que as necessidades foram se tornando maiores e se complicando, foi também se ampliando e se tornando mais complexa, a ponto de adquirir uma relativa independência das atividades propriamente domésticas. Esse encerrar do ciclo de auto-abastecimento deve ter se verificado muito mais tarde do que em outras regiões do país, já estando explicadas as razões desse retardamento e, até de um certo modo, desse anacronismo. Mas é mesmo do caráter das economias néo-capitalistas a coexistência de relações de produção pertencentes a diversas fases de uma série evolutiva histórica (16). Ainda hoje, ao lado de notavel

(14) Limeira Tejo: *O Contrabando no Sul* — No "Observador Econômico e Financeiro" N.º 33, ano 3, setembro de 1938.

(15) Saint Hilaire: *Voyage à Rio Grande do Sul* — H. Herduison, Libraire — Éditeur, Orleans, 1837.

(16) Ernst Wagemann: *Estructura y Ritmo de la Economía Mundial*, 2.ª Ed., 1937, Editorial Labor, S. A.

parque industrial, floresce uma atividade manufatureira, não só do tipo familiar, como artesã. Nas zonas de colonização de fisionomia social pioneira prevalece o primeiro tipo, sendo o segundo realizado nessas mesmas zonas onde se verifica uma concentração urbana já pronunciada. O mais curioso, porém, é que aquela manufatura doméstica não representa mais uma atividade auto-abastecedora, de acordo com o seu antigo caráter histórico. O elemento interessado nesse trabalho adquire suas utilidades nos mercados da produção estandardizada, onde as mercadorias custam menos do que as fabricadas em casa e cujo consumo está coerente com a psicologia de uma gente que não quer parecer primitiva, que já tem suas fumaças de "civilizada". Dêsse modo, as mãos que tecem certos panos no interior familiar, fazem-no em virtude de uma super-estimação dos seus produtos, que não têm nada de comercial, uma vez que não vão satisfazer nenhuma necessidade ordinária, mas sim, e tão só, certos gostos particulares de ornamentação (17). Já o artesanato é uma atividade que possui, embora irregularmente, uma relação de comércio. Mas sua razão de ser nestes tempos está ainda no caso de uma super-estimação do trabalho manual. Também sua produção não é de consumo ordinário, pois é sempre realizada "de encomenda". Não ha quem desconheça, por exemplo, o prestígio mundano que desfrutam os sapatos "feitos a mão".

Certamente que essa situação não é uma particularidade do Rio Grande do Sul. Vamos encontrá-la no país inteiro. Mas o que interessa nesse estado de coisas riograndense é o que ele contém de reminiscência econômico-histórica. Enquanto no resto do Brasil, essa observação não conduz à reconstituição de um "processus" das relações de produção, na região extremo-meridional funciona como um verdadeiro "fio de Ariadne", com o qual é possível percorrer o caminho industrial. A indústria manual em São Paulo, no Distrito Federal, em Pernambuco, na Bahia, sempre foi — à parte, certamente, a fase oniprodutivista da economia colonial — o que ainda é hoje. A princípio, simples atividade acessória e, depois, méro trabalho de "habilidosos". Já no Rio Grande do Sul se poderá constatar que essa indústria manual, com seu caráter atual de "habilidade" como nas outras regiões, é um vestígio de atividades manufatureiras mais intensas, visando ao abastecimento ordinário da região. Dessa maneira, poder-se-á identificar uma série completa de evolução, sem aqueles "saltos" comuns a todas as economias nacionais jovens, de que ha inúmeros exemplos em outros setores do desenvolvimento riograndense — como é o caso de, ha até bem pouco tempo, ser o nosso sistema rodoviário o mais deficiente do país (18), na mesma ocasião em que dispúnhamos do melhor e mais antigo serviço de comunicações e transportes aéreos intra-fronteiras estaduais.

Assim, si confrontarmos, como elementos independentes um do outro, as histórias da indústria riograndense e a do resto do país, encontraremos uma ocasião em que, absolutamente, elas não coincidem. Não é que essa independência seja real. Mas sua falta de relação será evidente si não fizermos entrar no jogo dos seus fatores determinantes aquêles de ordem mais geral, cujas consequências são de natureza mediata. Com efeito, uma investigação a olho nú nos mostrará que, até à República, o caminho regional não é sequer paralelo ao nacional, quanto mais traçado por cima dele. Até aquêle acontecimento político, o Rio Grande do Sul foi uma região semi-isolada geo-

(17) As rendas nordestinas, feitas a mão, aumentaram extraordinariamente de valor, depois que surgiram as fabricadas por processos mecânicos. Também os bordados, depois que as máquinas de costuras foram adaptadas para esse trabalho.

(18) Coronel Osvaldo Cordeiro de Farias: Relatório apresentado ao Governo da República sobre as atividades do seu primeiro semestre de administração, em setembro de 1938.

gráficamente. Por força desse isolamento, com a ajuda ainda de uma vigorosa economia agro-pastoril — cuja produção não exigia um comércio de ritmo acelerado para que seu rendimento fosse elevado — desenvolveu-se na região uma intensa atividade manufatureira. A "revolução tarifária" da segunda metade do século passado, si não teve a desejada força para levantar um parque industrial no Brasil, também não chegou a conseguir qualquer repercussão especial no ambiente econômico particularíssimo da mais meridional e centrifuga de suas províncias. E si é certo que, já em 1856, uma fábrica riograndense levantava prêmios e menções para seus produtos na Exposição do Paris (19), essa indústria possuía ainda uma distribuição comercial regional calculada em 80%.

E não era de admirar que assim fôsse, pois, em 1895 — isto é, cinco anos depois da proteção republicana — uma fábrica de pregos do Estado produzia 700.000 quilos e só exportava 70.000. A Sociedade Comanditária Brockmann & Cia, proprietária de uma fábrica de papel e papelão, lançava no comércio, nesse mesmo ano, 190.000 quilos do papel de embrulho e 50.000 de papelão. Dêsse papel, cuja maior parte era consumida em Porto Alegre, "apenas pouco é exportado para o Rio de Janeiro" (20). De acôrdo ainda com essa mesma fonte de informações, a Companhia Fábrica de Vidros Sul-Brasileira produzia, também no ano referido, 700.000 garrafas, 500.000 copos, 300.000 chaminés e 200.000 produtos diversos, constando sua exportação de apenas 48.000 copos e 70.000 chaminés. Um sem número dêsses exemplos poderíamos alinhar em apôio do nosso ponto de vista que é o de que, até quasi nossos dias, a indústria riograndense, cuja fisionomia técnica era ainda — com poucas exceções — a da oficina, representava uma larga atividade de auto-abastecimento regional, fugindo, assim, à regra geral do resto do país, onde essa atividade não existia com um caráter tão amplo. Quanto à causa, tanto dêsse extraordinário desenvolvimento regional, como da sua falta de ampliação nacional, é uma única: deficiência de comunicações. Em virtude dessa circunstância, a região recebia difficilmente as utilidades de origem industrial estrangeira e, nesse caso, teve de produzi-las. Pela mesma razão, o comércio dêsses produtos quasi que se restringiu aos mercados regionais, tanto que uma das empresas fabris reclamava "o exorbitante preço dos fretes, nomeadamente do Loid Brasileiro, onde se péde 35\$ por tonelada, preço igual ao que se paga da Alemanha a Porto Alegre" (21).

Mas, essa questão da deficiência de transportes influindo negativamente em nosso desenvolvimento industrial já foi por demais posta em evidência neste trabalho, para que precisemos voltar à carga. Todavia, não ha regra que não tenha sua exceção... para confirmá-la. E essa vamos encontrar na Companhia União Fabril, cuja produção constou, em 1895, de 5.600 toneladas, no valor de 5.000:000\$ e da qual dois terços foram exportados para o Rio de Janeiro (22). E' o primeiro passo no mar largo. No entanto, esse passo deve ter sido dado com muito pouca naturalidade comercial. Deve ter exigido um esforço maior do que a capacidade para fazê-lo. Foi um esforço de desbravadores e, como tal, teria de encerrar-se. Assim, não foi à-toa que essa empresa, fundada em 1873, dispondo de modernas instalações, com uma administração a que se não poderá negar experiência e capacidade de iniciativa, tenha vindo a mudar de

(19) Catálogo da Exposição da Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul em 1875.

(20) Relatório apresentado pela 3.ª Diretoria (Estatística) em 15 de julho de 1897, anexo ao Relatório do Secretário de Estado dos Negócios do Interior e Exterior.

(21) Idem.

(22) Idem.

razão comercial. É que, não tendo ainda soado a hora da indústria em grande, o sacrifício de sua instalação não poderia ser compensado, contando-se apenas com uma distribuição regional. Grande parte do capital investido numa maquinária cuja produtividade não poderia ser totalmente aproveitada, seria um capital morto.

Esse exemplo, com os que ficaram citados atrás, demonstra que, ao findar o século XIX, ainda não havia condições para que a atividade industrial riograndense perdesse completamente seu caráter regionalista, ao mesmo tempo que prova a existência de circunstâncias excepcionais promovendo um desenvolvimento intenso dessa atividade em escala média — desenvolvimento esse que, mais tarde, aproveitaria como uma verdadeira tradição de trabalho ao interesse de uma economia fabril cujo campo de expansão comercial teria de ser o país inteiro.

A EXPANSÃO INDUSTRIAL

O Século XIX, durante o qual se havia pensado tão "racionalmente", em que a alma humana perdera seu conceito teológico para adquirir a definição jurídica de "pessoa" — o Século XIX encerrou-se melancolicamente legando à nossa centúria um acervo de problemas cuja solução teria de ser encontrada numa limitação de todos aqueles direitos instituídos em bem da liberdade individual. Como o aprendiz de feiticeiro de Goethe, o homem já não podia controlar as forças que havia desencadeado. E, perdido no pandemônio de circunstâncias que se neutralizavam, que se contrariavam, que se impunham umas às outras e, todas, à consideração de qualquer providência histórica — embaraçado nesse cipóal, o homem do Século XX teria de ser, forçosamente, um agente da violência. Nossa Sociedade se viu face a face com as mesmas questões daquela que, ao findar o Século XVIII, assistiu a revolução francesa e suportou as consequências tenebrosas do "après mois, le deluge". Certamente que é preciso descontar nos acontecimentos contemporâneos o drama social que foi representado naqueles de cem anos atrás. Mas, depois da grande guerra, não vimos assistindo ao triunfo de princípios revolucionários profundamente negadores da ordem ocidental e que tiram sua mística, como os da subversão de 1789, das próprias contradições dessa ordem?

Que situações teria de enfrentar a civilização brasileira, no seu setor econômico, em virtude das novas condições mundiais? Duas espécies de política imperialista se definiam no planeta. Uma delas, visando à garantia do fornecimento de matéria prima, tinha todo interesse em manter suas "esferas de influência" num regime de produção colonial. A outra corrente, visando apenas a garantia de mercado para suas manufaturas excedentes do consumo interno dos países industriais, precisava que suas esferas comerciais progredissem sempre em poder aquisitivo. Entre esses dois fogos que papel nos estaria reservado? Que posição deveríamos tomar? A primeira corrente — a das potências industriais sem colônias — no caso de se impor à nossa economia, seria sempre no sentido de aviltar o custo da mão de obra e das matérias, de maneira a que influísse na diminuição do custo de produção das manufaturas, para efeito de concorrência. Dessa maneira, a grande massa da população brasileira ficaria condenada ao castigo eterno da servidão. A outra corrente, menos dominadora, desenvolvia, paralelamente à sua política de conquista comercial, uma política de facilidades de crédito no sentido de fomentar a produção dos seus compradores, dar eficiência aos seus meios de transportes, criar, enfim, um padrão de vida à altura do "standard" de existência desses países cujo excesso de utilidades precisava encontrar um consumo fóra. Mas, no caso de ser esta e não a outra, a corrente que se impusesse à nossa civilização, seria resignarmos a um progresso com limite fixo.

O primeiro caso está fóra de discussão. Em circunstância alguma, poderia convir-nos o papel da Índia. O segundo, aplicado num país como o nosso, lançar-nos-ia num regime permanente de sub-consumo, de divisão desigual da riqueza — um regime de minorias fartas e povo faminto. Nossas condições naturais e nossa fatalidade econômica estão muito longe de ser as mesmas do Canadá ou da Argentina, que são países fornecedores de meios de subsistência natural — países que têm uma economia, vamos dizer, de alimentação. Ora, os produtos alimentícios quasi não contam no movimento do nosso comércio com o mundo, pois, nem mesmo o café pôde ser rigorosamente incluído entre eles. Por força de certos fenômenos — em virtude de cuja complexidade seria longo analisarmos aqui — não existe qualquer oportunidade para uma circulação internacional intensa dos nossos produtos alimentícios, no caso de virmos a apoiar nossa vida sobre o seu comércio. Nessas condições, só nos restava um caminho a seguir, que era o da resistência a essas imposições de economias expansionistas universais.

Como adquirimos a consciência desse problema, não é coisa que se possa explicar sem auxílio de uma investigação psicológica. E até que ponto essa consciência pôde ser tida na conta de um fator histórico no conjunto das causas do nosso desenvolvimento industrial é outra tarefa que exige uma análise subjetiva. Dispensamo-nos, pois, de encontrar o fio dessa meada. Basta que, embora não o estimemos tanto, não desestimemos de todo esse fator psicológico. Não se pôde negar, absolutamente, que as campanhas pró-industrialização, a-pesar-de todo o seu teorismo, foram de larga influência no sentido de despertar no país a opinião necessária ao êxito da idéia. Essa idéia ainda não era econômica, servia apenas a certas aspirações ufanistas. Mas, nem por isso, deixou de ser uma idéia — isto é, uma semente que, mais dia, menos dia, teria de brotar.

Atenhamo-nos, assim, aos fatos. E esses fatos, na primeira década do Século XX, si não nos autorizam ainda a falar numa definição industrial brasileira, já nos permitem observar que era possível esperar por essa definição. E não é dizer que essa possibilidade resulte tão só de uma apreciação retrospectiva, como estamos fazendo agora. Já em 1911, um observador diréto da situação afirmava, com todo seu interesse de cônsul britânico no Brasil, que “as fábricas de tecidos de algodão surgem em todos os pontos, muitas vezes sob direção estrangeira, com fiadores e tecelões de Lancashire; e uma grande proporção do capital industrial do país é empregada nessa indústria que deixa margem fácil a grandes lucros. Excelente material é empregado e os ultimos modelos e desenhos ingleses são cuidadosamente copiados. Com os impostos proibitivos sobre os artigos impostados, será difícil, para os artigos de Manchester — a não ser as melhores classes de tecidos — manter de futuro sua posição no Brasil” (23).

A INDÚSTRIA DE ANTE-GUERRA Como já vimos, o que caracteriza econômico-históricamente o encerrar do “glorioso Século das luzes” é a negação prática de tudo aquilo que havia sido erigido teóricamente em sistema. Si hoje assistimos ao cerceamento progressivo da liberdade individual e que já atingiu, não só o domínio político como, também, o próprio pensamento religioso, vamos encontrar a origem dessa “desindividualização da sociedade nos fenômenos que, às vésperas do Século XX, resultaram da exploração da liberdade de economia. A princípio, essa exploração atingiu apenas às relações de comércio, e o “trust”, a-pesar-de

(23) Citado por Barreto Falcão, em *Evolução Industrial do Brasil*, trabalho publicado na “Revista de Economia e Estatística” (órgão do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), Ano 3, N.º 4, outubro de 1938.

iniciativa e organização privadas, representa, antes de tudo, um instrumento histórico. Depois do "trust", que encerrou virtualmente o ciclo da concorrência, surgiram as barreiras alfandegárias. Essas barreiras, por sua vez, já constituem uma reação á política de avassalamento contida no funcionamento d'esses "trusts". Dêsse momento em diante, todas as economias nacionais que se prezassem de estar a serviço de uma civilização nacional, teriam de ser realizadas em função imediata das circunstâncias internacionais. E, dentro do sistema econômico nacional, os movimentos de produção das regiões. A crítica dessa "articulação" já pretendemos tê-la realizado nos capítulos anteriores do presente trabalho. O que importa agora é uma exposição estatística dos fatos.

A tutela comercial inglesa já havia sido dispensada desde 1844. Mas, entre esse acontecimento e a ocasião de nos fornecermos a nós mesmos das utilidades industriais, longo tempo teria de decorrer. A substituição da mercadoria estrangeira teria de se fazer gradualmente. Três fases iremos descobrir, então, na nossa história industrial da metade do século passado até nossos dias. A primeira, que se encerra com a política protecionista de 1890, é constituída de tentativas mais ou menos frustadas. A segunda, que vái de 1890 até a Guerra Européia, é a fase de transição, quando ainda havia oportunidade das "melhores classes" de tecidos britânicos encontrarem ampla colocação no Brasil, conforme observou o cônsul inglês a que nos referimos atrás. A terceira fase é a do "après-guerre", a fase, finalmente, da nossa definição industrial.

O que nos interessa agora é uma vista dolhos sobre as estatísticas do segundo período. Infelizmente, são mui escassos os elementos de que poderemos dispor. Em uma publicação que abrange as atividades econômicas do país no quinquênio que vae de 1908 a 1912, confessa-se que "a falta de estatísticas agrícolas coincide, infelizmente, com a deficiência de informações sobre a produção industrial brasileira. Não se conseguiu ainda, por meio de um inquérito geral, conhecer de modo mais ou menos satisfatório o estado das nossas riquezas agrárias e manufatureiras" (24). O primeiro levantamento das nossas indústrias se realizou em 1907, promovido pelo Centro Industrial do Brasil. As dificuldades que tiveram de ser enfrentadas, conjugadas a uma noção muito elástica do que seja uma atividade industrial, prejudicaram o rigor de exatidão dos resultados obtidos. Todavia, á vista do que conseguiu esse inquérito e a-pesar-de todos os seus defeitos, já é possível formar uma idéia da situação de nossa indústria por volta do primeiro lustro do século. De acôrdo com esse censo — o qual incluía os estabelecimentos ervateiros, as salinas e até os ateliers de flôres artificiais e que intitulava de *usina* a uma dúzia de modestísimos engenhos de açúcar em Goiaz — era o seguinte o quadro da realidade industrial brasileira:

ESTADOS	N.º de estabelecimentos	N.º de operários	Capital (Contos)	Produção (Contos)
Distrito Federal	622	34.850	167.120	218.345
São Paulo	326	24.186	127.702	118.087
Rio Grande do Sul.....	314	15.426	48.206	99.726
Rio de Janeiro	207	13.632	85.795	56.002
Pernambuco	118	12.042	58.724	55.206
Paraná	297	4.724	20.841	83.085
Minas Gerais	529	9.405	26.820	31.880
Baía	78	9.964	27.643	25.078

(24) Anuario Estatístico do Brasil, Ano I, 1908-1912.

ESTADOS	N.º de estabelecimentos	operários Número de	Capital (Contos)	Produção (Contos)
Pará	54	2.539	11.483	18.203
Sergipe	103	3.027	14.173	14.811
Santa Catarina	163	2.102	9.674	14.144
Amazonas	92	1.168	5.484	13.962
Alagoas	45	3.775	10.788	10.066
Maranhão	18	4.545	13.245	6.840
Mato Grosso	15	3.870	13.650	4.450
Paraíba	42	1.461	4.984	4.383
Ceará	18	1.207	3.521	2.951
Piauí	3	355	1.311	1.193
Rio Grande do Norte.....	14	560	1.913	1.886
Espírito Santo	4	90	298	579
Goiás	18	90	180	851
Brasil	3.120	149.018	653.556	731.293

Si nos guíarmos fielmente por esta relação, si não descontarmos o que existe nela de puro exagero conceitual, seremos levados a acreditar num extraordinário vigor da nossa economia industrial que, já por aquélla época, interessava a todas as zonas do país. Mas, si nos ativermos a um conceito de indústria menos elástico do que aquêle que presidiu ao inquérito de 1907, concluiremos pela modéstia desse movimento. Grande parte dessa atividade representava um trabalho de simples oficina, quando não era méra operação de arremate à produção agrícola. A indústria independente, essa estava apenas em esboço cuja expressão mais adiantada iremos encontrar na tecelagem. Com efeito, emquanto a produção média anual por fábrica de tecidos era, de acôrdo com o censo do Centro Industrial, de 890:000\$, aproximadamente, essa média era, para os demais estabelecimentos, de apenas 191:000\$, mais ou menos. E essa relação ainda é demasiado favorecedora para os diversos grupos, uma vez que, entre estes se encontram atividades, que, a rigor, não pôdem ser consideradas industriais. E a prova disso está na confrontação que vamos fazer, apoiados na apuração realizada em 1911 pelo mesmo Centro Industrial, à base da estatística dos impostos de consumo. Não se pôde dizer que esse trabalho seja completo, uma vez que o referido imposto incidia apenas sobre 14 artigos. Mas, já dessa vez, a relação está expurgada das atividades que, não merecendo a classificação de indústria, tanto pesaram no inquérito de 1907.

De acôrdo com esse levantamento, é o seguinte o quadro das nossas indústrias no início da segunda década do século atual:

INDÚSTRIAS	Número de fábricas	Valor da produção
Bebidas	1.544	65.665:620\$000
Bengalas	20	49:607\$000
Calçados	4.542	57.132:587\$000
Cartas de jogar.....	7	358:231\$000

INDÚSTRIAS	Número de fábricas	Valor da produção
Chapéus	534	29.675:541\$000
Conservas	291	9.582:476\$000
Especialidades farmacêuticas	623	11.177:762\$000
Fumos	2.108	32.121:928\$000
Perfumarias	272	6.309:225\$000
Fósforos	30	18.117:100\$000
Sal	834	10.768:386\$000
Tecidos	190	190.470:762\$000
Vélas	11	5.739:046\$000
Vinagre	319	1.299:348\$000
Total.....	11.335	438.467:620\$000

Observa-se que a média anual de produção por fábrica de tecidos é um pouco superior a 1.000:000\$, enquanto a de todos os outros estabelecimentos reunidos não atinge 25:000\$. Comparados esses resultados com os de 1907, ha um aumento de mais de 100:000\$ no rendimento médio da indústria têxtil, ao passo que ha um decréscimo superior a 150:000\$ no rendimento médio das outras indústrias, tomadas globalmente. Todavia, isso não é um sinal de decadência. O que se deu, foi não estarem incluídas na última relação numerosas atividades que figuram na primeira. Mas não é essa a única consideração a que nos força a análise comparativa dos dois inquéritos. Por exemplo, si compararmos a situação da indústria de calçados num e noutro levantamentos, encontraremos um aumento absoluto de 4.542 fábricas e 30.405:687\$ na coluna do valor da produção anual. Relativamente, porém, houve um descenso espantoso. Com efeito, pelo primeiro inquérito, o valor médio dessa produção por fábrica era de 225:000\$, aproximadamente. E, pelo segundo, essa média muito mal passa de 12:000\$.

Tendo-se em conta o fato de ser a indústria de calçados no Brasil uma das mais evoluídas e ser sua história uma verdadeira série evolutiva somos forçados a pôr em dúvida aquelas duas estatísticas. A primeira, resultando de uma investigação direta, realizada num momento em que havia carência quasi absoluta de meios para tal, afigura-se-nos a menos rigorosa. As 119 fábricas apuradas pelo inquérito de 1907 devem ser apenas as mais importantes e aquélas outras que, embora simples oficinas, estavam localizadas dentro do raio do menor esforço investigador. De outra maneira, não se compreende, nem aquêlê crescimento absoluto verdadeiramente fantástico para um quinquênio, nem aquêlê decréscimo relativo completamente injustificavel numa atividade cujo progresso não precisa ser investigado, tão eloquentemente êle ressalta aos olhos menos aprofundadores. Nessas condições, toda comparação entre os resultados dos dois inquéritos realizados pelo Centro Industrial, não nos poderá conduzir a uma interpretação rigorosamente estatística do "processus" da indústria brasileira. Todavia, não é impossivel — separando-se o jôio do trigo — comparar as situações históricas que, bem ou mal, esses elementos sempre revelam. Vejamos agora que posição occupava o Rio Grande do Sul no panorama industrial brasileiro da metade do século passado.

A FÁBRICA RIO-GRANDENSE

Em 1875, realizava-se em Porto Alegre a Exposição da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Estava-se a um quarto de século do início da era industrial brasileira. Todavia, esse cer-

tame já é uma notícia da existência de notável atividade fabril na região. Certamente, que a grande maioria das manufaturas exibidas representava ainda o resultado de um esforço individual. Mas, ao lado de uma *balança de precisão*, "fabricada no Arsenal de Guerra de Porto Alegre, pelo mestre da oficina de máquinas", já figuravam "quatro metros de baeta grossa, com 1,10 de largura, dez metros de baeta, urdidura fina, com 1,10 de largura e de cores amarelo, verde, azul e encarnado". Quanto aos expositores das baetas e, ainda mais, de cobertores trançados e chales-mantas de lã, diz a nota do catálogo apensa à relação dessas mercadorias, tratar-se de "uma empresa que começou a funcionar em junho de 1874". Com respeito à fábrica diz ainda a nota "que só emprega matéria prima do país e posto que já de um tamanho considerável, não se acha completamente montada, visto terem os empresários encetado seus trabalhos em menor escala, por não poderem obter do governo imperial a garantia que pediram — um privilégio por alguns anos" (25).

Uma fábrica de móveis, cujo mostruário é um dos mais completos, já é movida a vapor e, de acordo com a nota do catálogo, era montada "pelo sistema norte-americano", pertencendo-lhe "quasi exclusivamente" o fornecimento de cadeiras ordinárias a toda a província. Uma fábrica de sabão que apresentava como grande novidade a gravação de nomes nos seus artigos — em vez desses serem pintados — exhibia também a credencial de haver sido premiada na Exposição Universal de Paris, em 1866. Mas pertence, indiscutivelmente, ao trabalho artesão a palma desse certame. Um cofre de ferro, "à prova de fogo", que foi a primeira obra desse gênero feita na província, construiu-o o serralheiro-maquinista Emmerich Berta. E, assim, inúmeros outros objetos que, conforme já observamos em outras partes deste trabalho, constituíam a demonstração de uma intensa e reprodutiva atividade artesã, a caminho de uma vigorosa economia pequeno-industrial.

À medida que evoluíam as condições para o estabelecimento de relações comerciais internas mais regulares no país, a atividade manufatureira riograndense galgava naturalmente as etapas superiores. Já em 1895, o quadro das exportações do Rio Grande do Sul para os outros Estados do Brasil, através de Porto Alegre, têm uma especial significação. Vamos encontrar figurando nele vários produtos industriais que, não demonstrando apenas o desenvolvimento fabril da região, são sinais de uma alta capacidade de concorrência de sua economia, face a face com as mercadorias estrangeiras que chegavam às nossas praças sem o ônus do transporte caríssimo que pesava sobre as nossas.

Excluindo o charque, que é para a civilização riograndense o que o açúcar é para a civilização nordestina e cuja fabricação deve ser tida na conta de uma indústria natural (26), ainda assim não deixa de ser notável o movimento do nosso comércio de produtos industriais com o resto do país, numa época em que os mercados nacionais viviam numa dependência quasi sem remédio do fornecimento estrangeiro. A maioria dos artigos constantes dessa relação dos produtos industriais exportados está ainda longe de ser o resultado de uma transformação fabril. Nem poderíamos esperar que, em 1895, os processos mecânicos já houvessem substituído, entre nós, a habilidade manual. Todavia a exportação desses artefatos já é um sintoma de que a atividade artesã se desen-

(25) Catálogo da Exposição da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, 1875.

(26) "O Charque na Economia do Rio Grande do Sul" é um dos próximos trabalhos a serem publicados por esta D. G. E.

volvêra de tal maneira que, atingindo um grau de pequena concentração técnica, podia ir em conquista de mercados fóra da região. E é um "bom começo de carreira" que se vái descobrir nos quadros que se seguem organizados com os elementos da estatística do que foi exportado pelos tres principais portos do Estado durante o ano de 1895. Esse movimento, pelo porto de Porto Alegre, foi o seguinte:

PRODUTOS	Volumes	Valor
Banha	7.369.651 quilos	6.536:581\$
Papel de embrulho.....	15.838 résmas	9:246\$
Selins	829	16:716\$
Serigotes	2.650	23:558\$
Tamancos	17.590 pares	15:831\$
Pelegos	5.350	10:281\$
Escovas	1.065 dúzias	7:455\$
Caronas	10.526	67:475\$
Papelão	15.101 quilos	1:510\$
Chinélos	5.964 pares	6:834\$
Graxa	75.820 quilos	38:309\$
Calçados	2.193 pares	11:654\$
Fósforos	4.020 latas	82:650\$
Palas	2.167	25:805\$
Espartilhos	52 dúzias	2:340\$
Méias	625 dúzias	3:200\$
TOTAL.....		6.859:445\$

Nesse mesmo ano, exportava-se pelo porto de Rio Grande:

PRODUTOS	Volumes	Valor
Azeite dégua	400 litros	220\$
Banha	131.697 quilos	75:310\$
Arréios	20	420\$
Graxa	116.199 quilos	33:256\$
Tecidos	399.832 quilos	745:021\$
Sabão	49.803 quilos	15:875\$
TOTAL.....		870:102\$

Pelo porto de Pelotas é o seguinte o quadro dessa exportação:

PRODUTOS	Volumes	Valor
Aguardente e licores.....	2.070 litros	2:358\$
Arréios e pertences	12.149	47:538\$
Azeite dégua e de mocotó.....	15.504 litros	9:302\$

PRODUTOS	Volumes	Valor
Banha de porco.....	300 quilos	300\$
Cerveja	148.788 litros	45:336\$
Chapéus	1.197 duzias	33:179\$
Calçados.....	10.065 pares	29:110\$
Doces	2.195 quilos	2:090\$
Graxa	673.109 quilos	339:385\$
Malas	40	600\$
Mobílias	72	1:300\$
Manteiga	150 quilos	300\$
Objétos de vidro.....	4.250	2:125\$
Perfumarias	973 litros	1:866\$
Sabão	308.454 quilos	83:007\$
Selins	46	1:220\$
Vinho	36.693 litros	16:022\$
Xaropes	83.860 vidros	112:585\$
Chicotes	569	3:570\$
Biscoutos	8.476 quilos	5:933\$
Vélas	62.771 quilos	40:446\$
Xergões	870	1:740\$
Cochinilhos e pelegos.....	833	7:245\$
TOTAL.....	—	791:557\$

No ano seguinte, 1896, essa relação era aumentada com mais um artigo, *pregos ponta de Paris*, que figura com 5.800 quilos no valor de 2:900\$. As casemiras e outros tecidos de lã aparecem, naquêlê anno, na lista dos produtos industriais exportados pelo porto da capital do Estado, sendo de 199:990\$ o seu valor. Na relação das mercadorias exportadas pelo porto do Rio Grande, já aparece um produto industrial colocado no estrangeiro. Trata-se de *eixo de carreta* que, em numero de 1.439 e no valor de..... 2:678\$, vendemos para o Uruguái. Os mosaicos, também, já figuram na exportação pelo porto de Pelotas para outros centros do país, com 30 metros quadrados, no valor de 150\$.

Dessa maneira, a exportação de produtos industriais pelos três principais centros de escoamento do Estado atingia, na última década do Século XIX, a perto de..... 10.000:000\$. Certamente que muitos dêsses produtos não pôdem ser classificados rigorosamente como resultantes de operações fabrís. Mas já não são também "produtos naturais". E o que importa para este trabalho é o momento que essa semi-manufatura marca na evolução histórica da nossa indústria. Si é certo que estamos sempre restringindo o conceito de indústria às atividades fabrís independentes e si, até agora, demos a maior elasticidade possível a esse conceito, fizêmo-lo tão só no interesse da identificação do seu "processus". Não surgindo essa indústria "como um relâmpago no horizonte ou um ladrão na noite", tivemos de remontar a fatos antigos e circunstâncias passadas, com o fim de reconstituir o seu caminho. Já agora, no entanto, estamos diante de uma realidade industrial. Os quási 750 contos de réis de tecidos que, do porto de Rio Grande enviamos em 1895 para os mercados do país, bem como os quási

40 contos de chapéus que, do porto de Pelotas, distribuimos ao consumo nacional, constituem uma notícia de que a fábrica riograndense estava finalmente instalada na última década do século passado.

A ESTRADA LARGA Ajudada pela política protecionista da República, animada pelo pequeno mas indiscutível desenvolvimento da navegação de cabotagem, com uma tradição de trabalho formada numa admirável atividade artesã, a indústria riograndense foi encontrada pelo Século XX em tal grau de adiantamento e com tão notável potencialidade, que a Exposição de 1901, realizada em Porto Alegre, constituiu uma verdadeira parada de atividades fabris já vigorosas. O que em 1875 representava, por exemplo, o esforço de um serralheiro habilidoso e tenaz, já aparece nesse certame da aurora do nosso século como produtos de uma grande fundição, empregando cerca de 150 operários, dispoñdo de duas máquinas e vapor fornecendo força a 84 outras (27). Achavam-se essas oficinas "no caso de poderem atender cabalmente a tudo quanto diz respeito à indústria de ferro", constando dos seus mustuários, cofres, camas, fogões, canos, colovelos, armários, ventiladores, estufas, escadas, fechaduras, fechos, trinco, moinhos de vento com torre e bomba, télas metálicas, máquinas para matar formigas, sinos, grades, portões, bancos de jardim, prensas de copiar. E não se resumia ao "stand" de E. Berta & Cia. a exibição de objetos de ferro e metal de fabricação riograndense. José Becker & Irmão, proprietários de uma fábrica de fundição e construção naval, empregando 120 operários, expunham completo material para instalação de "rodas d'agua", moinhos, roldanas, rebocadores. As atividades fundidoras estavam largamente difundidas, estando representadas na referida exposição, afóra as duas já citadas, meia dúzia de firmas interessadas nessa exploração fabril (28). A respeito de uma delas, diz o catálogo que suas oficinas possuíam máquinas e aparelhos "os mais aperfeiçoados e modernos, sendo alguns de invenção própria". Essa fábrica, de propriedade de Só & Filhos, produzia motores a querosene, dos quais tinha "tipo próprio", já havendo construído uma máquina a vapor, "com uma caldeira da força de 125 cavalos". Uma outra, pertencente a Germano Ullner, "que últimamente tem executado várias encomendas para outros Estados da República", era especializada em construção de máquinas a vapor "de todos os sistemas os mais aperfeiçoados," estando toda a administração técnica a cargo do proprietário (29).

Não era menos notável o desenvolvimento dos outros ramos da atividade industrial, por aquela época, no Rio Grande do Sul. De acôrdo com a relação dos produtos expostos no certame a que vimos nos referindo, o trabalho fabril no Estado atingia em todos os setores um alto grau de animação. A indústria alimentícia, por exemplo, interessava a um sem número de razões comerciais e seus estabelecimentos se localizavam em vários municípios. As serrarias, as fábricas de móveis e calçados, as cervejarias e indústrias de construção se representaram largamente na Exposição de 1901 e o número de empresas a que se refere o catálogo diz bem do entusiasmo fabril que ia por toda a região. Da indústria da seda já ha notícias, através da exibição de alguns artigos, como sejam "lindíssimos chales", pelerines, meias, mantas, luvas. Todavia, ainda é uma atividade manual e que, si a ela nos referimos, é apenas para demonstrar a existência de um interesse pela ampliação do campo industrial, o que, por sua vez, prova a larga compensação que, já então, proporcionavam as explorações fabris.

(27) Catálogo da Exposição Estadual do Rio Grande do Sul, em 1901.

(28) Viuva Gustavo Hugo, Só & Filhos, Germano Ullner, José David e João Jacob Crussius, estabelecidos em Porto Alegre; Bernardo Thimmig, em São Leopoldo.

(29) O grifo é nosso.

Seria enfadonho fazer um relatório das atividades industriais no Rio Grande do Sul pelo princípio do século. Mesmo porque a simples enumeração não interessa ao espírito d'êste trabalho. Como documentação, visando assinalar um momento do desenvolvimento da nossa indústria, a que acabamos de expor é suficiente. Sômente mais uma referência comporta esta retrospectão: é a respeito da indústria têxtil. Vamos encontrar as atividades tecelãs em pleno regime de produção em grande. Os mais variados tipos de casemira, cobertores, flanelas, baêtas, mantas, constam das longas relações dos produtos expostos nos "stands" de cada fábrica. Essas fábricas, segundo reza o noticiário do catálogo, já têm uma produção anual que varia de 1.500 e 2.000 contos de réis, empregando até 300 operários. Seus mercados consumidores — o que é mais importante — já não se limitam à região, mas se encontram também no Paraná, em Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro, Baía e Pernambuco. Uma delas chega a possuir depósito em Desterro, Curitiba, Rio de Janeiro, São Paulo e Corumbá.

Infelizmente, não dispomos de informações a respeito do comércio exportador do Rio Grande do Sul por aquéla época, porque então poderíamos estabelecer com a estatística de 1895 — a que atrás nos referimos — a comparação necessária que nos fornecesse o índice do seu crescimento. Um documento oficial de 1901 informa que "no decurso do fluente teve a Diretoria de Estatística de abandonar todo o seu trabalho em elaboração para fazer o recenseamento da população a 31 de dezembro de 1900 que incumbe à União executar" (30). E, muito embora acrescente que a repartição competente, "distraída de seus trabalhos próprios durante 10 meses, ocupa-se agora daquêles serviços, devendo apresentar no fim d'êste ano relatório", êsse relatório é referente aos anos 1897-1899 (31). E, ou porque se descuidou de publicar os trabalhos porventura realizados, ou porque as publicações se tenham perdido — uma vez que não constam dos arquivos desta DGE — sômente com referência a 1909 é que vamos encontrar um boletim de informações estatísticas. E, assim mesmo, exclusivamente dedicado à demografia.

Todavia, é muito lógico que se conclua por um grande desenvolvimento das exportações industriais riograndenses no período que vái de 1895 a 1901. De outra maneira, não se compreenderia o desenvolvimento dos meios fabris de produção, registado nesse quinquênio. O poder aquisitivo regional não podia ter aumentado de uma hora para outra, de modo a ser causa do rápido progresso técnico havido. Pelo contrário, a última década do século, longe de haver sido um período de intensa atividade produtora no Rio Grande do Sul — o que poderia ter aumentado a capacidade de aquisição — foi um período de perturbações políticas, de conflitos armados generalizados. Não é mesmo nenhuma precipitação afirmar que, naquêle período, registou-se uma quêda no consumo regional. E a prova é que as indústrias cujos produtos eram colocados quási exclusivamente no Estado tiveram de diminuir sua produção. E' o caso, por exemplo, da indústria de chapéus. Segundo o histórico do catálogo da Exposição de 1901, a Fábrica Pelotense empregava, naquêle ano, 110 pessoas em seus trabalhos, "atenta a diminuição da produção em consequência da paralisação das vendas". Em ocasiões anteriores, referida fábrica chegara a ocupar 200 pessoas. E a produção que, no primeiro ano do nosso século, não passava de 400 a 500 chapéus por dia, já houvera atingido 800. Assim, si outras indústrias, nesse mesmo período de depressão no consumo estadual, progrediram tecnicamente e aumentaram o volume de sua produção, foi porque, indiscutivelmen-

(30) Relatório apresentado ao Presidente do Estado do Rio Grande do Sul pelo Secretário de Estado dos Negócios do Interior e Exterior, em 15 de agosto de 1901.

(31) Idem, em 20 de agosto de 1902.

te, tiveram alargados os seus mercados no resto do país. É essa expansão não se reduziu a uma simples compensação para o descenso das vendas no Estado, porque então a exploração fabril teria marcado passo. Constituiu, de fato, uma expansão natural. Apresentara-se, finalmente, a grande oportunidade.

A INDÚSTRIA DE POST-GUERRA Ao inquérito de 1907, seguiu-se a estatística da indústria fabril nacional, em 1911, realizada pelo Centro Industrial do Brasil com cálculos baseados na arrecadação do imposto de consumo. No ano seguinte, 1912, essa estatística nos é fornecida pelo levantamento geral dos impostos de consumo e de transporte, realizado pela Diretoria da Receita Pública do Tesouro Nacional. Depois, somente em 1916, é que vamos dispor de novas informações, através dos dados fornecidos pelo relatório da Diretoria do Centro Industrial do Brasil, da mesma maneira acontecendo com os anos de 1917 e 1918. Finalmente, em 1919, quando se encerra o período da nossa história industrial que se iniciou em 1890, esses dados já nos são fornecidos pelo recenseamento de 1920.

Até 1911, pretendemos haver traçado o quadro da nossa situação industrial. Restamos, assim, continuar a marcha do seu processo, baseados nas estimativas a que acabamos de nos referir. Podemos, assim, organizar o seguinte quadro do desenvolvimento da indústria brasileira no período 1911-1919, de acôrdo com o valor da produção fabril sujeita ao imposto de consumo (32):

ANOS	Valor da produção em contos de réis	Números índices Ano 1911 = 100
1911	438.468	100
1912	475.278	108
1916	790.964	180
1917	1.287.525	294
1918	1.490.291	340
1919	1.386.050	316

Neste pequeno quadro está perfeitamente definido o momento em que começamos a sentir a influência das situações decorrentes da economia de guerra na Europa. Do ano de 1916 para o de 1917, é que se verifica o maior salto para a frente. Todavia, essa situação ainda não está consolidada, é imediatamente consequente de circunstâncias alheias ao nosso determinismo econômico. E a prova é que, verificando-se ainda um aumento em 1918, logo em 1919 — isto é, no primeiro ano da reconstrução européia — assinala-se um descenso com relação ao período anual anterior. É evidente que esse pequeno recuo foi causado pela circunstância da nossa indústria não estar, naquele momento, organizada historicamente, mas apenas preparada para funcionar em ocasiões anormais da economia mundial. Dessa maneira, o decréscimo que se constata deve ter funcionado como um reajustamento. A própria média anual do valor da produção que, no período 1911-1919, ultrapassou de 650 mil contos de réis baixa a

(32) Estatística da Produção Industrial do Brasil (Dos produtos sujeitos ao imposto de consumo arrecadado pelo Governo Federal), 1915-1929. Publicação do Departamento Nacional de Estatística.

640 mil contos de réis, considerando-se os quinze anos que vão de 1911 a 1925. E, se considerarmos o período 1920-1925, isto é, o imediato após-guerra, essa média se restringe a pouco mais da metade, comparada com a de 1911-1919 — próxima a 400 mil contos de réis.

No entanto, quanto ao desenvolvimento industrial absoluto, é sempre crescente de ano para ano, excetuando-se de 1918 para 1919, de 1925 para 1926 e de 1928 para 1929. Verifica-se, porém, que esses descensos só o são relativamente ao período anual anterior. Por exemplo, si o valor da produção em 1918 é maior do que em 1919, o deste ultimo ano é ainda superior ao de 1917. E, assim em todos os outros casos que citamos. Quanto à média anual sóbe no quadriênio 1926-1929 a cêrca-de 1.800.000 contos, concorrendo para que a média geral do período aqui referido — 1911 a 1929 — atinja a quasi 1.400.000 contos de réis. E' o que poderemos constatar no quadro abaixo que continúa o anterior e tomando ainda para referência o ano de 1911:

ANOS	Valor da produção em contos de réis	Números indices Ano 1911 = 100
1911	438.468	100
.....
1925	3.775.833	861
1926	3.664.748	836
1927	4.095.472	934
1928	4.685.917	1.069
1929	4.393.777	1.002

Recapitulando: a média anual do valor da produção no período 1911-1919 por força do extraordinário desenvolvimento verificado durante os anos da guerra européia, atingiu a 650 mil contos de réis. Em seguida à conflagração no período que vái de 1920 a 1925, essa média baixa a 400 mil contos. A interpretação desse fenômeno é a seguinte: vários elementos da nossa produção fabril, cujas condições de existência se encontravam no fato de uma perturbação das relações econômicas mundiais, tiveram de ser sacrificados quando, cessada a guerra, as velhas indústrias que dominavam comercialmente o mundo procuraram reconstruir o sistema dos seus mercados. Esse período constituiu a fase da nossa vacilação industrial, contra a qual principiamos a reagir no próprio ano de 1925, aproveitando-nos da experiência adquirida enquanto o Velho Mundo era teatro de um longo conflito armado. Mas isso não foi tudo, nem seria coisa alguma, si outro fator não viesse em nossa ajuda. Dificilmente, nossa jovem indústria teria resistido à contra-ofensiva dos centros fabris estrangeiros, desencadeada assim que a humanidade européia depôs as armas. A proteção tarifária não a defenderia de um assalto, organizado com os extraordinários recursos técnicos adquiridos durante a desesperada economia de guerra e transferidos para a produção de paz. Que outro elemento, pois, interveiu favoravelmente no "processus" da economia industrial brasileira?

A partir de 1919, o mil réis desvaloriza-se sempre e sempre no curso internacional. Já em 1923, êle bate o primeiro "record" de desvalorização em toda nossa história. Dêsse momento em diante, só ha ocasiões para se assinalar baixa sobre baixa. E

esse aviltamento cambial, reduzindo o nosso poder de aquisição para os mercados estrangeiros, funcionou como uma verdadeira muralha que houvésemos erguido paralelamente à barreira alfandegária. E como, bem ou mal, o regime econômico fatalmente autarquizante a que fomos conduzidos, determinou uma resistência à depressão que sofremos na órbita do comércio exterior, a valorização do trabalho nacional eliminou em grande parte as consequências da vida cara. Dessa maneira, a fábrica brasileira pôde contar com uma média de aquisição para os seus produtos economicamente satisfatória ao interesse do seu rendimento. E, embora esse fato venha demonstrar que se elevou o nosso padrão de existência, sua principal consequência não é essa, todavia. O mais importante efeito do câmbio a taxa vil foi se virem forçadas certas indústrias tradicionais estrangeiras a fundar estabelecimentos entre nós. A princípio, os capitais para essas instalações e para movimentar a produção vieram para cá por simples jogo, com a finalidade de contornar os obstáculos que se opunham ao comércio dos produtos estrangeiros. E apesar de sua aplicação entre nós já não se realizar concessionariamente, apesar de suas empresas funcionarem no mesmo pé de igualdade de todas as outras explorações, ainda assim, só havíamos caminhado metade do caminho. Os dividendos dessas companhias sendo exportados religiosamente mantinham o caráter estrangeiro dos "investments". E, então, era o mesmo que, como nos tempos coloniais, mandarmos nosso ouro para a metrópole. A diferença é que a metrópole, no último caso, não era mais política e sim financeira.

No entanto, não demorou muito para que percorrêssemos a metade do caminho que nos faltava cobrir. Uma série de leis nacionalistas chegou a tempo de evitar a exportação dos lucros das empresas estrangeiras. Controlou-se o mercado de cambiais. Centralizou-se o comércio do ouro. Suspendeu-se o pagamento da dívida externa. E, dessa maneira, foi-nos possível resistir às consequências de não termos câmbio e até enfrentar com galhardia a espantosa crise universal, iniciada em 1929 pelo catastrófico "crack" da Bolsa de Nova York. E é justamente quando as mais velhas e sólidas economias nacionais sofrem a mais terrível depressão de que há notícia em toda a história da humanidade — a ponto dos prejuízos causados representarem várias vezes mais do que a importância dos gastos de todos os beligerantes da Grande Guerra (33) — é justamente nesse momento que se assiste no Brasil ao mais notável surto de trabalho de todos os tempos. Depois de 1930, chega-se a ter a impressão de que foram revolvidas no país as mais profundas e vigorosas energias.

A CONCENTRAÇÃO INDUSTRIAL O inquérito de 1911, realizado pelo Centro Industrial do Brasil à base da estatística do imposto de consumo, dava como existindo no país 11.335 estabelecimentos fabris, com uma produção no valor de 438.468:000\$. No ano seguinte, outro inquérito, realizado pelo mesmo critério de investigação — dessa vez da iniciativa de uma Diretoria do Ministério da Fazenda — concluiu pela existência de 9.475 fábricas, com uma produção no valor de 475.278:000\$. Houve, assim, um decréscimo no número de fábricas e um pequeno aumento no valor da produção. Isto é, a relação entre os dois resultados já indica um movimento de concentração, uma vez que se traduz no aumento da média de produção por fábrica que é de 39 contos aproximadamente para 1911 e de 50 contos para 1912. Tendo-se em conta, porém, que o valor da produção é, por sua vez, um valor relativo — pois um mesmo produto pôde ter várias cotações comerciais em diferentes períodos — o melhor será estabelecer a comparação com referência ao capital empregado.

(33) Guglielmo Ferrero — "Preço da Crise" artigo publicado nos "Diários Associados", em 1932.

Antes de tudo, desejamos explicar que os dados de que estamos lançando mão não exprimem de maneira absoluta a situação industrial brasileira. Por força da ausência de inquéritos gerais anteriores ao recenseamento de 1920, somos obrigados a fazer nossa análise num setor estatístico restrito — nesse caso, o das indústrias sujeitas ao imposto de consumo. A realidade que alcançamos é, portanto, uma realidade relativa, mas através da qual é sempre possível calcular o desenvolvimento absoluto da economia fabril nacional. E' de se crer que o nosso progresso industrial não se tenha realizado sómente no campo em que incide aquêle imposto, sinão somos forçados a concluir que contribuir por aquêla rubrica fiscal deve constituir uma condição essencial para que uma indústria se desenvolva. Retomando, pois, o fio do nosso trabalho, vejamos como se expressa o progresso da nossa economia industrial, comparando os resultados dos inquéritos de 1912 e 1920. O pequeno quadro abaixo demonstra-o eloquentemente:

Número de estabelecimentos		Capital (contos de réis)		
1912	1920	1912	1920	Diferença para mais (%)
9.475	3.850	485.011	939.214	93,6

Como se vê, em menos de dez anos o número de estabelecimentos se reduz a quasi um terço, enquanto o capital industrial aplicado quasi duplica. Em 1912, a média de emprego dos capitais por fábrica era de 52 contos de réis, aproximadamente. Em 1920, essa média sóbe a 244 contos, mais ou menos. E' que a officina já não é mais a nota técnica dominante. As grandes fábricas já estão levantadas. Desse momento em diante, a concentração fabril se fará cada vez mais irresistivelmente, em demanda de uma "produção em grande" sempre maior. No caso especial do Rio Grande do Sul, é o seguinte o quadro dessa concentração:

Número de estabelecimentos		Capital (contos de réis)		
1912	1920	1912	1920	Diferença para mais (%)
1.199	453	32.036	59.462	85,6

Como para o caso geral brasileiro, o número de estabelecimentos se reduz a quasi um terço e si o capital empregado na indústria riograndense não guarda a mesma relação, comparando-se os dois quadros, a diferença entre um e outro é de apenas 8%. Em compensação, a relação entre o capital e o valor da produção, em 1920, é de 70, 6% para o Rio Grande do Sul, enquanto para o Brasil em geral é de 63, 5% (34). Quanto à posi-

(34) Recenseamento do Brasil, Vol. V (1.ª parte), INDÚSTRIA.

ção industrial, relativamente às outras unidades federadas, o Rio Grande do Sul ocupava o 3.º lugar, de acôrdo com o recenseamento de 1920, vindo em seguida a São Paulo e ao Distrito Federal. O quadro abaixo, organizado pela ordem do valor da produção e com especificação do montante do capital empregado e da força motriz, dá a colocação das cinco principais economias fabris estaduais, pela época daquela operação censitária:

Unidades Federadas	Capital empregado (Contos de Rs.)	Força Motriz (H. P.)	Valor da produção (Contos de Rs.)
São Paulo	537.817	94.099	986.110
Distrito Federal	441.669	69.703	666.276
Rio Grande do Sul.....	250.690	30.345	353.749
Rio de Janeiro	126.206	25.020	184.161
Minas Gerais	89.775	22.272	172.061
Pernambuco	90.981	14.957	136.479

Neste outro quadro, vamos encontrar a relação entre a economia industrial riograndense e a de todo o país:

Designação	N.º de estabelecimentos	Capital empregado		Força Motriz		N.º de operários		Valor da produção	
		Contos de Rs.	%	H. P.	%	Total	%	Contos de Rs.	%
Brasil	13.336	1.815.156	100,0	310.424	100,0	275.512	100,0	2.989.176	100,0
R. G. do Sul	1.773	250.690	13,8	30.345	9,8	24.661	9,0	353.749	11,8

Este quadro ainda nos revêla que, enquanto a média geral brasileira de aplicação do capital industrial era de cerca de 136 contos de reis por estabelecimento, a do Rio Grande do Sul era de 141 contos aproximadamente. Uma série de outras comparações ainda poderiam ser levadas a efeito e que viriam confirmar a posição de relêvo da indústria riograndense no panorama geral desse importante setor da economia nacional. Mas isso seria alongar inutilmente o trabalho com considerações que fogem completamente ao seu esferito e em benefício, tão só, de uma demonstração apologética — coisa de que, absolutamente, não cogitamos.

A INDÚSTRIA DA OCUPAÇÃO ECONÔMICA

Terminada a Grande Guerra, a economia nacional iria passar por bem rudes provas. Diferentes circunstâncias comerciais, determinando um comportamento verdadeiramente antagônico ao desses quatro anos de relações extraordinárias, teriam de afetar profundamente a estrutura das forças brasileiras de produção. E, entre essas forças, a indústria — principal beneficiária das situações criadas pelo conflito europeu — haveria de ser a mais atingida. Sigamos, pois, a marcha do fenômeno.

De acôrdo com as leis do comércio clássico, a corrente de ouro dirigida para o Brasil em virtude do excesso das exportações sobre as importações durante o período da conflagração, determinaria forçosamente, sobre suas pegadas, uma corrente de mercadorias (35). Dessa maneira, o mercado do país ia ser teatro de uma luta desesperada conduzida pelo interesse de recuperação dos antigos centros fornecedores de produtos industriais. E todo o nosso esforço, conseqüentemente, redundaria em simples exploração de um momento singular da economia mundial. Nessas condições, não seria a tarifa aduaneira que haveria de deter a ação dos "reinvindicadores" do nosso mercado.

Somente na suposição de uma igualdade de situação entre a nossa indústria e a estrangeira, a barreira alfandegária poderia constituir defesa suficiente. Esse, porém, não era o caso, evidentemente. Como já tivemos ocasião de aludir no capítulo anterior, coube à desartificialização do nosso câmbio tornar inexpugnável a muralha do protecionismo industrial. Em outra ocasião da nossa história, era muito possível que esse aviltamento da moeda brasileira no curso internacional acarretasse uma bancarrota econômica, com um cortejo de misérias chinesas. Mas, no momento em que se verifica essa desvalorização cambial — usemos o termo impróprio — já se acham lançadas, finalmente, as linhas gerais do "imperius" brasileiro.

O mercado interno do país, relegado até então à maior indiferença da nossa política da produção — se se pode chamar de política à absoluta ausência de sistema nas nossas relações econômicas — o mercado interno adquiriu com a guerra uma realidade nacional, isto é, uma realidade em função do produzido no Brasil. E é o aparecimento desse mercado que, neutralizando as conseqüências da depressão do nosso comércio exterior, possibilitou a resistência de uma economia fabril ainda incipiente, sem tradição técnica, sem organização comercial e, sobretudo, sem a assistência de poderosos capitais. Pouca gente conhece a luta cruel, sem tréguas e sem piedade, que foi levada a efeito contra as nossas realizações industriais, comandada de fora e custeada por "trusts" que não vacilavam ante os prejuízos tremendos que lhes ocasionava o "preço de combate". E' que, uma vez sufocada a fábrica nacional, seria facilímo a essas organizações internacionais — como dominadoras únicas do nosso mercado — ditar as condições que resarcissem aqueles prejuízos. (36).

(35) Gottfried Haberler — *El Comercio Internacional*, Editorial Labor S. A., 1936.

(36) Um dos casos típicos dessa luta, verdadeiramente simbólico, constitue, sem dúvida alguma, o da Fábrica de Linhas da Pedra, em Alagôas. Durante vários anos, o "trust" internacional moveu uma campanha de impiedosa concorrência contra esse

Essa situação, indiscritivelmente angustiosa, caracterizou o imediato após-guerra — isto é, um dos mais perigosos momentos de transição da economia industrial brasileira. Não fôsem as novas circunstâncias históricas das relações econômicas internacionais e teria ruído o edifício fabril que havíamos erguido, pois que, da nossa parte — inconvenientes sebastianistas de uma prosperidade trazida pela mão do comércio exterior — nenhum passo chegou a ser dado no sentido de assegurar a existência da indústria nacional. Até pelo contrário, confundindo lamentavelmente causa com efeito, só muito mais tarde é que nos apercebemos de estar remando contra a maré. Levamos tempo para nos convenceremos que a situação, depois da conflagração européia, não poderia mais ser tratada em função das idéias clássicas. Pode-se mesmo dizer que essa convicção — ainda não suficientemente arraigada, todavia — só veio tornar-se um elemento integrante da nossa mentalidade econômica, quando fomos surpreendidos pelo poder de resistência da nossa economia em face da espantosa crise universal iniciada em 1929.

O receio de que, perdendo terreno nos mercados internacionais, a produção geral brasileira viesse a sofrer um colapso que colocaria o país num regime de miséria endêmica, comovia de maneira profunda a opinião influente nos destinos da Nação. Foi preciso que o mundo sofresse os efeitos de um verdadeiro cataclisma econômico para que se viesse a sentir no Brasil a existência de condições imperiais, cujo aproveitamento poderia compensar admiravelmente a retração, ou melhor, o bloqueamento dos mercados externos. Mais ainda, sentiu-se que essas condições já estavam sendo naturalmente aproveitadas. Não só nenhum esforço havia sido feito para isso, como, também, a exploração sistemática do nosso mercado interno não tinha sido motivo de qualquer cogitação teórica. Fazer ouro, vendendo ao estrangeiro, constituía a única norma econômica verdadeiramente digna desse nome. Com efeito — perguntava-se — se não colocamos nossos produtos no exterior, como arrajarmos meios de adquirir as utilidades de que necessitamos e que somente a indústria de outros países poderá fornecer-nos? Essa pergunta, que é apenas a forma interrogativa de um princípio do comércio livre, continuou sendo feita através dos tempos, a-pesar-da febre autárquica que tomou conta do mundo, a-pesar-das nossas chaminés e — coisa estranha — a-pesar-de já haver sido respondida admiravelmente por um relativo fechamento da nossa economia, de há alguns anos a esta parte.

O "IMPERIUS" BRASILEIRO Já tivemos ocasião de aludir, linhas atrás, a um fenômeno que ainda não mereceu a consideração devida pela discussão que se mantém permanentemente sobre questões, idéias, diretrizes, organização da economia nacional. E se é certo que a atenção de vários estudiosos já se voltou para o citado fenômeno, isso tem acontecido sem grande repercussão como assunto para técnicos ou diletantes. Queremos nos referir ao fato de, com uma moeda desvalorizada no curso internacional, a existência brasileira não se haver ressentido dos seus desastrosos efeitos, como seria de esperar, de acôrdo com a interpretação comercialista do progresso econômico.

Que milagre teria sido esse?

Depois da Grande Guerra, o que era simplesmente um "país geográfico" com a denominação política de Estados Unidos do Brasil, passou a ser um "imperius" econômico

estabelecimento nacional, pondo à prova uma das mais admiráveis fibras de caboclo a serviço de uma indústria que não era sua somente, mas do país também. O fim dessa luta deve ficar na lembrança de todos os que aspiram a uma completa emancipação econômica nacional. Assassinado o homem que resistia, não foi difícil ao "trust" comprar a fábrica e... jogar toda a maquinária nas águas do Rio São Francisco.

que o crescente desenvolvimento dos meios de comunicação iria cristalizando, condensando, dando força à sua unidade histórica e sentimental. A "marca de fábrica" nacional foi expulsando as "trade marks" e a produção natural foi se intercambiando facilmente dentro de um largo espaço comercial economicamente diversificado. Em uma palavra, o mercado interno que, até então, só havia funcionado em relação do fornecimento estrangeiro — e funcionado galhardamente — passou a ser explorado pelo interêsse de colocação do que é produzido no país. Deu-se, assim, uma simples trasposição, no espaço geográfico, de correntes comerciais vulgares, sem que isso viesse ser causa de qualquer prejuízo ou de qualquer modificação profunda no comportamento das nossas forças históricas. É que, teoricamente, o comércio entre várias regiões de um país é determinado pelas mesmas regras do comércio entre as Nações, principalmente quando esse país, como o nosso, pode ser considerado física e economicamente um grupo de nações (37).

Essa entrada do mercado interno no conjunto das circunstâncias amparadoras da nossa produção, numa hora em que os centros de consumo do exterior levantavam muralhas proibicionistas, só foi possível porque a indústria nacional já havia atingido o grau de progresso necessário para satisfazer às necessidades nacionais de manufaturas. Se não fôsse assim, a pergunta clássica, atrás referida ficaria, evidentemente, sem resposta. Desceria espantosamente o nosso nível de vida e perigaria nossa própria existência nacional. No entanto, o que se verificou foi um contrabalanço saudável. Ao mesmo tempo em que se aviltava o poder aquisitivo da moeda brasileira nos mercados externos, esse poder se mantinha com muito pouco desfalecimento nos mercados internos. Nesse sentido, o trabalho de autorizado técnico em assuntos econômico-estatísticos constitui notável esclarecimento e — mais do que isso — esplêndida palavra de ordem nesse momento em que se procura reajustar o sistema nacional da produção.

De acôrdo com essa importante contribuição ao estudo de um dos mais interessantes momentos da nossa história econômica, foram as correntes comerciais internas que, "absorvendo a maior parte da nossa produção, nos temperaram economicamente para a eficaz resistência que oferecemos aos efeitos da depressão econômica iniciada em 1929. Além de garantirem a estabilidade dos preços até 1933, quando a reação se iniciou no sentido da alta, fizeram, por sua capacidade de distensão, o papel de agente espontâneo de reação contra a crise mundial" (38). Essa resistência se evidencia eloquentemente da seguinte série de índices do comércio geral brasileiro, organizada pelo autor do trabalho a que estamos nos referindo para ilustrar sua oportuníssima tese:

A N O S	Cabotagem	Exportação para o exterior
1930	100	100
1931	105	98
1932	111	72
1933	120	84
1934	134	96
1935	140	121
1936	152	137
1937	162	145

(37) Gottfried Haberler — Ob. citada.

(38) Barreto Falcão — Comércio Interno do Brasil.

Como se vê, à medida que decaí o nosso comércio com o mundo depois de 1930, atingindo seu mais baixo índice em 1932 (ano em que o nosso maior centro exportador era teatro de uma longa luta civil) e só ultrapassando a referência em 1935 — à medida que decresce nosso movimento de exportação para o estrangeiro, o comércio de cabotagem vai sempre em ascensão a ponto de, em 1937, ser de 62% superior ao de 1930. A mesma conclusão é verdadeira para a análise da série dos valores, cujo ritmo, aliás, é mais acelerado, de acôrdo com a investigação realizada por Barreto Falcão, conforme se verifica no quadro abaixo:

A N O S	Cabotagem	Exportação para o exterior	
		£ £ ouro	Contos
1930	100	100	100
1931	109	75	117
1932	114	58	87
1933	124	54	97
1934	135	54	119
1935	160	50	141
1936	184	59	168
1937	207	65	175

Essa imposição do mercado interno, tão admiravelmente evidenciada na apreciação dos quadros acima, possui uma significação, não apenas econômica, como, sobretudo, histórica. A alta vitalidade que, através deles, revela nossa economia, não constitui a única e importante realidade. A análise dessas séries nos conduz, especialmente, à seguinte constatação: *chegou a oportunidade de se realizar no Brasil uma política imperial da produção*. E, se se quiser interpretar "materialisticamente" os últimos acontecimentos que imprimiram à fisionomia política brasileira um sentido muito mais profundo do que vulgarmente se julga, iremos encontrar sua justificação "infra-estrutural" no interesse, já agora inadiável, da formação do nosso "imperius". E como, quem fala em economia imperial, falará forçosamente em economia industrial — de tal maneira a atividade fabril condiciona um comportamento comercial imperialista — a história dessa nova situação deve ser feita através do desenvolvimento da nossa indústria. Em 1936, o comércio intra-fronteiras das manufaturas nacionais apresenta um volume superior de 65% ao do movimento de 1930, sendo a seguinte sua série anual em índices (39):

A N O S	Comércio interno de Manufaturas
1930	100
1931	107
1932	108
1933	120
1934	139
1935	151
1936	165

(39) Organizada com elementos do citado trabalho de Barreto Falcão.

Esse crescimento constante não revela apenas uma evolução comercial. É sim, e principalmente, uma emancipação. Não é sua realidade em extensão o que mais importa, mas sua significação em profundidade. Já estamos descansados, depois disso, daquela absorvente preocupação de manter aceso o fogo do nosso comércio com o mundo, pois, se ainda necessitamos de uma disponibilidade de *dívidas* representada em altas somas, existe também um poderoso interesse estrangeiro recíproco. Os Estados Unidos, que desejam vender-nos o seu petróleo e suas máquinas, serão sempre bons fregueses do nosso café. A Alemanha, que não deseja perder nosso mercado para suas manufaturas, comprará sempre nosso algodão, nossa madeira, nossos alimentos. A Inglaterra, da mesma maneira, será sempre fregueza dos nossos couros, das nossas frutas. E assim por diante. Todavia, já são tais as condições econômicas e técnicas do Brasil que, se algum dia, o nosso comércio com o mundo não nos proporcionar as disponibilidades cambiais suficientes para a aquisição das mercadorias que integram nosso movimento importador, não há dúvida alguma que nos supriremos a nós mesmos, embora isso importe, a princípio, em pesado sacrifício para a coletividade nacional. Mas, não é de rosas que está atapetado o caminho do céu...

A INDÚSTRIA IMPERIAL Pode-se dizer que somente a partir de 1930, a economia fabril brasileira encontrou seu sentido histórico. Até então, limitadas as nossas providências industrializantes a uma mera polícia protecionista, muito interesse privado se sobrepôs, não apenas ao interesse coletivo, mas — o que é mais grave — à realização de toda idéia de grandeza nacional. Por mais paradoxal que pareça, a atividade manufatureira entre nós sofreu uma certa limitação, comandada pelos próprios grupos que a dominavam, interessados no lucro artificial do mais alto preço possível, em vez de perseguirem o benefício lógico decorrente de um aumento sempre e sempre maior da produção. Neste último caso, o preço dos produtos se tornaria mais acessível, generalizava-se o seu consumo e aumentavam as oportunidades de trabalho, não só nas fábricas como no próprio campo. Isso não aconteceu até há bem pouco tempo, porque, de cumplicidade com o câmbio a taxa vil e com a tarifa alfandegária, grande parte do nosso parque industrial pôde contrariar, em detrimento da economia pública e da nossa fatalidade de expansão comercial interna, as leis mais elementares do rendimento mecânico das instalações. Era o mesmo que “estarmos utilizando um guindaste para levantar uma barra de sabão” (40).

Assim, a chamada “indústria fictícia” era realmente artificial. Nossa economia fabril sofreu, durante muito tempo, a influência de princípios nitidamente comerciais. E isso foi de desastroso efeito, pois é do caráter histórico de toda iniciativa industrial — como o é das explorações agrícolas — satisfazer finalidades sociais e patrióticas, caráter esse que mui raramente se descobrirá em atividades exclusivamente mercantis. Dêsse modo, a falta de razão dos que combatiam nossa política industrial não residia, absolutamente, em criticar essa situação e sim no fato de orientar essa crítica por uma espécie de iconoclastia. Confundia-se, com uma cegueira de intolerantes, um aspecto da questão com a própria questão. A controvérsia assumiu o caráter de luta entre duas economias — justamente as duas históricas — prejudicando enormemente aquela harmonização das diversas forças produtoras. Essa harmonização, tão dogmaticamente declarada impossível numa sociedade liberal pelos críticos socialistas (41), não tem nada

(40) Limeira Tejo — *Brejos e Carrasenta do Nordeste*, “Edições Cultura Brasileira S. A.” São Paulo, 1937. (Na parte em que critica a economia da usina açucareira).

(41) Lenine: *El Estado y la Revolución* — “Ediciones Europa-America”, París-Buenos Aires, 1928.

de irrealizável na nossa sociedade americana, ainda não complicada pelos problemas do super-capitalismo. Nossa formação ocidental é "falsa", no sentido em que a entende um historiador dos nossos tempos (42). Falsa deve ser também toda regra clássica em sua aplicação a questões de um mundo jovem. A medida do "produzido" de maneira nenhuma poderá servir ao "produzindo-se". Entre a civilização que nos está determinada e a que se determinou na Europa, não cabe uma sequência de fenômenos. Existe um salto. Entre a história do Velho Mundo e a que se está realizando no Novo, não se pode lançar uma ponte. No máximo, elas comportam uma assintota, como os dois ramos de uma hipérbole.

Onde estaríamos hoje se, em vez de havermos procurado soluções próprias para a nossa situação econômica, tivéssemos perseguido fórmulas clássicas, numa hora em que o mundo dessas leis se apresentava totalmente subvertido por uma crise imensa? Ou melhor: que destino estaria reservado não só à nossa economia, como ao nosso próprio ideal nacional, se essas leis e regras constituíssem verdadeiramente um sistema rígido, fora do qual toda salvação fosse impossível? E, se nos salvamos a despeito dos axiomas e dos princípios sobre que se baseia a felicidade material de uma Nação — concebida doutrinariamente no equilíbrio, pelo menos, de suas relações comerciais com as outras — não será porque aquelas leis e aquelas regras *já não possuem mais nenhuma realidade* para a nossa história? Quando uma história começa a apresentar-se com um certo sabor de mistério para os que, profissionalmente, investigam suas causas — é porque essa história é "diferente", é uma história completamente *outra*. Com toda sua vocação matemática, Euclides nunca conseguiria compreender Gauss. O mundo físico da geometria grega não possui nenhuma relação de cultura com o mundo abstrato do cálculo infinitesimal do Ocidente (43). Da mesma maneira, o assombro, a incompreensão dos economistas estrangeiros diante do fenômeno brasileiro da moeda desvalorizada no curso internacional e crescendo em poder aquisitivo no mercado interno, devem ser tidos na conta do efeito de um deslocamento do plano histórico. A análise dessa questão deve ser, portanto, realizada não apenas em função dos nossos elementos e das nossas relações de produção. É sim — muito mais profundamente — em razão dos próprios fundamentos históricos da nossa existência em movimento. Só um historiador dotado daquele extraordinário poder de "visão total" de um Goethe poderá levá-la a efeito. Dispensamo-nos, pois, dessa análise. Basta que, no conjunto das circunstâncias atuais, ponhamos em evidência o papel a ser representado pela indústria e acompanhemos, através do seu desenvolvimento, sua caracterização imperialista. Esse imperialismo, todavia, deve ser compreendido como uma força de expansão lógica dentro de um "imperium" geográfico já definido e não como um elemento de dominação.

O problema brasileiro é o da *ocupação econômica* de um vasto território até então sob jurisdição teórica, ou — melhor dito — até então guardado como reserva. As circunstâncias estão agindo, há já dez anos, no sentido de se efetivar de vez essa ocupação. Não é à-tôa, portanto, que a partir de 1930, a indústria nacional vá perdendo sua antiga feição comercialista a ponto de, em plena crise mundial, constituir um esteio da resistência de nossa economia ao desastroso fenômeno. Inconscientemente, a princípio, politicamente depois, nossas providências protecionistas foram perdendo o caráter policial e se impôs com toda eloquência o problema da expansão. No último capítulo, quando nos referimos às medidas postas em prática afim de evitar a fuga para o estrangeiro do capitais já realizados no país, pretendemos ter focalizado o problema dessa expansão. Dêsse momento em diante, o que era uma simples proteção, facilmente ex-

(42) Spengler: *La Decadencia de Occidente* — "Espasa-Calpe", Madrid 1923.

(43) Spengler: *Idem*.

plorável pela ambição do lucro comercial de grande número de empresas, transformou-se em verdadeiro plano de economia nacionalista. Esse dinheiro que exportávamos sob a forma de dividendos e juros dos chamados "capitais de instalação", representava produto do trabalho nacional — mercadoria, portanto — que se enviava para exterior, sem a compensação de uma corrente contrária de mercadorias estrangeiras, ou do ouro correspondente à sua venda (44). E nenhuma sangria é mais depauperadora do que essa. No momento em que a estancamos — isto é, a partir de 1930 — é como um sangue novo correndo nas nossas veias. Nossa indústria perde sua feição de intermediária entre os centros internacionais do capital financeiro e os centros de consumo nacionais, para adquirir, finalmente, seu caráter histórico — o de *força propulsora da economia nacional de ocupação da imensa base física da comunidade política brasileira*.

É preciso, porém, não subestimar o papel que a fábrica desempenhou na história de nossa tentativa de emancipação econômica, mesmo antes de sua integração efetiva no conjunto dos elementos basilares dessa política. Descaracterizada embora, fundada sobre princípios mercantis e, ainda mais, servindo de pretêsto para que as empresas industriais estrangeiras pudessem atravessar a barreira alfandegária e a muralha do câmbio vil, assegurando-se de um lucro que nos deixava em todos os balanços para ganhar a pátria de origem do "capital de instalação" — mesmo assim, o papel da fábrica dominada ainda por esses princípios propriamente não industriais, foi decisivamente salutar. Valeu por uma escola técnica, por uma experiência e — melhor ainda — pela oportunidade que ofereceu para uma observação direta e prática das particularidades econômicas nacionais, tendo-se em conta o interêsse de sua dinâmica. E esse serviço — que compensou de muitas vezes o primeiro comportamento comercialista da nossa indústria — foi que permitiu a ação imperial, centralizadora, num dos seiores mais fragmentados da existência brasileira: o setor econômico.

Infelizmente, não podemos acompanhar estatisticamente a passagem da indústria mercantil para a indústria econômica. Até quase nossos dias, não se dava a devida importância às investigações dessa natureza. É uma própria publicação oficial que, referindo-se à sua esfera de divulgação, confessa que "a estatística brasileira, considerada na sua expressão sintética", encontrava-se, por ocasião do levantamento de 1936, "atrasada de quase um quarto de século". (45). O material de que podemos dispor, já se acha rápida mas objetivamente criticado em páginas atrás. Na impossibilidade, nesta altura, de realizarmos uma pesquisa em documentos esparsos — nem sempre facilmente à nossa mão — permitimo-nos dispensar a documentação estatística competente dessa "passagem de fase" da nossa indústria. Outros que façam trabalho idêntico sem a pressa sintetizadora que caracterizou o nosso, preencherão, certamente, a falha que se apresenta aqui, não tanto por nossa culpa como pela natureza de uma simples introdução.

ÚLTIMA ETAPA DA INDÚSTRIA RIOGRANDENSE No princípio deste século, a fábrica riograndense já ia perdendo o seu caráter regional. Em capítulo anterior tivemos ocasião de estudar a marcha da distribuição comercial das manufaturas regionais e relacionar o desenvolvimento desse comércio com a crescente definição do mercado interno do país. Quando se impuseram os interêsses de uma economia imperial no Brasil, o novo estado de coisas não surpreendeu o "espírito fabril" do Rio Grande do Sul. Até pelo contrário, encontrou-o compatível

(44) Henry George: *Proteção ou Livre Câmbio?* — "Editora Casa Mandarino", Rio 1938.

(45) *Anuário Estatístico do Brasil*, Ano II, 1936.

com a exigência dos novos tempos econômicos. De-certo que, mesmo atualmente, as organizações industriais gaúchas não possuem esse grau de "grandiosidade" de algumas outras do país. Mas se apoiam, sem dúvida alguma, em base mais sólida, representada no fato de possuírem uma tradição de trabalho — de possuírem uma história, portanto. Como procurámos explicar páginas atrás, o desenvolvimento das atividades industriais riograndenses se processou evolutivamente. E se isso implicou, de certo modo, um progresso mais lento, permitiu, em compensação, um estruturamento seguro dos seus elementos. O que, para muita iniciativa industrial no Brasil, representou uma simples aventura comercial, uma simples oportunidade lucrativa para o emprêgo de capitais, adquiriu no Rio Grande do Sul o prestígio de uma ação produtora — uma ação econômica.

Mas, deixemos de lado essas "virtudes", pois já pretendemos havê-las criticado em outra parte do presente trabalho. O que importa agora é a estatística do nosso progresso industrial e não o seu "processus". Desta vez, já possuímos um termo de comparação, que é o Recenseamento de 1920. Infelizmente, entre aquele ano e o de 1937, só nos é possível estabelecer o crescimento médio anual do período, pois nenhum levantamento foi realizado sistematicamente. Como ficou visto atrás, os resultados daquele censo, comparados com os do inquérito de 1912, já assinalam significativa concentração industrial. Essa concentração, por sua vez, indica progresso técnico, ampliação da capacidade produtiva das fábricas. De outra parte, esse aumento do poder de produção revela um desenvolvimento proporcional do campo de colocação interna. Como, porém, a indústria não progredia para que depois se criasse seu mercado, nossa análise teve de começar pelos elementos da condição primacial. Foi por isso que iniciámos o presente capítulo com uma crítica do nosso comércio interno. Vejamos agora qual a situação industrial do Rio Grande do Sul em 1937.

De acôrdo com as aparações desta D. G. E., cujas tabelas se seguem a esta introdução, o número de fábricas era, naquele ano, de oito mil aproximadamente, representando um emprêgo de capital no valor de quase 600 mil contos. O valor da produção atingiu a cêrca de um milhão e trezentos mil contos de réis. Quanto à força motriz, foi computada em sessenta e um mil cavalos-vapor. Comparados esses resultados com os do censo geral, em 1920, verifica-se que o número de fábricas aumentou de quatro vezes, mais ou menos. E se o valor da produção não guardou a mesma proporção resultante da análise comparativa entre o recenseamento de 1920 e o inquérito de 1912, isso denota que alcançámos esse momento de estabilidade, além do qual todo progresso obedece a um ritmo harmônico. Dadas as condições verdadeiramente intempestivas em que a nossa indústria começou a definir-se, sua velocidade inicial, ao contrário do que acontece no domínio das leis físicas, teria de ser maior, mais violenta, do que nas fases posteriores. A "velocidade adquirida", é substituída, no nosso caso, pela "segurança adquirida". Compreende-se assim que, atualmente, o desenvolvimento da nossa indústria se expresse em números relativos menores, os quais irão diminuindo cada vez mais, à medida que o tempo progrida. A força motriz quase duplicou nesse período e o capital empregado se exprime em cifras duas vezes e meia mais altas. Também duplica o número de operários, em vez de quadruplicar, acompanhando o aumento do número de fábricas. Isso é perfeitamente explicável, tendo-se em conta as conquistas da técnica mecânica, substituidoras do esforço humano.

Quem, porém, consultar as tabelas adiante com ôlho crítico, notará a coexistência de diversas fases do nosso desenvolvimento industrial num mesmo momento dado. A oficina do artesão está ao lado de instalações poderosas, muitas vezes com

atividade idêntica, desmentindo o tirânico "struggle for life" da interpretação darwinista. Essa revelação estatística, no entanto, longe de representar uma questão nova no nosso trabalho, vem justamente em auxílio da nossa maneira de tratar o assunto, pois achamos, como os modernos biologistas, que "o essencial no animal não é sua forma e sim a transformação, não é a estrutura, mas o processo vital" (46). O quadro, páginas à frente, sobre a distribuição das indústrias por grupos em relação ao capital, documenta admiravelmente esse estado de "transformação" da economia fabril riograndense. Estabelecimentos com menos de um conto de réis de capital empregado, não chegam a 200, num total de cerca de oito mil. O maior número é o daqueles de capital entre dez e cinquenta contos, aproximadamente três mil. Dêsse momento em diante, é como num desenvolvimento cinematográfico, como numa série em movimento. Vai diminuindo o número de fábricas à medida que cresce o capital empregado em cada uma. E se tem a impressão de que as coisas acontecem numa escala biológica, como um fenômeno no domínio do orgânico e não apenas do organizado — sempre no sentido daquela unidade funcional para onde se dirigem hoje as tentativas de interpretação do universo vivo (47). É uma concentração que se realiza com a lógica natural das coisas que crescem e não com a violência das iniciativas sem história. E se considerarmos que apenas nove estabelecimentos representam um emprêgo de capital acima de dez mil contos por unidade; se levarmos em conta que somente oito representam um emprêgo de capital acima de cinco mil contos e que é de oitenta e dois o número dos que representam esse emprêgo acima de mil contos de réis — não se poderá deixar de concluir que a economia industrial do Rio Grande do Sul não está ainda em sua última etapa, devendo, portanto, ser estudada, não em suas realizações, mas em sua velocidade.

Acima de mil contos de capital empregado, nossos trabalhos só apuraram noventa e nove fábricas. Mas, atente-se: constituindo esse número a octogésima parte do total de estabelecimentos industriais do Estado, a soma do capital investido nesse grupo representa mais de dois terços do capital geral aplicado. Quanto à classe, é a indústria de alimentação que representa a maior soma do capital empregado — mais da metade do capital geral. O mesmo acontece quanto ao valor de sua produção. Relativamente, no entanto, é a indústria de tecidos a mais evoluída, pois que a média do capital empregado por fábrica deste ramo é de, aproximadamente, oitocentos e cinquenta contos de réis, ao passo que a daquela não atinge duzentos e setenta contos de réis. O mesmo se verifica com relação ao valor da produção, cuja média por fábrica de tecidos é de quase mil e trezentos contos, enquanto por estabelecimento da indústria de alimentação é de pouco mais de quinhentos e cinquenta contos de réis.

Infelizmente, ou porque nosso comércio interno não constitua coisa com que valesse a pena gastar fosfato, ou porque, realmente, ele ainda não possuía um caráter histórico — infelizmente não dispomos de uma série estatística completa do seu movimento que nos permitisse, através dela, relacionar o desenvolvimento da nossa indústria com o panorama de toda a economia nacional. Só a partir de 1921, é que se começou a organizar os quadros do nosso intercâmbio doméstico. Todavia, é de há dez anos atrás apenas, que essa estatística se desdobrou. Ainda assim, não se consegue ter à mão os elementos para organizar essa série decenal, pois sua publi-

(46) Uexkull: *Ideas para una concepcion biologica del mundo* — "Espasa Calpe", Madrid, 1923.

(47) Driesch: *La ciencia e la filosofia del organismo* — "Espasa Calpe", Madrid, 1927.

cação sistemática data de 1932. Na impossibilidade, por falta de tempo e de espaço, de proceder à organização dessa série decenal, contentamo-nos com a que abrange o período 1932-1937. Entretanto, até essa documentação seria dispensável, uma vez que, revelando as estatísticas um desenvolvimento sempre crescente da nossa indústria e quase não contando nas nossas correntes comerciais para o exterior a participação de produtos manufaturados — é muito lógico que esse desenvolvimento se tenha operado em função de uma crescente colocação interna de manufaturas produzidas sempre em escala cada vez maior.

O quadro abaixo documenta o desenvolvimento do comércio de manufaturas riograndenses no interior do país:

Anos	Pêso em quilos	Índices	Valor	Índices
1932	12.805.086	100	59.213:241\$	100
1933	15.253.889	119	58.142:735\$	98
1934	16.006.345	125	72.396:302\$	122
1935	15.276.472	119	80.622:849\$	136
1936	19.443.586	152	106.696:983\$	180
1937	22.209.209	173	121.707:464\$	206

Como se vê, nesses seis anos, o nosso comércio de artigos manufaturados aumenta de 73% no seu volume e de 106% no seu valor. A queda na coluna do volume, de 1934 para 1935, não possui nenhuma significação por si mesma. Primeiramente, porque é diminuta, não tendo ultrapassado o campo-limite da oscilação natural de qualquer fenômeno de evolução. Depois, porque, na coluna do valor correspondente, há uma ascensão em vez de um descenso. Dissemos que essa queda não tem nenhuma significação, mas é como um fato. Fenomenologicamente, porém, ela a possui de maneira eloquente. Revela, antes de tudo, uma substituição de mercadorias de certa classe por outras de classe mais elevada, mesmo que não se despreze o fato do encarecimento geral das utilidades. E isso denota aperfeiçoamento técnico. Aliás, a compensação de uma menor quantidade para a colocação de melhor qualidade verifica-se somente de 1934 para 1935. Assim, deve ter acontecido por simples acidente, pois de 1935 para 1936 é quando a série acusa um salto maior, numa como que recuperação da força de crescimento, ocasionalmente perturbada. O mesmo acontece com a série do valor, demonstrando que o desenvolvimento industrial riograndense se processa uniformemente, sem forçar os equilíbrios da produção de melhor qualidade em menor quantidade, nem da produção em maior quantidade de qualidade inferior.

E, para encerrar a presente análise, uma comparação deve ainda ser feita. Partindo da crítica da colocação comercial dos produtos da indústria riograndense, o confronto entre as séries da exportação geral de cabotagem do Estado e a da sua exportação de produtos manufaturados acusa um maior vigor nesta última. Com efeito, enquanto a exportação geral de cabotagem aumenta, durante o período 1932-37, de 43% no volume e de 93% no valor, a de produtos manufaturados — como vi-

mos atrás — cresce de 73 % e 106 %, respectivamente. O quadro abaixo, comparativo das duas séries em índices, é um eloquente documento:

ANOS	VOLUME		VALOR	
	Exportação geral de cabotagem	Exportação de manufaturas	Exportação geral de cabotagem	Exportação de manufaturas
1932	100	100	100	100
1933	117	119	104	98
1934	127	125	105	122
1935	136	119	119	136
1936	135	152	159	180
1937	143	173	193	206

CONCLUSÃO

Existe um grande número de verdades que passam por eternas, mas cujo "axiomatismo" só é real para uma determinada época. Muito tempo, o famoso V Postulado de Euclides permaneceu não só sem necessidade de demonstração, como até reforçado por teoremas posteriores sobre a equidistância entre os pontos de duas retas paralelas. Desde o momento, porém, em que novos interesses culturais impuseram um mais profundo e "menos físico" sentido matemático do universo, viu-se que, sem serem equidistantes, somente no infinito podem encontrar-se as curvas senosóides e hiperbólicas com suas respectivas assíntotas (43).

Esse fenômeno de "revelação" é o que se está verificando presentemente em nossa história econômica. Porque novos interesses de civilização estão impondo diferente comportamento às nossas forças de produção, estamos assistindo a uma realidade inconformável à concepção clássica. Da mesma maneira que os matemáticos modernos em face da geometria euclidiana, nós estamos vendo que nossa produção se intensifica sem que as exportações brasileiras para o estrangeiro sigam o mesmo ritmo de crescimento. Não é necessário que, para nunca se encontrarem, duas retas sejam paralelas. Também não é preciso que a nossa economia se processe de acordo com os princípios clássicos, para que siga em ascensão a curva do nosso progresso.

Sendo a principal finalidade deste trabalho não estabelecer uma relação de causa e efeito, mas uma relação da parte com o todo, o que nos importou foi o estudo do desenvolvimento da indústria regional dentro do quadro da economia nacional. Assim, o desenvolvimento da economia fabril do Rio Grande do Sul perderia toda a significação diante da nossa finalidade, se o houvéssimos estudado como uma "coisa em si", como um elemento no conjunto de funções e não como um fator na função do conjunto. E isso não é apenas um jogo de palavras.

Desde as primeiras linhas procurámos ligar a sorte da fábrica estadual a uma

(43) Bonola: Geometrias no euclidianas — "Espasa Calpe", Madrid 1923.

série de circunstâncias de ordem não só nacional, como até internacional. Lutando com uma carência desanimadora de elementos materiais diretos, tivemos muitas vezes de perder-nos por caminhos laterais.

Se dispuséssemos no Brasil de uma documentação estatística completa, não só no tempo como abrangendo tôdas as nossas atividades de produção e comércio, certamente que teríamos lançado mão de métodos menos "filosóficos". O que, em muitas ocasiões, é resultado aqui de um simples processo de dedução ganharia em realidade numérica. Mas é quase provável que não ganharia em verdade histórica.



Finiserratejo

NOTAS EXPLICATIVAS

O presente trabalho, que encerra o resultado do arrolamento das fábricas e oficinas instaladas no Estado, no ano de 1937, realizado com os recursos normais com que contava esta Repartição, isto é, com a falta de recursos necessários para o amplo desenvolvimento dos inquéritos que lhe eram atribuídos, constitue o primeiro levantamento direto completo, efetuado no Rio Grande, no gênero, após o censo de 1920.

Embora nêle reconhecendo imperfeições que facilmente serão sanadas em outras publicações, não vacilamos em afirmar que os seus índices constituem valiosos subsídios para o estudo da expansão econômica do Estado, e base para empreendimentos de maior envergadura, se os planos de ação estabelecidos por esta DGE não sofrerem solução de continuidade.

NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS

No presente inquérito incluímos tôdas as fábricas e oficinas, ainda as mais modestas, existentes em 1937. Deixamos de tabular as indústrias de caráter genuinamente rural, pois desejamos dedicar uma publicação especial a êsse setor de atividade, quando elementos mais precisos permitirem lhe seja dada uma feição mais ampla.

CAPITAL EMPREGADO

Por capital empregado foi considerado o montante invertido nos negócios de cada indústria, desprezando-se, assim, os quantitativos registados na Junta Comercial.

NÚMERO DE OPERÁRIOS

Foram considerados operários todos os que empregavam a atividade em trabalhos manuais ou mecânicos, dentro e fora das oficinas. Não consideramos na apuração, todavia, aqueles cujo labor se fazia sentir nas obras, em geral, de construção, à mingua de elementos seguros para apreciação dêsse aspecto da indústria no Estado.

FORÇA MOTRIZ

No índice referente à força motriz tabulamos o potencial utilizado pelas indústrias, quer comprado, quer produzido no próprio estabelecimento, por isso que foram relacionadas nos nossos levantamentos tôdas as espécies de motores, os mais primários, sempre que foi possível precisar o potencial em H. P.

SALÁRIOS

Deixamos de focalizar no presente trabalho o aspecto do salário, por considerá-lo obra de um censo geral, onde os seus característicos particulares sejam preliminarmente equacionados, de molde que seus resultados possam corresponder, integralmente, à magnitude da sua finalidade econômica e social.

MATÉRIA PRIMA

Uma das faces importantes da indústria rio-grandense seria, sem dúvida, a apreciação da quantidade e natureza da matéria prima empregada, quer de origem nacional, quer estrangeira, para que se pudesse aquilatar em toda a sua plenitude a impossibilidade de alcançar esse objetivo dentro da organização de um levantamento rudimentar e sem um trabalho preparatório convenientemente orientado. Fica, portanto, a preocupação de tornar realidade esse desideratum em trabalhos posteriores.

VALOR DA PRODUÇÃO

Nesse particular procuramos sempre relacionar o valor total da produção durante o ano, computando a mão de obra e a matéria prima empregada, salvo quando a industrialização ou beneficiamento foi realizada por conta de terceiros, circunstância que nos fez considerar somente o custo do processo mecânico cobrado às partes.

Procuramos dar às cifras expostas nos quadros que ilustram o presente trabalho uma feição generalizada, enquadrando tanto quanto possível, cada estabelecimento dentro de uma ordem de classe ou espécie, afim de que as características particulares de cada indústria não se tornassem acessíveis à observação dos concorrentes, dando motivos a interpelações errôneas em relação à alta finalidade da estatística que tem em vista as apurações em conjunto, para observações e estudos dos vários aspectos do desenvolvimento fabril do Estado.

Procuramos imprimir à organização e classificação dos inquéritos referentes à estatística industrial de 1937, as mesmas características do ano de 1920, afim de que melhor se pudesse estabelecer um paralelo entre os resultados de ambos.

Como se procedeu em relação ao inventário federal de 1920, não registamos nas nossas apurações a indústria rural.

Examinando as cifras dos inquéritos de 1920 e 1937, ressalta logo aos olhos do observador o extraordinário desenvolvimento do parque industrial do Rio Grande do Sul nos últimos 17 anos, sem cogitar-se do alto mérito do seu aperfeiçoamento técnico e mecânico, que constitui o fator primacial da sua grandiosidade.

	1920	1937
Número de estabelecimentos	1.773	7.929
Capital empregado	250.689:961\$	599.656:060\$
Número de operários	24.661	55.720
Fôrça Motriz em H. P.....	30.345	61.265
Valor global da produção.....	353.749:311\$	1.265.292:569\$

É verdade que no censo de 1920 não foram arroladas as pequenas oficinas, como sucedeu em 1937, entretanto tal prática, prevista para o futuro, pouco aumentaria as cifras divulgadas como se infere do trecho abaixo, extraído do volume V (1.ª parte) "Recenseamento do Brasil", pág. IV.

"Revelam os algarismos, colhidos no inventário industrial de 1.º de setembro de 1920, terem sido mais ou menos observadas as recomendações da Diretoria Geral de Estatística, embora nem sempre fôsse fácil aos agentes recenseadores adotarem a mesma norma para a inclusão ou exclusão de certas empresas no arrolamento censitário. Daí a conveniência de formular, nos futuros recenseamentos, instruções ainda mais precisas sobre o arrolamento das pequenas oficinas, mediante a fixação de um valor mínimo da sua produção anual, valor que justifique a exclusão das firmas comerciais, cujas fábricas, não atinjam o limite marcado. Pode-se afirmar, todavia, que são assaz aproximadas as cifras apuradas no inquérito fabril, tendo-se em consideração que os estabelecimentos omitidos do cadastro representam, geralmente, um valor mínimo da produção industrial."

Para que se possa estimar com uma visão mais ampla e segura o crescente grau de prosperidade da indústria do Rio Grande, tão distanciada, não obstante, dos outros centros consumidores e, em parte, de provisão de matérias primas, sob os seus variantes aspectos, julgamos ser o bastante reproduzir os índices da produção dos dois últimos inventários, pois os números, com a sua linguagem muda, são mais empolgantes do que todos os recursos da técnica literária.

QUADRO COMPARATIVO DO VALOR DA PRODUÇÃO

Indústrias	1920	1937
Indústrias têxteis	30.630:796\$	65.424:534\$
Indústrias de couros, peles e outras matérias duras do reino animal	9.793:453\$	34.355.210\$
Indústrias de madeira	16.898:136\$	53.541.298\$
Metalurgia	9.291:481\$	72.434:681\$
Cerâmica	6.080:929\$	17.975:048\$
Produtos químicos propriamente ditos e produtos análogos	13.516:451\$	50.889:542\$
Indústrias da alimentação	233.632:792\$	764.643:753\$
Indústrias do vestuário e toucador	18.299:475\$	83.397:552\$
Indústrias do mobiliário	6.707:837\$	23.573:734\$
Indústrias da edificação	2.816:550\$	14.160:859\$
Construç. de aparelhos de transporte	5.506:192\$	8.279:619\$
Produç. e transmis. de forças físicas.....	30:134\$	178:331\$
Indústrias relativas às ciências, letras e artes.		
Indústrias de luxo	545:085\$	24.752:879\$
Indústrias reunidas	—	51.680:529\$
Total.....	353.749:311\$	1.265.292:569\$

É evidente que poderíamos retroceder ao censo de 1907, para estabelecer comparações mais distanciadas, nesse setor da atividade do Estado, quando ainda no Rio Grande a indústria rudimentar se limitava quase que totalmente ao beneficia-

mento rural de produtos agrícolas e preparo de artigos da pecuária, mas como aquele trabalho se apresenta menos completo do que os posteriores, preferimos equacionar somente os resultados de 1920 e 1937, compreendendo o período após guerra que assinala profundos abalos de provisão na economia mundial, animando a expansão do nosso parque industrial.

No fim do presente trabalho acrescentamos quadros sobre a situação das usinas hidráulicas e termoelétricas existentes em 1937, sem nenhuma conexão com o levantamento a que nos temos referido, embora esta parte represente também um aspecto do movimento industrial.

O que pretendemos é simplesmente o paralelo entre índices da mesma natureza, entre 1920 e 1937; por isso mesmo consideramos a parte correspondente às usinas como um anexo da presente publicação.

ALBANO OLIVEIRA
Estatístico-Chefe da Secção Econômica

- SUMÁRIO:**
- I — Distribuição das indústrias por classe de produção.
 - II — Distribuição das indústrias por grupos em relação ao capital.
 - III — Resumo por município (Excluídas as indústrias rurais).

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DO ESTADO EM 1937

I — Distribuição das indústrias por classes de produção

INDÚSTRIAS	N.º de fábricas e oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força Motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
I — Indústrias Textis..	54	45.545:000\$	6.459	7.615,00	65.424:534\$
II — Indústrias de couros, peles e outras matérias duras do reino animal	149	16.187:500\$	1.448	1.907,50	34.355:210\$
III — Indústrias da Madeira	1.071	33.436:800\$	4.625	14.786,50	53.541:298\$
IV — Metalurgia	1.646	39.646:420\$	5.109	2.801,35	72.434:681\$
V — Cerâmica	474	10.961:500\$	2.470	1.613,00	17.975:048\$
VI — Produtos químicos propriamente ditos e produtos analogos.	270	27.571:435\$	1.824	2.924,30	50.889:542\$
VII — Indústrias da alimentação	1.202	319.895:667\$	18.500	19.685,35	764.648:753\$
VIII — Indústrias do Vestuário e Toucador.	1.375	32.460:670\$	6.418	1.300,00	83.397:552\$
IX — Indústrias do Mobiliário	356	10.569:900\$	2.252	1.920,35	23.573:734\$
X — Indústrias da Edificação	549	6.994:400\$	1.249	1.565,45	14.160:859\$
XI — Construção de aparelhos de transporte	305	6.370:920\$	871	506,50	8.279:619\$
XII — Produção e transmissão de forças físicas	12	354:187\$	24	112,00	178:331\$
XIII — Indústrias relativas às ciências, letras e artes. Indústrias de luxo	196	16.762:693\$	1.768	1.208,50	24.752:879\$
XIV — Indústrias Reunidas	270	32.898:968\$	2.703	3.319,20	51.680:529\$
Total.....	7.929	599.656:060\$	55.720	61.265,00	1.265.292:569\$

II — Distribuição das indústrias por grupos em relação ao capital

Grupos com capital de:	Número de Fábricas e Oficinas	Capital	Número de operários	Força Motriz em HP.	Valor da Produção
+ 10.000:	9	178.500:000\$	7.846	7.747	316.021:753\$
+ 5.000:	8	46.928:432\$	3.278	4.446	62.220:959\$
+ 1.000:	82	147.195:513\$	10.690	10.740,50	298.465:967\$
+ 500:	72	46.923:521\$	4.638	4.535,35	128.034:282\$
+ 200:	164	45.808:370\$	5.056	5.893,40	128.194:095\$
+ 100:	277	33.261:249\$	4.519	4.226,75	93.975:114\$
+ 50:	435	26.508:063\$	4.305	5.129,25	73.421:179\$
+ 10:	2.903	59.082:562\$	10.563	16.867,50	124.856:820\$
+ 5:	1.457	8.991:960\$	2.395	1.130,50	24.117:859\$
+ 1:	2.332	6.346:330\$	2.373	544,25	20.023:078\$
— 1:	190	110:060\$	57	4,50	961:463\$
Total....	7.929	599.656:060\$	55.720	61.265,00	1.265.292:569\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DO ESTADO EM 1937

(Excluídas as indústrias rurais)

III — Resumo por município

MUNICÍPIOS	N.º de fá- bricas ou oficinas	Capital	N.º de operários	Fôrça mo- triz em HP.	Valor da produção
Alegrete	77	1.764:987\$	388	300,5	15.247:626\$
Alfredo Chaves	42	4.529:000\$	277	297	8.938:217\$
Antônio Prado	31	685:500\$	116	70	1.026:870\$
Arroio do Meio	62	475:000\$	67	—	722:700\$
Arroio Grande	38	420:000\$	70	10	790:500\$
Bagé	154	25.808:700\$	1.466	859	70.817:091\$
Bento Gonçalves	110	6.281:900\$	275	491	13.607:787\$
Bom Jesus	12	70:500\$	18	53	95:000\$
Caçapava	19	320:000\$	33	43	749:750\$
Cachoeira	160	3.227:300\$	499	446	9.215:000\$
Candelária	20	743:000\$	53	150,5	1.354:753\$
Cangussú	54	494:000\$	124	82,5	2.632:603\$
Carasinho	109	3.668:220\$	498	1.041	7.304:036\$
Caxias	171	32.547:700\$	2.447	1.892	50.801:807\$
Cruz Alta	134	7.452:943\$	566	1.014	16.063:499\$
D. Pedrito	46	224:300\$	85	21	902:580\$
Encantado	133	3.109:000\$	166	236	3.424:553\$
Eneruzilhada	79	725:000\$	115	45	2.061:250\$
Estrêla	192	6.050:930\$	402	518	11.368:465\$
Farroupilha	62	5.702:049\$	241	170,5	3.204:455\$
Flôres da Cunha	32	1.301:000\$	93	98	3.082:345\$
Garibaldi	45	4.035:000\$	323	182	5.195:300\$
Getúlio Vargas	49	2.399:500\$	219	235	4.230:550\$
Gravataí	21	530:000\$	138	73	1.780:761\$
Guaíba	72	4.039:615\$	363	1.592	13.714:894\$
Guaporé	43	7.870:000\$	542	917	25.794:983\$
Herval	10	61:000\$	23	—	227:000\$
Ijuí	92	5.515:000\$	618	497	14.747:259\$
Iraí	21	582:500\$	42	89,5	528:391\$
Itaqui	29	229:000\$	67	10	396:800\$
Jaguarão	51	605:000\$	159	95	2.177:010\$
Jaguarí	32	1.096:500\$	42	211	3.196:330\$
José Bonifácio	298	6.940:700\$	993	1.404	24.729:497\$
Júlio de Castilhos	52	3.658:000\$	359	260	15.391:136\$
Lageado	194	3.873:095\$	447	463	7.545:509\$
Lagôa Vermelha	100	2.197:000\$	265	440	6.532:400\$
Lavras	32	466:000\$	155	—	2.181:858\$
Livramento	50	44.645:000\$	2.757	2.128	88.940:641\$
Montenegro	142	10.686:900\$	929	939	15.673:343\$
Novo Hamburgo	160	12.902:400\$	2.227	1.293	33.731:105\$
Osório	33	793:500\$	97	192	1.080:262\$
Palmeira	48	1.179:500\$	93	1.296	1.253:550\$
Passo Fundo	450	15.663:400\$	1.619	4.184,5	24.272:614\$
Pelotas	89	19.243:920\$	2.120	2.702	48.584:710\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DO ESTADO EM 1937

(Excluídas as indústrias rurais)

III — Resumo por Município (Conclusão)

MUNICÍPIOS	N.º de fá- bricas ou oficinas	Capital	N.º de operários	Fôrça mo- triz em HP.	Valor da produção
Pinheiro Machado	23	162:500\$	27	20	472:107\$
Piratini	23	124:500\$	40	—	233:040\$
Porto Alegre	1.082	146.585:587\$	14.456	13.117	328.376:348\$
Prata	135	4.800:400\$	471	518	5.568:995\$
Quaraí	30	356:000\$	41	46	762:000\$
Rio Grande	131	73.413:662\$	6.000	5.923	133.607:613\$
Rio Pardo	97	1.177:650\$	248	306	2.617:554\$
Rosário	19	8.178:432\$	477	1.464	23.207:752\$
Santa Cruz	346	7.888:000\$	1.251	592	20.322:000\$
Santa Maria	217	4.987:100\$	667	496	8.808:500\$
Santa Rosa	263	3.197:000\$	330	1.912	2.610:145\$
Santa Vitória	18	222:000\$	57	37	867:082\$
Sant. do Boqueirão	39	462:000\$	89	42	735:552\$
Santo Amaro	13	169:000\$	27	24	220:150\$
Santo Angelo	100	4.919:000\$	689	1.000,5	8.076:599\$
Santo Antônio	25	349:200\$	28	17	348:334\$
São Borja	38	971:700\$	229	192	2.303:900\$
S. Francisco de Assis	20	116:800\$	39	35	297:720\$
S. Franc.º de Paula	89	2.460:750\$	466	1.001	3.254:410\$
S. Gabriel	45	6.585:500\$	234	597	25.950:727\$
S. Jerônimo	40	751:200\$	35	325	1.616:883\$
S. João de Camagã	13	381:000\$	935	126,5	1.744:830\$
S. José do Norte	14	63:000\$	6	—	148:000\$
S. Leopoldo	235	22.302:420\$	2.487	2.658	45.323:737\$
S. Lourenço	54	567:500\$	52	137	1.740:000\$
S. Luiz Gonzaga	111	506:700\$	66	28,5	947:800\$
S. Pedro	43	441:100\$	83	10	640:253\$
S. Sebast. do Caf.	55	2.446:500\$	401	389	8.960:522\$
S. Sepé	31	251:000\$	50	59	373:450\$
S. Vicente	20	62:500\$	12	50	147:200\$
Sobradinho	65	541:700\$	133	194	938:692\$
Soledade	117	2.313:000\$	365	409	4.347:000\$
Tapes	17	802:000\$	148	223	6.694:200\$
Taquara	134	3.137:900\$	411	698	4.945:049\$
Taquari	97	2.228:800\$	338	435,5	4.300:878\$
Torres	47	209:400\$	58	147	568:940\$
Triunfo	17	622:000\$	248	195	1.372:400\$
Tupaceretá	34	31.038:000\$	617	271,5	27.237:945\$
Uruguaiana	44	7.794:300\$	568	193,5	14.908:750\$
Vacaria	25	307:700\$	83	62	498:850\$
Venâncio Aires	96	888:500\$	142	268	3.654:172\$
Viamão	17	54:500\$	20	5	230:700\$
Total	7.929	599.656:060\$	55.720	61.265	1.265.292:569\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Fôrça motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
ALEGRETE					
II — Ind. de couros, peles e outras matérias duras de reino animal					
Curtume	1	60:000\$	5	12,5	94:500\$
IV — Metalurgia					
Ferrarias	6	62:000\$	4	—	88:000\$
Funilarias	2	8:000\$	1	—	14:000\$
Oficinas mecânicas	2	30:000\$	5	—	35:000\$
	10	100:000\$	10	—	137:000\$
V — Cerâmica					
Olarias	3	25:000\$	17	—	44:000\$
Fábricas de mosaicos..	2	10:000\$	2	—	25:000\$
VI — Produtos químicos propriamente ditos e produtos análogos	5	85:000\$	19	—	69:000\$
Oficinas de vulcanização	2	10:000\$	—	—	12:000\$
Produtos veterinários..	2	30:000\$	1	—	37:500\$
Fábrica de sabão.....	1	20:000\$	4	—	45:000\$
	5	60:000\$	5	—	94:500\$
VII — Ind. da alimentação					
Padarias	5	194:000\$	51	47	1.512:120\$
Tor. e moagem de café.	3	22:000\$	3	11	63:720\$
Beneficiamentos de arroz	2	360:000\$	10	75	1.180:000\$
Fábricas de doces.....	2	40:000\$	11	1	69:000\$
Fábrica de caramelos..	1	4:000\$	1	—	33:000\$
Fábrica de massas alimentícias	1	280:000\$	18	27	270:000\$
Charqueadas	2	169:300\$	181	120	10.921:825\$
VIII — Indústria do vestuário e toucador	16	1.069:300\$	275	281	14.049:665\$
Alfaiatarias	9	173:500\$	25	—	258:400\$
Oficinas de consertos de calçados	12	74:000\$	21	—	190:800\$
IX — Ind. do mobiliário	21	247:500\$	46	—	449:200\$
Fábricas de móveis....	2	25:000\$	21	7	116:000\$
X — Ind. da edificação					
Carpintarias	5	28:000\$	—	—	65:000\$
Marmoraria	1	2:000\$	—	—	7:000\$
	6	30:000\$	—	—	72:000\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
XI — Const. de aparelhos de transporte					
Selarias	3	12:000\$	2	—	34:800\$
XII — Produção e transmissão de forças físicas					
Fábrica de gelo.....	1	52:187\$	1	—	13:161\$
XIII — Ind. relativas às ciências, letras e artes. Ind. de luxo					
Oficinas de ourivesarias	3	30:000\$	2	—	42:000\$
Oficinas de relojoaria..	2	14:000\$	—	—	18:000\$
	5	44:000\$	2	—	60:000\$
XIV — Indústrias reunidas					
Fábricas de licores, gasosa e guaraná.....	2	30:000\$	2	—	58:000\$
TOTAL GERAL....	77	1.764:987\$	388	300,5	15.247:626\$

ALFREDO CHAVES

III — Indústria da madeira					
Fábrica de metros, réguas, caixas, etc.	1	45:000\$	5	3	50:000\$
Fábrica de caixas.....	1	20:000\$	6	5	30:000\$
	2	65:000\$	11	8	80:000\$
IV — Metalurgia					
Ferraria	1	2:000\$	1	—	8:500\$
V — Cerâmica					
Fábrica de tijolos.....	1	5:000\$	1	—	8:000\$
Olarias	2	38:000\$	5	—	12:000\$
	3	43:000\$	6	—	20:000\$
VI — Produtos químicos propriamente ditos e produtos análogos					
Fábrica de foguetes....	1	10:000\$	3	—	19:600\$
Fábrica de sabão.....	1	8:000\$	—	—	26:000\$
Fábrica de gasosa.....	1	7:000\$	—	—	6:200\$
	3	25:000\$	3	—	51:800\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Fôrça motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
VII — Ind. da alimentação					
Fábricas de vinhos.....	2	75:000\$	4	6	210:000\$
Cervejaria	1	160:000\$	2	30	150:000\$
Fábrica de aguardente e cana	1	33:000\$	2	—	104:000\$
Fáb. palha p.º cigarros.	3	68:000\$	55	5	280:000\$
Moinho de trigo e milho	1	50:000\$	1	13	34:000\$
Benefic. de erva mate..	1	45:000\$	4	5	63:000\$
Fáb. de café e caramelos	1	10:000\$	1	—	65:000\$
Padarias	3	16:000\$	6	—	30:000\$
Produtos suínos	2	3.700:000\$	141	193	7.610:000\$
	15	4.157:000\$	216	252	8.546:000\$
VIII — Ind. do vestuário e tear					
Of. consertos calçados..	2	8:000\$	2	—	18:400\$
Fábrica de calçados....	1	5:000\$	1	—	8:900\$
	3	13:000\$	3	—	27:300\$
IX — Ind. do mobiliário					
Fábricas de móveis.....	3	30:000\$	5	21	38:617\$
X — Ind. da edificação					
Carpintarias	2	20:000\$	7	9	35:500\$
XI — Construção de aparelhos de transporte					
Selarias	5	38:000\$	10	—	66:500\$
XIII — Ind. relativas às ciências, letras e artes. Ind. de luxo					
Fábrica de gaitas.....	1	6:000\$	3	—	13:000\$
Ourivesarias	2	10:000\$	2	—	10:000\$
	3	16:000\$	5	—	23:000\$
XIV — Indústrias reunidas					
Fáb. de camas e fogões.	2	120:000\$	6	7	43:000\$
TOTAL GERAL....	42	4.529:000\$	277	297	8.938:217\$
ANTÔNIO PRADO					
III — Ind. da madeira					
Armadoria	1	5:000\$	1	—	8:000\$
Fábricas de barrís.....	2	36:000\$	18	—	144:000\$
	3	41:000\$	19	—	152:000\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Fôrça motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
IV — Metalurgia					
Funilaria	1	3:000\$	1	—	9:000\$
Ferrarias	10	52:000\$	19	—	112:000\$
Officinas mecânicas.....	3	120:000\$	12	22	196:000\$
	14	175:000\$	32	22	317:000\$
VII — Ind. da alimentação					
Padarias	2	24:500\$	2	—	55:745\$
Torr. e moagem de café	1	15:000\$	1	4	23:175\$
Vinho e graspa.....	1	70:000\$	4	7	45:000\$
Fábricas de vinho.....	2	220:000\$	33	11,5	218:100\$
	6	329:500\$	40	22,5	342:020\$
VIII — Ind. do vestuário e toucador					
Sapatarias	3	27:000\$	5	—	49:000\$
X — Ind. da edificação					
Carpintarias	2	80:000\$	10	25,5	98:900\$
XI — Construção de aparelhos de transporte					
Selarias	3	33:000\$	10	—	67:950\$
TOTAL GERAL.....	31	685:500\$	116	70	1.026:870\$

ARROIO DO MEIO

II — Ind. de couros, peles e outras matérias duras do reino animal					
Curtume	1	12:000\$	1	—	18:000\$
IV — Metalurgia					
Ferrarias	10	75:000\$	10	—	82:000\$
Funilarias	5	26:000\$	2	—	42:000\$
Oficina mecânica.....	1	7:000\$	—	—	8:500\$
	16	108:000\$	12	—	132:500\$
V — Cerâmica					
Olarias	12	83:000\$	12	—	193:200\$
VI — Produtos químicos propriamente ditos e produtos análogos					
Fábrica de gasosa.....	1	6:000\$	1	—	6:400\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Fôrça motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
VII — Ind. da alimentação					
Fábricas de cerveja....	4	30:000\$	4	—	36:000\$
Padarias	3	21:000\$	6	—	45:000\$
Fábrica de cigarrilhos.	1	6:000\$	—	—	9:000\$
	8	57:000\$	9	—	90:000\$
VIII — Indústria do vestuário e tocador					
Alfaiatarias	11	48:000\$	12	—	81:300\$
Of. consertos calçados.	5	17:500\$	2	—	28:300\$
	16	65:500\$	14	—	109:600\$
XI — Construção de aparelhos de transporte					
Selarias	6	25:500\$	6	—	47:000\$
XIV — Indústrias reunidas					
Torr. e moagem de café, fábrica de caramelos e sabão	1	63:000\$	6	—	62:000\$
Fábrica de cerveja, guaraná, gasosa e água de soda	1	30:000\$	3	—	28:000\$
	3	118:000\$	12	—	126:000\$
TOTAL GERAL....	62	475:000\$	67	—	722:700\$

ARROIO GRANDE

IV — Metalurgia					
Oficinas mecânicas	3	40:000\$	4	—	47:000\$
Ferrarias	5	16:000\$	5	—	42:000\$
Funilaria	1	10:000\$	3	—	12:000\$
	9	66:000\$	12	—	101:000\$
V — Cerâmica					
Olarias	6	63:000\$	18	—	147:500\$
VII — Ind. da alimentação					
Padarias	4	65:000\$	13	10	180:000\$
Fábrica de salame.....	1	10:000\$	2	—	15:000\$
Torr. e moagem de café	1	10:000\$	1	—	17:500\$
	6	85:000\$	16	10	212:500\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
VIII — Indústria do vestuário e toncador					
Sapatarias	4	14:000\$	2	—	28:000\$
Alfaiatarias	3	40:000\$	2	—	45:000\$
	7	54:000\$	4	—	73:000\$
IX — Ind. do mobiliário					
Marcenaria	1	5:000\$	—	—	15:000\$
X — Indústria da edificação					
Carpintarias	4	12:000\$	3	—	33:500\$
Caieiras	3	110:000\$	15	—	180:000\$
	7	122:000\$	18	—	213:500\$
XI — Construção de aparelhos de transporte					
Correaria	1	5:000\$	1	—	10:000\$
XIV — Indústrias reunidas					
Marcenaria e carpintaria	1	20:000\$	1	—	18:000\$
TOTAL GERAL....	38	420:000\$	70	10	790:500\$

BAGÉ

I — Indústrias têxtels					
Fábrica de tecidos de crina animal	1	20:000\$	5	5	70:000\$
II — Ind. de couros, peles e outras matérias duras do reino animal					
Curtume	1	120:000\$	11	34	326:000\$
III — Indústria da madeira					
Armadorias	3	220:000\$	8	9	330:000\$
VI — Metalurgia					
Oficinas mecânicas	4	80:000\$	13	25	180:000\$
Funilarias	2	30:000\$	1	2	55:000\$
Ferrarias	14	78:000\$	18	—	277:000\$
	20	188:000\$	32	27	512:000\$
V — Cerâmica					
Olarias	5	210:000\$	49	60	1.595:000\$
Fábrica de mosaicos ..	1	60:000\$	4	—	360:000\$
	6	270:000\$	53	60	1.955:000\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Fôrça motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
VI— Prod. químicos propriamente ditos e produtos análogos					
Of. de vulcanização ..	1	30:000\$	5	12	80:000\$
Fábricas de bebidas sem álcool	3	65:000\$	9	—	187:500\$
Fábrica de produtos farmacêuticos	1	10:000\$	—	—	12:500\$
Fáb. de carrapaticida .	1	50:000\$	1	—	120:000\$
	6	155:000\$	15	12	400:000\$
VII — Ind. da alimentação					
Torr. e moagem de café	6	225:000\$	10	48	1.098:480\$
Torrefação e moagem de café e fábrica de balas e caramelos	1	130:000\$	16	5	660:000\$
Torrefação e moagem de café e fábrica de can-gica e temperos	1	30:000\$	3	13	100:000\$
Fábrica de massas	1	30:000\$	7	7	112:000\$
Padarias	8	325:000\$	74	48	1.505:780\$
Padaria. Fáb. de massas. Moinho	1	350:000\$	34	62	1.770:000\$
Fábricas de doces	2	25:000\$	1	—	50:000\$
Fábricas de vinagre ...	2	20:000\$	2	—	52:500\$
Fábricas de fumo.....	2	350:000\$	40	24	1.016:540\$
Salchicharias	2	30:000\$	8	2	87:256\$
Fábrica de conservas .	1	150:000\$	47	29	564:284\$
Charqueadas	7	20.937:000\$	866	361	54.552:251\$
	34	22.602:000\$	1.108	599	61.569:091\$
VIII — Indústria do vestuário e toucador					
Oficinas de consertos de calçados	32	22:700\$	5	—	186:000\$
Fábrica de tamancos ..	1	30:000\$	11	—	200:000\$
Fábricas de calçados...	3	90:000\$	15	—	170:000\$
Fáb. de roupas brancas para homens	2	70:000\$	11	—	180:000\$
Alfaiatarias	9	113:000\$	17	—	525:000\$
Fábricas de chapéus para senhoras	3	16:000\$	4	0,25	61:000\$
Tinturarias	2	25:000\$	6	3	60:000\$
	52	366:700\$	69	3,25	1.382:000\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
IX — Indústria do mobiliário					
Fábricas de móveis....	8	599:000\$	48	22	985:000\$
Fábrica de móveis e colchoaria	1	50:000\$	3	4	100:000\$
Colchoaria	1	50:000\$	4	4	60:000\$
Fáb. de móveis de vime	1	10:000\$	—	—	40:000\$
	11	709:000\$	55	30	1.185:000\$
X — Indústria da edificação					
Carpintarias	5	200:000\$	19	37,5	390:000\$
Marmoraria	1	12:000\$	—	—	18:000\$
	6	212:000\$	19	37,5	408:000\$
XI — Const. de aparelhos de transporte					
Fábricas de veículos...	2	100:000\$	9	10	240:000\$
Correarias	2	120:000\$	15	—	150:000\$
	4	220:000\$	24	10	390:000\$
XIII — Indústrias relativas às ciências, letras e artes. Indústria de luxo					
Ourivesarias	2	50:000\$	—	4	60:000\$
Tipografias	4	126:000\$	15	2,5	230:000\$
Fábrica de brinquedos e artefactos de fôlha	1	50:000\$	4	—	100:000\$
	7	226:000\$	19	6,5	390:000\$
XIV — Indústrias reunidas					
Correaria, Curtume e Tamancaria	1	80:000\$	2	—	120:000\$
Fábrica de mosaicos e marmoraria	1	70:000\$	7	6	300:000\$
Fábrica de sabão, velas, Torrefação e moagem de café	1	350:000\$	39	20	1.480:000\$
	3	500:000\$	48	26	1.900:000\$
TOTAL GERAL....	154	25.808:700\$	1.466	859	70.817:091\$
BENTO GONÇALVES					
I — Indústrias têxteis					
Fábrica de chapéus de palha	1	5:000\$	1	—	6:400\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fá- bricas ou oficinas	CAPITAL.	Número de operários	Fôren metriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
II — Indústrias de couros, pe- les e outras matérias duras do reino animal Curtumes	2	105:000\$	7	18	281:000\$
III — Indústria da madeira					
Serrarias	2	17:000\$	—	—	61:250\$
Tanoarias	7	57:000\$	53	40	1.666:000\$
	9	74:000\$	53	40	1.727:250\$
IV — Metalurgia					
Oficinas mecânicas e fundição	2	83:000\$	8	27	80:500\$
Oficinas consertos me- cânicos	2	13:000\$	2	7	12:000\$
Oficinas mecânicas	2	30:000\$	8	10	34:000\$
Ferrarias	21	73:500\$	1	7	140:500\$
Cutelarias	5	3:400\$	—	—	36:600\$
Funilarias	3	12:000\$	—	—	50:000\$
Caldeiraria	1	5:000\$	1	—	20:000\$
	36	219:900\$	20	51	373:600\$
V — Cerâmica					
Fábricas de mosaicos ..	2	8:000\$	—	—	10:800\$
Olarias	6	19:000\$	3	—	101:000\$
	8	27:000\$	3	—	111:800\$
VI — Produtos químicos pro- priamente ditos e pro- dutos análogos					
Fábrica de sabão	1	4:000\$	—	—	5:000\$
Fábrica de foguetes ...	1	500\$	—	3	4:400\$
Fábrica de bebidas sem alcool	1	3:000\$	—	—	33:000\$
	3	7:500\$	—	3	42:400\$
VII — Ind. da alimentação					
Fábricas de vinho.....	8	5.450:000\$	165	294	10.011:887\$
Fábricas de café	2	50:000\$	—	8	75:400\$
Fábrica de caramelos ..	1	10:000\$	—	6	6:480\$
Destilarias de graspa..	4	15:000\$	6	2	336:600\$
	15	5.525:000\$	171	310	10.430:367\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPECIE	N.º de fá- bricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Fôrça motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
VIII — Indústria do vestuário e tocador					
Fábricas de chinelos, tamancos e sapatos ...	2	8:600\$	2	—	114:620\$
Oficinas de calçados ..	10	12:300\$	—	—	37:150\$
	12	20:900\$	2	—	151:770\$
IX — Indústria do mobiliário					
Marcenarias	3	100:000\$	8	24	125:000\$
X — Indústria da edificação					
Carpintarias	4	112:000\$	3	33	189:000\$
XI — Construção de aparelhos de transportes					
Selarias	11	25:800\$	—	—	60:200\$
XIV — Indústrias reunidas					
Ferrarias e carpintarias	3	24:000\$	2	—	36:000\$
Inst. musicais e folcs..	1	30:000\$	5	2	28:000\$
FáL. de cerveja e gasosa	1	4:000\$	—	—	42:000\$
Selaria e curtume	1	1:800\$	—	—	3:000\$
	6	59:800\$	7	2	109:000\$
TOTAL GERAL....	110	6.281:900\$	275	491	13.607:787\$

BOM JESÚS

III — Indústria da madeira					
Serrarias	3	51:000\$	13	50	46:000\$
IV — Metalurgia					
Oficina mecânica	1	1:500\$	—	—	4:000\$
Ferrarias	2	3:000\$	1	—	9:000\$
Funilaria	1	2:000\$	1	—	5:000\$
	4	6:500\$	2	—	18:000\$
VII — Ind. da alimentação					
Padaria	1	2:000\$	—	—	6:000\$
Padaria e confeitaria ..	1	5:000\$	—	—	9:000\$
	2	7:000\$	—	—	15:000\$
VIII — Indústria do vestuário e tocador					
Oficina de calçados ...	1	3:000\$	2	—	6:000\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPECIE	N.º de fá- bricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Potência motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
X — Indústria da edificação Carpintarias	2	3:000\$	1	3	10:000\$
TOTAL GERAL....	12	70:500\$	18	53	95:000\$

CAÇAPAVA

III — Indústria da madeira Armadoria	1	5:000\$	1	—	8:000\$
IV — Metalurgia Ferrarias	6	20:000\$	6	—	40:000\$
Oficina mecânica	1	60:000\$	3	—	102:000\$
	7	80:000\$	9	—	142:000\$
VII — Ind. da alimentação Benef. de arroz	2	100:000\$	4	35	110:000\$
VIII — Indústria do vestuário e fencador Alfaiatarias	3	33:000\$	5	—	54:000\$
Oficinas de consertos de calçados	3	37:000\$	7	—	39:750\$
	6	70:000\$	12	—	93:750\$
IX — Indústria do mobiliário Fábrica de móveis	1	20:000\$	3	—	28:000\$
X — Indústria da edificação Carpintaria	1	3:000\$	1	—	8:000\$
XIV — Indústrias reunidas Fábrica de sabão, torre- fação e moagem de café	1	42:000\$	3	8	360:000\$
TOTAL GERAL....	19	320:000\$	33	43	749:750\$

CACHOEIRA

II — Indústrias de couros, peles e outras matérias duras do reino animal Curtumes	5	80:000\$	11	—	115:000\$
--	---	----------	----	---	-----------

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Fôrça motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
III — Indústria da madeira					
Serrarias	10	140:000\$	24	90	810:000\$
IV — Metalurgia					
Oficinas de consertos..	3	24:000\$	8	—	19:000\$
Ferrarias	13	88:000\$	21	—	90:000\$
Fundição	1	15:000\$	3	12	50:000\$
Oficinas mecânicas ...	8	100:000\$	9	—	230:000\$
Funilarias	6	30:000\$	7	—	65:000\$
V — Cerâmica	26	257:000\$	48	12	454:000\$
Olarias	14	160:000\$	31	15	400:000\$
Fábrica de louças.....	1	30:000\$	3	—	40:000\$
VI — Produtos químicos propriamente ditos e produtos análogos	15	190:000\$	34	15	440:000\$
Fábrica de gasosa.....	1	60:000\$	17	—	26:000\$
VII — Ind. da alimentação					
Engenho de arroz	1	500:000\$	47	100	2.500:000\$
Benefic. de arroz	3	500:000\$	33	90	2.900:000\$
Padarias	5	103:000\$	20	20	2.210:000\$
Cervejaria	1	150:000\$	10	18	120:000\$
Refinaria de banha....	1	150:000\$	20	25	400:000\$
Fábricas de fumos.....	35	311:800\$	102	—	582:000\$
Tor. e moagem de café	5	147:000\$	23	24	155:000\$
Fábricas de vinagre....	2	14:000\$	4	—	35:000\$
Fábrica de massas	1	30:000\$	8	12	70:000\$
VIII — Ind. do vestuário e tocador	54	1.905:800\$	267	289	6.972:000\$
Alfaiatarias	4	67:000\$	10	—	100:000\$
Oficinas de consertos de calçados	15	160:000\$	30	—	215:000\$
Fábricas de tamancos..	4	14:000\$	5	—	51:000\$
Fábrica de chapéus para senhoras	1	5:000\$	2	—	8:000\$
Tinturarias	2	12:500\$	6	—	12:000\$
IX — Ind. do mobiliário	26	258:500\$	53	—	386:000\$
Marcenarias	2	68:000\$	9	20	119:000\$
X — Ind. da edificação					
Carpintarias	10	126:000\$	20	20	281:000\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICIPIOS EM 1937

CLASSE E ESPECIE	N.º de fá- bricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
XI — Construção de aparelhos de transporte Selarias	10	126:000\$	13	—	152:000\$
XIII — Indústrias relativas às ciências, letras e artes. Indústrias de luxo Relojoaria	1	16:000\$	3	—	10:000\$
TOTAL GERAL....	160	3.227:300\$	499	446	9.215:000\$
C A F					
I — Indústrias têxteis Escovas e pincéis	1	50:000\$	41	—	110:000\$
II — Indústrias de couros, peles e outras matérias duras do reino animal Curtumes	7	108:000\$	15	28	68:700\$
III — Indústria da madeira Serrarias	5	39:000\$	6	23	55:500\$
IV — Metalurgia Funilarias	7	19:000\$	6	—	36:000\$
Ferrarias	7	78:000\$	13	—	120:631\$
	14	97:000\$	19	—	156:631\$
V — Cerâmica Olarías	6	190:000\$	81	60	341:200\$
VI — Produtos químicos propriamente ditos e produtos análogos Fábrica de gasosa	1	4:500\$	1	—	3:000\$
Fáb. de gasosa e soda	2	10:500\$	2	12	21:900\$
	3	15:000\$	3	12	24:900\$
VII — Ind. da alimentação Cervejarias	3	18:000\$	4	—	84:850\$
Distilaria de álcool ..	1	250:000\$	3	—	140:027\$
Fábrica de vinho	1	10:000\$	2	—	22:500\$
Torref. de café	3	46:000\$	4	24	80:720\$
Padarias	3	10:000\$	3	—	46:924\$
Frigorífico	1	1.600:000\$	200	200	7.699:610\$
	12	1.834:000\$	216	224	8.074:631\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
VIII — Indústria do vestuário e toucador Fábrica de calçados	1	25:000\$	6	—	30:000\$
IX — Indústria do mobiliário Fábricas de móveis....	2	35:000\$	7	—	40:000\$
X — Indústria da edificação Carpintarias	3	28:500\$	5	30	28:700\$
XIV — Indústrias reunidas Balas e gelo	1	25:000\$	2	12	35:260\$
TOTAL GERAL....	55	2.446:500\$	401	389	8.960:522\$

CAMAQUÁ

VII — Ind. da alimentação Benefic. do arroz.....	3	310:000\$	22	90	1.552:500\$
Fábrica de café e fumo	1	10:000\$	1	2	30:000\$
Padarias	2	16:000\$	4	11	77:830\$
	6	336:000\$	27	103	1.660:330\$
VIII — Indústria do vestuário e toucador Oficina de consertos de calçados	1	5:000\$	2	—	8:000\$
IX — Indústria do mobiliário Oficinas de móveis	2	7:000\$	1	—	13:000\$
X — Indústria da edificação Carpintarias	2	20:000\$	3	18	20:000\$
XI — Construção de aparelhos de transporte Oficina de correeiro ..	1	3:000\$	—	—	6:000\$
XIV — Indústrias reunidas Fábrica de café e sabão	1	10:000\$	2	5,5	37:500\$
TOTAL GERAL....	13	381:000\$	35	126,5	1.744:830\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
C A N D E L Á R I A					
II — Indústrias de couros, peles e outras matérias duras do reino animal Curtume	1	80:000\$	3	—	62:000\$
IV — Metalurgia Ferrarias	2	50:000\$	6	—	31:000\$
V — Cerâmica Olaria	1	30:000\$	3	15	22:500\$
VII — Ind. da alimentação Fáb. de licores e xaropes	1	15:000\$	1	—	22:490\$
Benefic. de fumos	2	300:000\$	14	33	907:798\$
Padarias	2	22:000\$	3	—	26:000\$
	5	337:000\$	18	33	956:288\$
IX — Indústria de mobiliário Marcenarias	2	25:000\$	7	18	24:119\$
X — Indústria da edificação Carpintarias	2	14:000\$	1	11	17:500\$
XI — Construção de aparelhos de transporte Selaria	1	30:000\$	3	—	61:846\$
XIV — Indústrias reunidas Torrefação e moagem de café, fábrica de cepas p/ tamancos..	1	70:000\$	4	7,5	78:000\$
Serrarias, Benefic. de arroz e moinhos	3	75:000\$	6	51	70:800\$
Olaria, serr. e moinho..	1	20:000\$	2	15	18:400\$
Cervejaria e fábrica de gasosa	1	12:000\$	—	—	12:300\$
	6	177:000\$	12	73,5	179:500\$
TOTAL GERAL....	20	743:000\$	53	150,5	1.354:753\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSIF. E ESPÉCIE	N.º de fá- bricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
C A N G U S S Ó					
II — Indústrias de couros, peles e outras matérias duras do reino animal Cartumes	4	22:000\$	4	—	60:800\$
III — Indústria da madeira Serrarias	5	57:500\$	9	—	38:300\$
IV — Metalurgia Ferrarias	7	13:500\$	8	—	57:600\$
V — Cerâmica Fáb. de tijolos de barro Fáb. de telhas de barro	1 15	3:000\$ 40:000\$	3 47	— —	12:400\$ 202:600\$
	16	43:000\$	50	—	215:000\$
VII — Ind. da alimentação Torr. e moagem de café Benefic. de fumo. Padarias	3 2 3	25:000\$ 75:000\$ 19:500\$	4 8 3	14,5 10 4	75:219\$ 93:039\$ 69:700\$
Charqueada	1	200:000\$	24	54	1.906:645\$
	9	319:500\$	39	82,5	2.144:603\$
VIII — Indústria do vestuário e foucador Oficinas de consertos de calçados	5	7:100\$	6	—	50:300\$
IX — Ind. do mobiliário Marcenaria	1	1:500\$	1	—	6:500\$
X — Ind. da edificação Carpintarias	5	22:000\$	5	—	43:000\$
XI — Construção de aparelhos de transporte Correarias	2	2:900\$	2	—	16:500\$
TOTAL GERAL....	54	494:000\$	124	82,5	2.632:603\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
CARASINHO					
II — Indústrias de couros, peles e outras matérias duras do reino animal					
Curtumes	2	642:000\$	132	1,5	1.727:728\$
III — Indústria da madeira					
Serrarias	50	1.584:000\$	236	790	3.033:783\$
Fábricas de caixas de madeira	2	705:000\$	31	93	1.193:840\$
	52	2.289:000\$	267	883	4.227:623\$
IV — Metalurgia					
Ferrarias	8	83:000\$	6	1	48:534\$
Fábrica de balanças ...	1	15:000\$	1	—	16:000\$
	9	98:000\$	7	1	64:534\$
V — Cerâmica					
Olarias	8	131:000\$	21	38,5	79:630\$
VI — Produtos químicos propriamente ditos e produtos análogos					
Fábrica de sabão.....	1	20:000\$	1	—	67:200\$
Fábricas de gasosa....	2	11:000\$	1	—	8:750\$
Fábr. de gasosa e soda.	1	6:000\$	—	—	4:800\$
	4	37:000\$	2	—	80:750\$
VII — Ind. da alimentação					
Moinho de milho.....	1	30:000\$	1	10	300:000\$
Padaria	1	25:000\$	2	3	83:700\$
Torr. e moagem de café	4	105:000\$	6	36	194:678\$
Fábricas de cerveja....	2	6:000\$	2	—	20:920\$
	8	166:000\$	11	49	599:298\$
VIII — Indústria do vestuário e toucador					
Alfaiatarias	5	35:700\$	13	—	128:665\$
IX — Indústria do mobiliário					
Fábricas de móveis....	3	33:000\$	6	12	54:520\$
X — Indústria da edificação					
Carpintarias	8	54:800\$	7	34	95:740\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPECIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Fôrça motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
XI — Construção de aparelhos de transporte Selarias	7	91:720\$	26	6	291:278\$
XII — Produção e transmissão de fôrças físicas Fábrica de gelo.....	1	60:000\$	2	16	13:670\$
XIII — Indústrias relativas às ciências, letras e artes. Indústria de luxo Tipografia	1	20:000\$	4	—	15:600\$
XIV — Indústrias reunidas Fáb. de cerveja e gasosa	1	10:000\$	—	—	15:000\$
TOTAL GERAL....	109	3.668:220\$	498	1.041	7.304:036\$

CAXIAS

I — Indústrias têxteis					
Malharias	3	183:000\$	44	4	293:500\$
Fiação e tecidos.....	5	8.078:000\$	713	619	10.405:000\$
	8	8.261:000\$	757	623	10.698:500\$
II — Indústrias de couros, peles e outras matérias duras do reino animal					
Curtumes	3	3.019:000\$	137	150	3.040:000\$
III — Indústria da madeira					
Armadorias	2	13:000\$	—	—	26:000\$
Tanoarias	4	66:000\$	19	—	777:050\$
Serrarias	3	265:000\$	68	126	1.101:000\$
	9	344:000\$	87	126	1.904:050\$
IV — Metalurgia					
Funilarias	8	97:000\$	11	2	178:500\$
Ferrarias	15	65:000\$	19	—	285:400\$
Oficinas mecânicas	16	295:000\$	48	33	616:687\$
Metalurgica	1	6.000:000\$	462	—	9.700:000\$
Fábrica de balanças ...	1	40:000\$	7	3	130:000\$
Fáb. de tela de arame.	1	5:000\$	1	—	12:000\$
Máquinas agrárias.....	1	25:000\$	3	2	60:000\$
	43	6.527:000\$	551	40	10.982:587\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Fôrça motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
V — Cerâmica					
Olarias	4	62:000\$	42	50	639:300\$
Cerâmicas	3	39:000\$	2	—	70:900\$
Fábrica de mosaicos...	1	8:000\$	2	—	30:000\$
	8	109:000\$	46	50	739:300\$
VI — Produtos químicos propriamente ditos e produtos análogos					
Fábrica de bebidas sem álcool	1	5:000\$	3	3	36:000\$
Fábrica de produtos químicos	1	415:000\$	35	45	1.110:000\$
Fábricas de sabão.....	2	205:000\$	6	—	179:527\$
	4	625:000\$	44	48	1.325:527\$
VII — Ind. da alimentação					
Fábricas de vinho.....	14	7.305:000\$	378	115,5	9.054:684\$
Distilaria	1	40:000\$	6	—	57:818\$
Fábrica de caramelos..	1	5:000\$	3	—	8:000\$
Padarias	6	151:500\$	34	9	816:612\$
Cervejarias	6	151:500\$	34	150	950:000\$
Produtos suínos	1	450:000\$	28	18	1.101:919\$
Torr. e moagem de café	1	5:000\$	2	1	15:960\$
Fábrica de marmelada..	1	30:000\$	2	6	239:800\$
Moinhos de trigo.....	2	2.150:000\$	18	255	3.088:000\$
Moinho de milho.....	1	200:000\$	4	40	210:000\$
	29	11.436:500\$	495	594,5	15.542:793\$
VIII — Indústria do vestuário e toucador					
Alfaiatarias	8	106:500\$	30	—	385:800\$
Tinturarias	3	10:000\$	5	—	36:300\$
Fáb. de chapéus para senhoras	2	5:500\$	—	—	13:500\$
Officinas de consertos de calçados	19	41:700\$	15	—	260:000\$
Camisaria	1	10:000\$	5	—	26:000\$
Fáb. de roupas feitas..	2	50:000\$	19	1	705:000\$
Fábrica de chinelos e tamancos	1	14:000\$	6	—	17:600\$
Modas	1	15:000\$	2	—	20:000\$
	37	252:700\$	82	1	1.464:200\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPECIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
IX — Indústria do mobiliário					
Marcenarias	7	1.057:000\$	142	215,5	3.398:300\$
Fáb. de móveis de vime	2	25:000\$	7	—	58:500\$
Fábricas de móveis coloniais	2	22:000\$	7	1,5	58:000\$
Fábricas de cadeiras coloniais	2	45:000\$	9	3	103:750\$
	13	1.149:000\$	165	220	3.613:550\$
X — Indústria da edificação					
Carpintaria	1	5:000\$	2	1	19:700\$
Marmorarias	2	10:500\$	2	6	25:500\$
Esquadria	1	35:000\$	10	5,5	63:000\$
Cateira	1	5:000\$	3	—	48:000\$
	5	55:500\$	17	12,5	156:200\$
XI — Construção de aparelhos de transporte					
Selarias	2	25:000\$	3	—	47:500\$
Fábrica de carroças...	1	18:000\$	3	—	24:000\$
	3	43:000\$	6	—	71:500\$
XIII — Indústrias relativas às ciências, letras e artes.					
Indústria de luxo					
Ourivesaria	1	40:000\$	4	0,5	125:000\$
Tipografias	4	103:000\$	18	9	214:000\$
	5	143:000\$	22	9,5	339:000\$
XIV — Indústrias reunidas					
Fáb. de camas e fogões	1	15:000\$	3	1	39:600\$
Fábrica de correias e chinelos	1	170:000\$	11	—	220:000\$
Fábrica de espoletas e cutelarias	1	350:000\$	19	13,5	500:000\$
Ferraria e carroceria..	1	48:000\$	5	3	165:000\$
	4	583:000\$	38	17,5	942:600\$
TOTAL GERAL....	171	32.547:700\$	2.447	1.892	60.801:807\$

CRUZ ALTA

I — Indústrias têxteis					
Fáb. de tecidos de malha	1	15:000\$	3	—	16:000\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPECIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Fôrça motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
II — Indústrias de couros, peles e outras matérias duras do reino animal					
Curtumes	3	35:000\$	2	7,5	42:600\$
III — Indústria da madeira					
Serrarias	27	903:000\$	112	538	1.035:540\$
Armadoria	1	14:000\$	1	—	20:800\$
	28	917:000\$	113	538	1.056:340\$
IV — Metalurgia					
Ferrarias	8	20:200\$	10	—	50:820\$
Oficinas mecânicas.....	4	65:000\$	11	6,5	72:000\$
Fáb. de máquinas agrícolas	1	45:000\$	9	8	50:000\$
Funilarias	3	25:600\$	1	—	30:000\$
	16	155:800\$	31	14,5	202:820\$
V — Cerâmica					
Olarias	8	130:000\$	36	87	230:100\$
VI — Produtos químicos propriamente ditos e produtos análogos					
Fábricas de gasosa.....	2	15:000\$	7	—	23:237\$
Fáb. de tintas e lustros	1	16:000\$	1	—	42:000\$
Fábricas de sabão.....	2	18:000\$	4	—	111:600\$
Fáb. de óleos vegetais.	3	112:000\$	7	27,5	68:000\$
Oficina de vulcanização	1	5:000\$	—	1,5	8:000\$
	9	166:000\$	19	29	252:837\$
VII — Ind. da alimentação					
Padarias	10	237:500\$	29	27	513:828\$
Fábricas de conservas alimentícias	2	87:000\$	6	7,5	55:000\$
Moinho e descascador de arroz	1	50:000\$	2	18	22:000\$
Fábrica de banha.....	1	250:000\$	6	5	960:000\$
Frigorífico de banha...	1	881:443\$	82	80	6.846:000\$
Fábr. de massas, torr. e moagem de café.....	2	527:000\$	31	65	722:000\$
Torr. e moagem de café	1	8:000\$	1	4	13:860\$
Fábricas de cerveja....	2	38:000\$	3	—	16:000\$
Charqueada	1	3.000:000\$	65	28	3.962:538\$
	21	5.078:943\$	225	234,5	13.111:226\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operações	Fôrça motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
VIII — Indústria do vestuário e toucador					
Fábrica de camisas....	1	10:000\$	2	—	4:000\$
Fábrica de quepis.....	1	3:000\$	1	—	8:000\$
Casa de modas.....	1	15:000\$	6	—	12:000\$
Fábrica de chapéus para senhoras	1	8:000\$	6	—	18:000\$
Alfaiatarias	4	34:600\$	16	—	146:200\$
Oficinas de consertos de calçados	4	8:200\$	2	—	21:600\$
	12	78:800\$	33	—	209:800\$
IX — Indústria do mobiliário					
Fábrica de acolchoados	1	140:000\$	14	25	85:000\$
Fábricas de móveis....	3	142:000\$	21	35	185:000\$
Fáb. de colchões e vime	1	4:000\$	2	—	19:500\$
Marcenarias	3	23:000\$	5	5	47:000\$
	8	309:000\$	42	65	336:500\$
X — Indústria da edificação					
Carpintarias	4	24:400\$	10	10	86:770\$
XI — Construção de aparelhos de transporte					
Selarias	3	11:000\$	—	—	20:400\$
Fábrica de carrocerias de caminhões	1	50:000\$	13	7	40:000\$
Fábrica de arreamentos	1	30:000\$	1	1	30:000\$
Fábrica de correaria...	1	2:000\$	—	—	4:680\$
	6	93:000\$	14	8	95:080\$
XII — Produção e transmissão de fôrças físicas					
Fábrica de gelo.....	1	10:000\$	2	24	7:000\$
XIII — Indústrias relativas às ciências, letras e artes.					
Indústria de luxo					
Tipografia	1	160:000\$	12	3	130:000\$
Impressos	2	18:000\$	3	1	99:000\$
Oficinas de relojoaria e ourivesaria	3	45:000\$	4	—	59:000\$
	6	223:000\$	19	4	288:000\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICIPIOS EM 1937

CLASSE E ESPECIE	N.º de fá- bricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Fôrça motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
XIV — Indústrias reunidas					
Carpintaria e marce- naria	1	60:000\$	3	10	18:000\$
Serraria e moinho.....	1	12:000\$	4	8	10:800\$
Fáb. de camas e fogões	1	10:000\$	1	0,5	30:000\$
Fáb. de gelo e moinho.	1	34:000\$	2	20	15:400\$
Serraria e carpintaria.	1	10:000\$	1	4	15:000\$
Curtumes e selarias...	2	13:000\$	1	—	24:000\$
Fáb. de cerveja e gasosa	3	48:000\$	2	—	30:460\$
Fáb. de gasosa e vinagre	1	30:000\$	3	—	34:766\$
	11	217:000\$	17	42,5	178:426\$
TOTAL GERAL....	134	7.452:943\$	566	1.014	16.063:499\$
D. PEDRITO					
IV — Metalurgia					
Oficinas mecânicas	7	35:000\$	10	—	68:300\$
Ferrarias	3	3:500\$	6	—	23:500\$
Funilarias	4	6:300\$	—	—	17:100\$
	14	44:800\$	16	—	108:900\$
V — Cerâmica					
Olarias	7	13:000\$	19	—	57:400\$
VII — Ind. da alimentação					
Padarias	3	37:000\$	12	18	365:960\$
Padaria, Fáb. de Massas, Torrefação e moagem de café	1	30:000\$	5	3	130:000\$
	4	67:000\$	17	21	495:960\$
VIII — Indústria do vestuário e foucador					
Alfaiatarias	5	31:000\$	14	—	81:520\$
Oficinas de consertos de calçados	5	13:100\$	6	—	34:000\$
	10	44:100\$	20	—	115:520\$
X — Indústria da edificação					
Carpintarias	2	2:000\$	1	—	13:200\$
XI — Construção de aparelhos de transporte					
Correarias	2	8:000\$	1	—	29:000\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Fôrça motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
XIII — Indústrias relativas às ciências, letras e artes, indústria de luxo					
Relojoaria	1	5:000\$	2	—	10:500\$
Ouivesaria	1	1:000\$	—	—	4:000\$
	2	6:000\$	2	—	14:500\$
XIV — Indústrias reunidas					
Carpintarias e Serrarias	2	25:400\$	1	—	12:500\$
Carpintarias e Ferrarias	3	14:000\$	8	—	55:600\$
	5	39:400\$	9	—	68:100\$
TOTAL GERAL.....	46	224:300\$	85	21	902:580\$

ENCANTADO

II — Indústrias de couros, peles e outras matérias duras do reino animal					
Curtumes	6	9:500\$	3	—	16:555\$
III — Indústria da Madeira					
Serrarias	7	125:000\$	11	108	750:000\$
IV — Metalurgia					
Ferrarias	32	44:000\$	32	—	202:000\$
Funilarias	6	14:500\$	6	—	24:300\$
	38	58:500\$	38	—	226:300\$
V — Cerâmica					
Olarias	4	38:000\$	8	—	36:000\$
VI — Produtos químicos propriamente ditos e produtos análogos					
Fábrica de sabão	1	5:000\$	2	—	15:765\$
VII — Ind. da alimentação					
Refinaria de banha ...	1	2.000:000\$	42	77	1.352:513\$
Torrefação de café e fábrica de caramelos ..	1	25:000\$	—	8	49:200\$
Fábrica de conservas ..	1	400:000\$	41	20	253:400\$
Fábricas de vinho.....	6	170:000\$	—	—	183:950\$
Padarias	4	11:500\$	—	—	41:600\$
	13	2.606:500\$	83	105	1.880:663\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPECIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
VIII — Ind. do vestuário e toucador					
Alfaiatarias	16	31:500\$	9	—	65:520\$
Officinas de consertos de calçados	9	15:000\$	1	—	23:000\$
	25	46:500\$	10	—	88:520\$
IX — Indústria do mobiliário					
Marcenaria	1	15:000\$	2	5	12:000\$
X — Indústria da edificação					
Carpintarias	14	45:500\$	—	—	45:500\$
XI — Construção de aparelhos de transporte					
Selarias	17	60:500\$	1	—	68:900\$
XIII — Indústrias relativas às ciências, letras e artes.					
Indústria de luxo					
Tipografias	2	27:000\$	—	—	15:000\$
XIV — Indústrias reunidas					
Carpintaria e Serraria .	1	40:000\$	4	18	230:000\$
Fábricas de cerveja, gasosa e alsina	4	32:000\$	4	—	39:350\$
	5	72:000\$	8	18	269:350\$
TOTAL GERAL....	133	8.109:000\$	166	236	3.424:553\$

ENCRUZILHADA

IV — Metalurgia					
Oficina mecânica	1	20:000\$	1	—	24:000\$
Ferrarias	26	108:000\$	27	—	147:000\$
	27	128:000\$	28	—	171:000\$
V — Cerâmica					
Olarias	7	40:000\$	16	—	68:800\$
VII — Ind. da alimentação					
Padarias	5	70:000\$	3	—	132:000\$
Eugenhos de arroz.....	3	190:000\$	9	45	1.080:000\$
Fábrica de salame	1	10:000\$	1	—	10:000\$
Torrefações de café....	3	80:000\$	3	—	216:000\$
	12	350:000\$	16	45	1.438:600\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
VIII — Indústria do vestuário e toucador					
Oficinas de consertos de calçados	9	48:000\$	15	—	72:600\$
Alfaiatarias	4	41:000\$	4	—	67:000\$
	13	89:000\$	19	—	139:600\$
IX — Indústria do mobiliário					
Marcenarias	9	54:000\$	13	—	108:000\$
X — Indústria da edificação					
Cabeleiras	6	28:000\$	16	—	72:250\$
Carpintarias	5	36:000\$	7	—	63:000\$
	11	64:000\$	23	—	135:250\$
TOTAL GERAL....	79	725:000\$	115	45	2.061:250\$

ESTRÉLA

II — Indústrias de couros, peles e outras matérias duras do reino animal					
Curtumes	2	165:000\$	11	17	295:500\$
III — Indústria da madeira					
Armadoria	1	5:000\$	1	—	7:200\$
Serrarias	16	268:500\$	22	77	247:970\$
	17	273:500\$	23	77	255:170\$
IV — Metalurgia					
Fundarias	13	71:430\$	1	—	79:910\$
Ferrarias	24	159:600\$	22	15	183:384\$
Oficinas mecânicas	4	380:500\$	16	19	442:798\$
Fábrica de máquinas ..	1	120:000\$	35	30	235:000\$
Fáb. de telas de arame	1	8:000\$	—	—	4:680\$
	43	739:530\$	74	64	945:772\$
V — Cerâmica					
Fábrica de mosaicos ..	1	10:000\$	2	—	14:000\$
Olarias	23	233:900\$	26	—	231:430\$
	24	243:900\$	28	—	245:430\$
VI — Produtos químicos propriamente ditos e produtos análogos					
Fábrica de sabonetes e perfumes	1	200:000\$	6	16	74:250\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPECIE	N.º de fá- bricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
VII — Ind. da alimentação					
Salchicharia	1	45:000\$	4	1	165:000\$
Moinho de trigo	1	120:000\$	2	40	147:250\$
Café, vinagre e licor .	5	276:500\$	6	12	370:033\$
Fábrica de cigarrilhos .	1	4:500\$	9	10	4:850\$
Refinarias de banha....	2	2.900:000\$	111	154	7.080:000\$
Fábrica de vinho	1	8:500\$	1	—	16:500\$
Confeltarias	3	86:000\$	3	—	17:795\$
Padaria	1	2:500\$	—	—	3:250\$
	15	3.393:000\$	136	217	7.754:678\$
VIII — Indústria do vestuário e touceador					
Officinas de concertos de calçados	9	44:300\$	6	—	72:290\$
Alfaiatarias	26	101:300\$	52	—	313:430\$
	35	145:600\$	58	—	385:720\$
IX — Indústria do mobiliário					
Marcenarias	8	122:000\$	12	30	221:230\$
X — Indústria da edificação					
Carpintarias	2	25:000\$	3	—	30:000\$
Marmorarias	7	5:300\$	—	—	16:550\$
	9	30:300\$	3	—	46:550\$
XI — Construção de aparelhos de transporte					
Selarias	10	25:600\$	—	—	56:896\$
Trançadores	2	4:000\$	—	—	6:200\$
	12	29:600\$	—	—	63:096\$
XIII — Indústrias relativas às ciências, letras e artes.					
Indústria do luxo					
Tipografia	1	25:000\$	4	—	17:850\$
Fábricas de relógios...	2	58:000\$	9	8	36:700\$
	3	83:000\$	13	3	54:550\$
XIV — Indústrias reunidas					
Carpintaria e moinho .	1	45:000\$	3	—	93:000\$
Marcenarias e carpinta- rias	12	152:000\$	16	52	190:900\$
Fáb. de cerveja e gasosa	10	428:000\$	19	42	742:619\$
	23	625:500\$	38	94	1.026:519\$
TOTAL GERAL....					
	192	6.050:930\$	402	518	11.368:465\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
FARROUPILHA					
I — Indústrias têxteis					
Benef. de fibra de linho	1	40:000\$	10	17	45:000\$
Fábrica de palhões	1	42:000\$	9	3,5	28:000\$
Fábrica de chapéus de palha	1	5:000\$	4	—	10:500\$
	3	87:000\$	23	20,5	83:500\$
III — Indústria da madeira					
Serrarias	3	53:000\$	1	37	118:500\$
IV — Metalurgia					
Ferrarias	18	55:500\$	71	19	84:842\$
Funilaria	1	5:000\$	1	—	6:200\$
	19	60:500\$	72	19	91:042\$
V — Cerâmica					
Olarias	5	35:000\$	11	—	49:300\$
VI — Produtos químicos propriamente ditos e produtos análogos					
Fábrica de bebidas sem álcool	1	12:000\$	1	—	18:936\$
VII — Ind. da alimentação					
Fábricas de aguardente de uva	3	24:500\$	3	—	24:845\$
Fábricas de vinhos	7	5.102:549\$	58	35	1.794:401\$
Padarias	2	7:500\$	2	3	54:473\$
Torr. e moagem de café	1	9:000\$	1	2	300:000\$
	13	5.143:549\$	64	40	2.173:719\$
VIII — Ind. do vestuário e toucador					
Alfaiatarias	5	13:000\$	2	—	39:800\$
Fábrica de calçados ...	1	100:000\$	45	6	382:698\$
Oficina de consertos de calçados	1	3:000\$	1	—	3:480\$
	7	116:000\$	48	6	425:978\$
IX — Ind. do mobiliário					
Fábrica de cadeiras ...	1	16:000\$	1	11	12:560\$
Marcenarias	3	57:000\$	6	10	54:550\$
	4	73:000\$	7	21	67:110\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Fôrça motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
X — Ind. da edificação					
Caieira	1	20:000\$	5	—	50:000\$
Carpintarias	2	48:000\$	4	16	21:570\$
Fábrica de esquadrias.	1	10:000\$	3	7	29:200\$
	4	78:000\$	12	23	100:770\$
XI — Const. de aparelhos de transportes					
Selaria	1	7:000\$	1	—	11:350\$
XIII — Ind. relativas às ciências, letras e artes. Indústria de luxo					
Tipografia	1	15:000\$	1	1	19:670\$
XIV — Indústrias reunidas					
Torrefação e moagem de café. Fábrica de sabão e de caramelos	1	22:000\$	—	3	44:580\$
TOTAL GERAL....	62	5.702:049\$	241	170,5	3.204:455\$

FLORES DA CUNHA

III — Indústria da madeira					
Serrarias	5	135:000\$	18	60	245:700\$
Tanoarias	5	60:000\$	20	—	539:660\$
Fábrica de aduelas ...	1	15:000\$	3	8	25:000\$
	11	210:000\$	41	68	810:360\$
IV — Metalurgia					
Funilaria	1	5:000\$	1	—	4:300\$
Oficina mecânica	1	5:000\$	1	—	8:500\$
	2	10:000\$	2	—	12:800\$
V — Cerâmica					
Olaria	1	30:000\$	3	—	32:500\$
VII — Ind. da alimentação					
Torr. e moagem de café	1	5:000\$	1	—	48:000\$
Padaria	1	5:000\$	1	—	23:800\$
Fábricas de vinho.....	8	875:000\$	27	6	1.980:000\$
	10	885:000\$	29	6	2.051:800\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPECIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
VIII — Ind. do vestuário e toucador					
Alfaiataria	1	10:000\$	1	—	32:500\$
IX — Ind. do mobiliário					
Fáb. de móveis de vime	1	6:000\$	1	—	4:940\$
XIV — Indústrias reunidas					
Ferrarias e Fábrica de Carrêtas	5	110:000\$	12	24	113:515\$
Curtume e selaria	1	40:000\$	4	—	23:930\$
	6	150:000\$	16	24	137:445\$
TOTAL GERAL....	32	1.301:000\$	93	98	3.082:315\$

G A R I B A L D I

I — Indústrias têxteis					
Fábricas de chapéus de palha	2	45:000\$	12	—	60:000\$
Fábricas de vassouras..	2	95:000\$	48	—	84:000\$
II — Indústrias de couros, peles e outras matérias duras do reino animal	4	140:000\$	60	—	144:000\$
Curtume	1	50:000\$	3	—	84:000\$
III — Indústria da madeira					
Tanoarias	2	160:000\$	54	—	72:000\$
IV — Metalurgia					
Oficina mecânica	1	15:000\$	4	—	30:000\$
Funilarias	2	10:000\$	4	—	20:000\$
Ferrarias	2	17:000\$	5	—	30:000\$
Cutelaria	1	12:000\$	3	—	16:000\$
Fundição sinos	1	40:000\$	3	—	12:000\$
V — Cerâmica	7	94:000\$	19	—	108:000\$
Olarias	3	15:000\$	5	—	45:000\$
VI — Produtos químicos e produtos análogos					
Fábrica de magnésia e efervescente	1	5:000\$	1	—	25:000\$
Fábrica de foguetes ..	1	5:000\$	2	—	12:000\$
	2	10:000\$	3	—	37:000\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fá- bricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operações	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
VII — Ind. da alimentação					
Fáb. de champanha ...	1	1.000:000\$	25	40	1.125:000\$
Fábricas de vinhos	6	2.140:000\$	77	14	2.994:000\$
Cervejarias	2	20:000\$	3	—	42:700\$
Torr. e moagem de café	2	16:000\$	2	11	42:000\$
Padarias	4	37:000\$	9	—	150:000\$
	15	3.213:000\$	116	65	4.353:700\$
VIII — Ind. do vestuário e tou- cador					
Fábrica de calçados ...	1	30:000\$	6	—	60:000\$
Alfaiataria	1	8:000\$	2	—	12:000\$
	2	38:000\$	8	—	72:000\$
IX — Ind. do mobiliário					
Marcenaria	1	30:000\$	3	12	40:000\$
Fáb. de móveis de vime	2	20:000\$	16	—	55:000\$
	3	50:000\$	19	12	95:000\$
X — Ind. da edificação					
Carpintarias	4	210:000\$	28	105	112:600\$
XI — Const. de aparelhos de transporte					
Selarias	2	50:000\$	6	—	62:000\$
XIII — Ind. relativas às ciên- cias, letras e artes. Ind. de luxo.					
Fábrica de gaitas	1	5:000\$	2	—	10:000\$
TOTAL GERAL.....	45	4.035:000\$	323	182	5.195:300\$

GETÚLIO VARGAS

II — Ind. de couros, peles e outras matérias duras do reino animal					
Curtumes	3	590:000\$	81	96	1.077:400\$
IV — Metalurgia					
Funilarias	4	41:000\$	4	—	39:500\$
Fábrica de chumbo.....	1	50:000\$	4	11	47:850\$
Fundição	1	70:000\$	6	11	180:000\$
Oficina mecânica	1	50:000\$	6	32	70:000\$
	7	211:000\$	20	54	337:350\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
V -- Cerâmica					
Olarias	3	37:000\$	6	—	28:000\$
VII -- Ind. da alimentação					
Fábrica de cerveja ...	1	350:000\$	16	32	192:500\$
Padarias	5	58:000\$	3	—	171:000\$
Benefic. de erva-mate.	1	50:000\$	10	—	91:200\$
Fábricas de salame....	2	175:000\$	11	—	572:500\$
Fábrica de queijo	1	35:000\$	2	—	36:400\$
Torr. e moagem de café	2	37:000\$	2	7	42:400\$
Fábrica de caramelos..	1	5:000\$	1	—	10:000\$
Fábrica de vinho	1	360:000\$	10	15	428:000\$
Fábrica de banha	1	190:000\$	15	—	770:000\$
	15	1.260:000\$	70	54	2.314:000\$
VIII -- Ind. do vestuário e toucador					
Fábrica de chapéus ...	1	60:000\$	6	3	32:000\$
Fábrica de roupas feitas	1	20:000\$	2	—	25:000\$
Officinas de consertos de calçados	6	37:500\$	8	—	73:300\$
	8	117:500\$	16	3	130:300\$
IX -- Ind. do mobiliário					
Fábricas de cadeiras...	3	26:000\$	14	14	82:000\$
Fábrica de móveis.....	1	18:000\$	3	10	45:000\$
	4	44:000\$	17	24	127:000\$
XI -- Construção de aparelhos de transporte					
Selarias	5	78:000\$	5	—	126:500\$
Fábrica de carroças ...	1	25:000\$	2	4	38:000\$
	6	103:000\$	7	4	164:500\$
XIII -- Ind. relativas às ciências, letras e artes. Indústrias de luxo					
Fábrica de galta.....	1	10:000\$	1	—	16:000\$
Tipografias	2	27:000\$	1	—	36:000\$
	3	37:000\$	2	—	52:000\$
TOTAL GERAL....	49	2.399:500\$	219	235	4.230:550\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPECIE	N.º de fá- bricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Fôrça motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
GRAVATAÍ					
III — Indústria da Madeira Armadoria	1	5:000\$	1	—	10:000\$
IV — Metalurgia					
Funilaria	1	3:000\$	1	—	5:000\$
Ferrarias	4	10:000\$	5	—	20:000\$
Oficina mecânica	1	6:000\$	2	—	12:000\$
	6	19:000\$	8	—	37:000\$
VI — Produtos químicos pro- priamente ditos e pro- dutos análogos					
Fábrica de tintas e es- pecial. farmacêuticas.	1	20:000\$	6	4	521:653\$
VII — Ind. da alimentação					
Fábrica de conservas e doce	1	268:000\$	19	5	319:887\$
Torrefações e moagem de café	4	38:000\$	6	15	169:260\$
Padarias	2	20:000\$	5	—	30:000\$
	7	321:000\$	30	20	519:247\$
VIII — Indústria do vestuário e toncador					
Oficinas de consertos de calçados	2	20:000\$	5	—	30:000\$
IX — Indústria do mobiliário					
Fábricas de móveis....	3	140:000\$	85	49	652:856\$
X — Indústria da edificação					
Carpintaria	1	5:000\$	3	—	10:000\$
TOTAL GERAL....	21	530:000\$	138	73	1.780:761\$

GUAÍBA

II — Indústrias de couros, peles e outras matérias duras do reino animal					
Curtumes	2	30:000\$	5	—	91:500\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fá- bricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
III — Indústria da madeira Serrarias	2	9:000\$	2	—	24:000\$
IV — Metalurgia					
Funilarias	4	12:000\$	2	—	25:000\$
Oficinas mecânicas	3	48:000\$	8	11	63:000\$
Ferrarias	12	60:500\$	14	—	150:000\$
	19	120:500\$	24	11	238:000\$
V — Cerâmica Olarias	5	34:000\$	21	—	107:200\$
VI — Produtos químicos pro- priamente ditos e pro- dutos análogos					
Fáb. de papel e papelão	1	500:000\$	72	320	1.162:000\$
VII — Ind. da alimentação					
Engenhos de arroz.....	8	1.436:115\$	48	1.139	8.820:000\$
Cafés	7	59:500\$	7	32	169:976\$
Padarias	6	82:000\$	13	9	214:050\$
Charqueada	1	1.600:000\$	143	50	2.608:168\$
	22	3.177:615\$	211	1.230	11.812:194\$
VIII — Indústria do vestuário e toncador					
Officinas de calçado	2	6:500\$	1	—	16:000\$
Alfaiatarias	4	10:500\$	1	—	41:050\$
	6	17:000\$	2	—	57:050\$
IX — Indústria do mobiliário Fábrica de móveis	1	16:000\$	2	15	32:000\$
X — Indústria da edificação Carpintarias	8	109:000\$	17	16	133:400\$
XI — Construção de aparelhos de transporte					
Correarias	5	18:500\$	5	—	47:550\$
XIV — Indústrias reunidas Gasosa e cerveja	1	8:000\$	2	—	10:000\$
TOTAL GERAL.....	72	4.039:615\$	363	1.592	13.714:894\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICIPIOS EM 1937

CLASSE E ESPECIE	N.º de fá- bricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
GUAPORÉ					
II — Indústrias de couros, peles e outras matérias duras do reino animal Curtumes	2	2.000:000\$	227	427	5.026:650\$
III — Indústria da madeira Serrarias	3	110:000\$	11	53	125:200\$
Fábricas de caixas.....	2	100:000\$	14	38	165:000\$
	5	210:000\$	25	91	290:200\$
IV — Metalurgia Oficinas mecânicas	2	60:000\$	3	5	65:000\$
Funilaria	1	10:000\$	2	—	21:240\$
Fábrica de facas	1	60:000\$	3	14	39:000\$
	4	130:000\$	8	19	125:240\$
V — Cerâmica Olarias	3	50:000\$	13	—	76:000\$
VI — Produtos químicos pro- priamente ditos e pro- dutos análogos Fábrica de cola	1	20:000\$	5	5	32:000\$
Fábrica de sabão	1	20:000\$	1	5	48:000\$
Vulcanização	1	12:000\$	1	1	12:000\$
	3	52:000\$	7	11	92:000\$
VII — Ind. da alimentação Fábrica de cerveja	1	35:000\$	4	—	42:000\$
Benef. de erva mate ..	1	35:000\$	7	3	65:000\$
Moinhos de trigo	4	1.220:000\$	23	96	2.332:840\$
Produtos suínos	4	3.500:000\$	171	175	16.829:041\$
Padarias	3	15:000\$	4	—	66:200\$
Torrefação de café	1	8:000\$	1	3	18:000\$
Cantinas	5	277:000\$	6	—	137:250\$
Fábrica de bebidas	1	180:000\$	9	5	225:562\$
	20	5.270:000\$	225	282	19.715:893\$
VIII — Indústria do vestuário e toucador Fábricas de chinelos...	2	38:000\$	23	5	288:000\$
Alfaiataria	1	10:000\$	3	—	32:000\$
	3	48:000\$	26	5	320:000\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
IX — Indústria do mobiliário Marcenaria	1	30:000\$	5	75	38:000\$
X — Indústria da edificação Carpintaria	1	20:000\$	4	5	20:000\$
XIV — Indústrias remidas Fáb. de camas e fogões	1	60:000\$	2	2	91:000\$
TOTAL GERAL....	43	7.870:000\$	542	917	25.794:983\$

HERVAL

IV — Metalurgia Ferrarias	3	19:000\$	4	—	55:000\$
V — Cerâmica Olaria	1	5:000\$	5	—	34:000\$
VII — Ind. da alimentação Padaria	1	15:000\$	3	—	73:000\$
VIII — Indústria do vestuário e foucador Oficinas de calçados ..	3	14:000\$	8	—	32:000\$
IX — Indústria do mobiliário Marcenaria	1	5:000\$	2	—	15:000\$
X — Indústria da edificação Carpintaria	1	3:000\$	1	—	18:000\$
TOTAL GERAL....	10	61:000\$	23	—	227:000\$

IJUÍ

I — Indústrias têxteis Fáb. de escovas e pincéis	2	50:000\$	36	6	91:000\$
Fábrica de vassouras...	1	5:000\$	1	—	5:000\$
	3	55:000\$	37	6	96:000\$
II — Indústrias de couros, peles e outras matérias duras do reino animal Curtumes	4	276:000\$	88	7	430:000\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICIPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
III — Indústria da madeira					
Serrarias	12	600:000\$	68	162	1.510:000\$
Fáb. de aduelas	1	10:000\$	5	2	50:000\$
Fáb. de artefactos de madeira	1	40:000\$	6	4	40:000\$
	14	650:000\$	79	168	1.600:000\$
IV — Metalurgia					
Ferrarias	8	89:000\$	27	7	121:000\$
Funilarias	4	82:000\$	24	8	132:000\$
Officinas mecânicas.....	5	320:000\$	27	26	275:000\$
Fundição	1	150:000\$	21	19	100:000\$
Cutelaria	1	10:000\$	6	2	20:000\$
	19	651:000\$	105	62	648:000\$
V — Cerâmica					
Olarias	9	335:000\$	70	52	660:000\$
VI — Produtos químicos propriamente ditos e produtos análogos					
Fáb. de óleos de linhaça	1	30:000\$	3	8	80:000\$
Fábricas de sabão.....	2	70:000\$	9	—	170:000\$
Officina de vulcanização	1	10:000\$	1	2	14:000\$
	4	110:000\$	13	10	264:000\$
VII — Ind. da alimentação					
Moinhos de trigo.....	2	150:000\$	3	12	336:000\$
Fábricas de salame....	3	110:000\$	16	3	260:000\$
Fábricas de licores....	2	50:000\$	4	—	60:000\$
Frigorífico	1	1.200:000\$	58	63	3.326:759\$
Refinaria de banha	1	500:000\$	16	33	4.440:000\$
Fábricas de laticínios..	2	350:000\$	21	9	1.000:000\$
Fábrica de caramelos..	1	100:000\$	23	4	128:000\$
Fábrica de bebidas.....	1	150:000\$	10	4	220:000\$
Fábrica de cerveja.....	1	40:000\$	5	1	53:500\$
Torr. e moagem de café	2	67:000\$	1	8	135:000\$
	16	2.717:000\$	157	187	9.959:259\$
VIII — Indústria do vestuário e tocador					
Alfaiatarias	4	63:000\$	11	—	110:000\$
Confecções	1	40:000\$	8	1	80:000\$
Casas de Modas.....	2	10:000\$	7	—	20:000\$
Officinas de consertos de calçados	3	15:000\$	6	—	45:000\$
	10	128:000\$	32	1	255:000\$
IX — Indústria do mobiliário					
Fábricas de móveis....	3	140:000\$	18	16	170:000\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
X — Indústria da edificação					
Carpintarias	4	90:000\$	12	12	105:000\$
Caieira	1	25:000\$	3	—	120:000\$
	5	115:000\$	15	12	225:000\$
XI — Construção de aparelhos de transporte					
Selarias	2	18:000\$	2	—	30:000\$
XIII — Indústrias relativas às ciências, letras e artes.					
Ind. de luxo					
Tipografia e litografia.	1	200:000\$	34	13	200:000\$
Fábrica de instrumentos musicais	1	20:000\$	8	1	80:000\$
	2	220:000\$	42	14	230:000\$
XIV — Indústrias reunidas					
Fáb. de camas e fogões	1	100:000\$	10	12	180:000\$
TOTAL GERAL....	92	5.515:000\$	618	497	14.747:259\$

IRAÍ

III — Indústria da madeira					
Serrarias	3	14:000\$	9	40	98:000\$
IV — Metalurgia					
Oficina mecânica	1	15:000\$	2	—	25:000\$
Ferrarias	4	12:000\$	4	—	28:300\$
	5	27:000\$	6	—	53:300\$
V — Cerâmica					
Olaria	1	55:000\$	3	—	35:000\$
VI — Produtos químicos propriamente ditos e produtos análogos					
Água mineral natural..	1	30:000\$	4	—	50:000\$
VII — Ind. da alimentação					
Cervejaria	1	5:000\$	1	—	8:000\$
Fábricas de aguardente	2	130:000\$	9	8	81:000\$
Padaria	1	3:000\$	1	—	16:591\$
Fábrica de rapaduras..	1	80:000\$	3	15	55:000\$
Moinho de trigo e milho	1	30:000\$	1	18	67:500\$
	6	248:000\$	15	41	228:091\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
VIII — Indústria do vestuário e boncador					
Oficina de consertos de calçados	1	4:500\$	1	—	10:000\$
IX — Indústria do mobiliário					
Marcenaria	1	36:000\$	3	8	35:000\$
XI — Construção de aparelhos de transporte					
Selarias	2	10:000\$	—	—	12:000\$
XIII — Indústrias relativas às ciências, letras e artes.					
Ind. de luxo					
Tipografia	1	30:000\$	1	0,5	12:000\$
TOTAL GERAL....	21	582:500\$	42	89,5	528:391\$

ITAQUI

IV — Metalurgia					
Ferrarias	3	15:000\$	6	—	24:000\$
Oficinas mecânicas.....	3	30:000\$	8	—	44:000\$
Funilarias	3	10:000\$	3	—	23:000\$
	9	55:000\$	17	—	91:000\$
VI — Produtos químicos propriamente ditos e produtos análogos					
Fábrica de sabão.....	1	10:000\$	2	—	13:000\$
VII — Ind. da alimentação					
Padarias	5	53:000\$	17	—	127:500\$
Torr. de café	1	15:000\$	2	—	16:300\$
Fábrica de bebidas.....	1	10:000\$	2	—	16:000\$
	7	78:000\$	21	—	159:800\$
IX — Indústria do mobiliário					
Fábrica de móveis.....	1	20:000\$	2	10	20:000\$
X — Indústria da edificação					
Carpintarias	7	31:000\$	14	—	64:000\$
XI — Construção de aparelhos de transporte					
Selaria	1	5:000\$	2	—	12:000\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPECIE	N.º de fá- bricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Fôrça motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
XIV -- Indústrias reunidas					
Carpintarias e ferrarias	3	20:000\$	9	—	35:000\$
TOTAL GERAL....	29	229:000\$	67	10	396:800\$
JAGUARÃO					
III — Indústria da madeira					
Serraria	1	5:000\$	1	3	3:421\$
Armadoria	1	10:000\$	1	—	35:811\$
	2	15:000\$	2	3	39:232\$
IV — Metalurgia					
Funilarias	3	45:000\$	6	—	44:360\$
Ferrarias	8	47:000\$	10	—	112:700\$
Oficinas mecânicas....	2	93:000\$	3	8	175:840\$
	13	185:000\$	19	8	332:900\$
V — Cerâmica					
Fábricas de mosaicos...	2	26:000\$	3	—	32:880\$
Olarias	3	21:000\$	15	—	36:920\$
	5	47:000\$	18	—	69:800\$
VI — Produtos químicos pro- priamente ditos e produ- tos análogos					
Fáb. de sabão e velas..	2	50:000\$	5	—	190:000\$
VII — Ind. da alimentação					
Fábrica de doces.....	1	4:000\$	1	—	14:000\$
Pão, bolachas, massas alimentícias, biscoitos e café	4	105:000\$	52	52	1.048:540\$
Torr. e moagem de café	2	30:000\$	5	15	123:012\$
Fábrica de fumo.....	1	20:000\$	24	—	75:000\$
	8	159:000\$	82	67	1.260:552\$
VIII — Indústria do vestuário e foucador					
Fáb. de tamancos, etc..	1	6:000\$	1	—	9:306\$
Oficinas de consertos de calçados	4	21:500\$	8	—	52:900\$
Alfaiatarias	10	74:000\$	14	—	134:680\$
	15	101:500\$	23	—	196:886\$
X — Indústria da edificação					
Carpintarias	2	20:000\$	6	17	38:000\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fá- bricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Fôrça motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
XI — Construção de aparelhos de transporte Correarias	2	15:500\$	4	—	35:000\$
XIII — Indústrias relativas às ciências, letras e artes. Ind. de luxo					
Relojoaria	1	8:000\$	—	—	6:500\$
Prataria	1	4:000\$	—	—	8:140\$
	2	12:000\$	—	—	14:640\$
TOTAL GERAL....	61	605:000\$	159	95	2.177:010\$

JAGUARÍ

II — Indústrias de couros, peles e outras matérias duras do reino animal Fáb. de malas de couro	1	16:000\$	—	6	12:800\$
III — Indústria de madeira					
Serrarias	3	105:000\$	7	58	143:800\$
Armadoria	1	9:000\$	—	8	12:000\$
	4	114:000\$	7	66	155:800\$
IV — Metalurgia					
Ferrarias	6	44:000\$	6	—	66:230\$
Funilaria	1	4:000\$	—	—	8:400\$
Oficinas mecânicas	2	30:000\$	3	7	24:800\$
	9	78:000\$	9	7	99:430\$
V — Cerâmica					
Olarias	2	34:000\$	5	—	36:600\$
VI — Produtos químicos pro- priamente ditos e pro- dutos análogos					
Fábrica de sabão	1	13:500\$	1	—	72:000\$
VII — Ind. da alimentação					
Beneficiam. de arroz ..	4	548:000\$	7	102	2.227:200\$
Torrefações e moagem de café	2	118:000\$	3	16	303:400\$
	6	666:500\$	10	118	2.530:600\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Fôrça motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
VIII — Indústria do vestuário e toucador					
Officinas de consertos de calçados	2	7:500\$	1	—	21:000\$
Alfaiataria	1	2:000\$	—	—	9:200\$
	3	9:500\$	1	—	30:200\$
IX — Indústria do mobiliário					
Marcenaria	1	12:000\$	—	8	10:800\$
X — Ind. da edificação					
Carpintaria	1	20:000\$	2	6	24:300\$
XI — Construção de aparelhos de transporte					
Selarias e correarias...	3	33:000\$	4	—	43:800\$
XIV — Indústrias reunidas					
Selaria e curtume	1	100:000\$	3	—	180:000\$
TOTAL GERAL....	32	1.096:500\$	42	211	8.196:330\$

JOSÉ BONIFÁCIO

I — Indústrias têxteis					
Fábricas de chapéus de palha	2	16:000\$	3	—	60:300\$
II — Indústrias de couros, peles e outras matérias duras do reino animal					
Curtume	1	10:000\$	4	—	39:500\$
III — Indústria da madeira					
Serrarias	65	2.235:000\$	419	999	2.813:600\$
Tanoaria	1	5:000\$	7	—	120:000\$
	66	2.240:000\$	426	999	2.933:600\$
IV — Metalurgia					
Officinas mecânicas	6	69:800\$	16	—	150:100\$
Cutelaria	1	25:000\$	18	—	180:000\$
Ferrarias	62	252:100\$	83	—	739:550\$
Fundição	1	50:000\$	18	—	163:800\$
Fáb. de fogões de ferro	3	67:000\$	12	—	138:200\$
Funilarias	11	44:500\$	11	—	150:100\$
Fábrica de espingardas	1	100:000\$	15	8	320:000\$
	85	608:400\$	173	8	1.841:750\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Fôrça motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
V — Cerâmica					
Olarias	6	34:000\$	20	16	173:716\$
VI — Produtos químicos propriamente ditos e produtos análogos					
Fáb. de gasosa e águas minerais	6	43:000\$	3	—	57:500\$
Vulcanização	1	2:000\$	1	—	9:400\$
Fábrica de óleos	1	15:000\$	5	10	145:000\$
	8	60:000\$	9	10	211:900\$
VII — Ind. da alimentação					
Fábricas de cerveja ...	3	125:000\$	16	36	245:500\$
Fábricas de charutos ..	2	17:000\$	5	—	45:000\$
Benef. de erva mate ..	1	150:000\$	31	—	2.070:000\$
Fábricas de vinho	3	360:000\$	19	—	1.324:200\$
Beneficiadora de arroz	1	50:000\$	5	13	240:000\$
Refinaria de banha	1	650:000\$	25	50	6.090:776\$
Torrefações e moagem de café	4	70:000\$	6	21	126:600\$
Torrefação de café e fábrica de caramelos ..	1	20:000\$	1	—	19:000\$
Fábricas de caramelos e bombons	4	19:000\$	10	—	50:500\$
Padarias	5	88:500\$	18	—	538:560\$
Produtos suínos	5	60:000\$	34	—	714:510\$
Beneficiadora de arroz	1	40:000\$	1	10	33:600\$
Moinhos de trigo	2	1.250:000\$	18	42	5.196:135\$
	33	2.879:500\$	189	172	16.694:381\$
VIII — Indústria do vestuário e toucador					
Oficinas de consertos de calçados	20	20:000\$	4	—	115:600\$
Fábrica de chinelos ...	1	1:500\$	—	—	11:200\$
Alfaiatarias	14	55:100\$	14	—	304:360\$
	35	76:600\$	18	—	431:160\$
IX — Indústria do mobiliário					
Fábricas de móveis de madeira	2	225:000\$	35	68	540:000\$
X — Indústria da edificação					
Carpintarias	21	421:500\$	66	131	1.012:660\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fá- bricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
XI — Construção de aparelhos de transporte Selarias	36	254:700\$	44	—	743:230\$
XIII — Indústrias relativas às ciências, letras e artes. Indústria de luxo Ourivesarias	2	95:000\$	4	—	30:000\$
Oficina de relojoaria ..	1	20:000\$	2	—	17:300\$
	3	115:000\$	6	—	47:300\$
TOTAL GERAL....	298	6.940:700\$	993	1.404	24.729:497\$

JÚLIO DE CASTILHOS

III — Indústria da madeira Armadoria	1	12:000\$	1	—	24:798\$
Serrarias	8	125:000\$	17	37	118:330\$
	9	137:000\$	18	37	143:128\$
IV — Metalurgia Ferrarias	6	47:000\$	12	—	85:106\$
Oficinas mecânicas	3	62:000\$	10	—	56:660\$
	9	109:000\$	22	—	141:766\$
V — Cerâmica Olarias	5	50:000\$	19	—	97:000\$
VI — Produtos químicos pro- priamente ditos e pro- dutos análogos Fábrica de gasosa	1	14:000\$	2	—	13:500\$
VII — Ind. da alimentação Charqueadas	3	2.950:000\$	238	140	14.154:804\$
Padaria	1	30:000\$	5	—	89:890\$
Engenhos de arroz	2	70:000\$	3	17	155:000\$
Moinhos de trigo	2	48:000\$	5	33	210:000\$
	3	3.098:000\$	251	190	14.609:694\$
VIII — Indústria do vestuário e tocadores Alfaiatarias	4	35:000\$	9	—	53:800\$
Sapatarias	7	49:000\$	10	—	107:250\$
	11	84:000\$	19	—	161:050\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPECIE	N.º de fá- bricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
IX — Indústria do mobiliário Oficinas mecânicas ...	9	166:000\$	28	33	224:998\$
TOTAL GERAL....	52	3.658:000\$	359	260	15.391:136\$
L A G E A D O					
I — Indústrias têxteis Vassouras e escôvas ..	1	5:000\$	1	—	7:790\$
III — Indústria da madeira Serrarias	15	212:500\$	10	116	136:140\$
Tanoaria	1	10:000\$	—	5	7:033\$
IV — Metalurgia Fundição	16	222:500\$	10	121	148:173\$
Funilarias	16	109:000\$	7	—	105:488\$
Fundição	1	50:000\$	13	12	58:000\$
Ferrarias	26	140:900\$	5	—	155:981\$
Oficinas mecânicas	5	177:000\$	8	9	325:396\$
V — Cerâmica Olarias	48	476:900\$	33	21	644:865\$
Fáb. de louças de barro	10	138:000\$	21	42	94:365\$
	3	32:000\$	7	—	54:900\$
VI — Produtos químicos pro- priamente ditos e pro- dutos análogos Fábricas de bebidas sem alcool	13	170:000\$	28	42	149:265\$
Fábrica de fogos de ar- tificio	4	27:000\$	1	—	20:759\$
Oficina de vulcanização	1	3:000\$	2	—	9:900\$
	1	3:000\$	—	—	7:200\$
VII — Ind. da alimentação Fábricas de cerveja ...	6	33:000\$	3	—	37:859\$
Padarias	8	41:300\$	1	—	46:534\$
Torr. e moagem de café	3	51:000\$	4	—	95:000\$
Fábricas de conservas .	4	64:000\$	4	—	237:243\$
Fábrica de lingüiça...	4	1.225:000\$	173	95	3.330:638\$
Moinho de cereais ...	1	6:000\$	1	—	16:000\$
Fábricas de caramelos e chocolates	1	10:000\$	—	5	8:200\$
Fábrica de balas	2	403:895\$	84	44	618:496\$
Fábricas de cigarrilhas	1	3:000\$	—	—	8:500\$
	2	2:500\$	—	—	8:095\$
	26	1.806:695\$	267	144	4.368:786\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Fôrça motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
VIII — Indústria do vestuário e toucador					
Alfaiatarias	16	51:500\$	11	—	104:098\$
Officinas de consertos de calçados	13	20:100\$	—	—	64:304\$
Fábricas de calçados ..	2	70:000\$	4	11	49:235\$
	31	141:600\$	15	11	217:637\$
IX — Indústria do mobiliário					
Fábricas de móveis ...	2	8:000\$	2	—	19:200\$
Marcenaria	1	6:000\$	—	—	8:371\$
	3	14:000\$	2	—	27:571\$
X — Indústria da edificação					
Carpintarias	18	124:500\$	12	40	191:529\$
Marmorarias	3	11:000\$	2	—	16:500\$
	21	135:500\$	14	40	208:029\$
XI — Construção de aparelhos de transporte					
Artigos de couro.....	8	7:400\$	—	—	35:708\$
Artigos de couro e metal	1	150:000\$	10	8	148:493\$
Estaleiro	1	40:000\$	8	10	82:000\$
Selarias	3	8:000\$	—	—	14:241\$
	13	200:400\$	18	18	280:442\$
XIII — Indústrias relativas às ciências, letras e artes.					
Indústrias de luxo					
Officina de consertos de instrumentos musicais	1	12:000\$	—	—	8:395\$
Fábrica de harmónios.	1	15:000\$	2	—	23:500\$
Ourivesarias	2	24:000\$	2	—	34:800\$
Tipografia	2	105:000\$	5	1	33:495\$
	6	156:000\$	10	1	100:250\$
XIV — Indústrias reunidas					
Fáb. de calç. e curtume	3	170:000\$	19	18	376:665\$
Curt. e art. de couro..	1	250:000\$	19	20	908:030\$
Águas de soda, cerveja e gasosa	3	16:000\$	—	—	17:500\$
Fábricas de móveis e esquadrias	2	74:500\$	8	27	50:974\$
Selaria e art. de couro	1	1:000\$	—	—	6:673\$
	10	511:500\$	46	65	1.359:842\$
TOTAL GERAL....	194	3.873:095\$	448	463	7.545:509\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPECIE	N.º de fá- bricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Fôrça motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
LAGOA VERMELHA					
III — Indústria da madeira					
Serrarias	34	1.335:000\$	154	369	4.262:000\$
Fábrica de aduelas....	1	10:000\$	2	6	150:000\$
	35	1.345:000\$	156	875	4.412:000\$
IV — Metalurgia					
Ferrarias	19	132:000\$	31	—	257:600\$
Oficinas mecânicas	4	64:000\$	10	12	205:000\$
Funilaria	1	2:000\$	—	—	3:000\$
	24	198:000\$	41	12	465:600\$
V — Cerâmica					
Olaria	1	20:000\$	4	7	24:000\$
VII — Ind. da alimentação					
Padarias	3	9:000\$	4	—	65:200\$
Torr. e moagem de café	1	30:000\$	1	3	45:000\$
Produtos suínos	1	100:000\$	7	—	540:000\$
Moinho de trigo	1	70:000\$	2	7	860:000\$
	6	209:000\$	14	10	1.010:200\$
VIII — Indústria do vestuário e toucador					
Oficinas de consertos de calçados	13	63:000\$	9	—	142:000\$
IX — Indústria do mobiliário					
Marcenarias	3	40:000\$	8	23	135:000\$
X — Indústria da edificação					
Carpintaria	1	25:000\$	3	7	30:000\$
XI — Construção de aparelhos de transporte					
Fábrica de carrêtas ...	4	105:000\$	9	6	112:400\$
XIV — Indústrias reunidas					
Selarias e Curtumes ..	13	192:000\$	21	—	201:200\$
TOTAL GERAL....	100	2.197:000\$	265	440	6.532:400\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fá- bricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
L A V R A S					
IV — Metalurgia					
Oficina mecânica	1	9:000\$	3	—	41:216\$
Ferrarias	5	12:000\$	5	—	38:099\$
	6	21:000\$	8	—	79:315\$
V — Cerâmica					
Olarias	3	9:500\$	7	—	42:050\$
Fábrica de mosaicos ..	1	10:000\$	2	—	16:000\$
	4	19:500\$	9	—	58:050\$
VII — Ind. da alimentação					
Charqueada	1	112:000\$	76	—	1.342:555\$
Torr. e moagem de café	1	30:000\$	2	—	43:200\$
Padarias e biscoutarias	7	105:000\$	16	—	261:998\$
	9	247:000\$	94	—	1.647:753\$
VIII — Indústria do vestuário e toucador					
Alfaiatarias	3	19:000\$	5	—	81:240\$
Oficinas de consertos de calçados	3	12:000\$	5	—	39:340\$
Fábrica de calçados ...	1	10:000\$	2	—	18:000\$
	7	41:000\$	12	—	138:580\$
IX — Indústria de mobiliário					
Fábrica de móveis	1	8:000\$	2	—	24:500\$
Marcenaria	1	15:000\$	2	—	42:300\$
	2	23:000\$	4	—	66:800\$
X — Indústria da edificação					
Carpintarias	2	12:500\$	2	—	34:000\$
Caleira	1	100:000\$	26	—	148:800\$
	3	112:500\$	28	—	182:800\$
XIII — Indústrias relativas às ciências, letras e artes. Indústrias de luxo					
Ourivesaria	1	2:000\$	—	—	8:560\$
TOTAL GERAL....	32	466:000\$	155	—	2.181:858\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
SANTANA DO LIVRAMENTO					
II — Ind. de couros, peles e outras matérias duras do reino animal Curtume	1	300:000\$	30	30	1.600:000\$
III — Indústria da madeira Armadorias	2	45:000\$	4	—	57:000\$
IV — Metalurgia Ferrarias	3	22:000\$	8	13	57:500\$
Funilarias	2	8:000\$	2	—	26:500\$
	5	30:000\$	10	13	84:000\$
V — Cerâmica Olarias	3	7:000\$	11	—	67:200\$
Fábrica de mosaicos...	1	50:000\$	6	1	24:400\$
	4	57:000\$	17	1	91:600\$
VI — Produtos químicos propriamente ditos e produtos análogos Fábricas de sabão	3	180:000\$	17	—	581:400\$
Fábricas de produtos veterinários	2	270:000\$	8	28	329:150\$
	5	450:000\$	25	28	910:550\$
VII — Ind. da alimentação Torr. e moagem de café	3	65:000\$	9	16	254:770\$
Charqueada	1	1.402:000\$	80	145	8.748:941\$
Fábrica de conservas alimentícias	1	40.000:000\$	2.360	1.590	73.865:000\$
Fábr. de fumo desfiado	4	385:000\$	18	20	165:020\$
Padarias	4	125:000\$	53	50	1.394:800\$
Confeitaria	1	4:000\$	—	—	12:600\$
	14	41.981:000\$	2.520	1.821	84.441:131\$
VIII — Indústria do vestuário e toucador Fábrica de calçados ...	1	40:000\$	14	7	54:120\$
Oficina de consertos de calçados	1	5:000\$	4	—	18:320\$
Tamancaria	1	6:000\$	3	—	15:000\$
Alfaiatarias	4	90:000\$	25	—	252:000\$
	7	141:000\$	46	7	339:440\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
IX — Indústria do mobiliário					
Fábricas de móveis....	2	80:000\$	25	5	95:000\$
Colchoaria	1	2:000\$	2	—	21:000\$
	3	82:000\$	27	5	116:000\$
X — Indústria da edificação					
Marmoraria	1	8:000\$	1	—	12:000\$
Carpintarias	2	10:000\$	6	5	30:000\$
	3	18:000\$	7	5	42:000\$
XI — Construção de aparelhos de transporte					
Correarias	2	125:000\$	21	—	248:030\$
XIII — Indústrias relativas às ciências, letras e artes.					
Indústria de luxo					
Impressos	1	100:000\$	17	18	300:000\$
Ourivesarias	2	16:000\$	3	—	17:140\$
	3	116:000\$	20	18	317:140\$
XIV — Indústrias reunidas					
Fábrica de cerveja, gasosa, gelo, etc.	1	1.300:000\$	30	200	698:750\$
TOTAL GERAL....	50	44.645:000\$	2.757	2.128	88.940:641\$

M A R G E M

III — Indústria da madeira					
Serrarias	3	57:000\$	7	18	46:084\$
IV — Metalurgia					
Ferrarias	4	42:000\$	6	6	56:284\$
V — Cerâmica					
Olaria	1	45:000\$	4	—	40:500\$
VII — Ind. da alimentação					
Padarias	4	21:000\$	8	—	41:757\$
Torr. e moagem de café	1	4:000\$	2	—	35:525\$
	5	25:000\$	10	—	77:282\$
TOTAL GERAL....	13	169:000\$	27	24	220:150\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
MONTENEGRO					
I — Indústrias têxteis					
Artefactos de algodão..	1	20:000\$	7	—	33:000\$
II — Indústria de couros, peles e outras matérias duras do reino animal					
Curtumes	2	160:000\$	13	34	320:000\$
III — Indústria da madeira					
Serrarias	8	249:000\$	15	71	172:000\$
Fábricas de palitos	2	38:000\$	26	16	76:000\$
	10	287:000\$	41	87	248:000\$
IV — Metalurgia					
Fundição	1	200:000\$	30	40	160:000\$
Ferrarias	34	167:400\$	22	—	215:232\$
Funilarias	6	15:000\$	1	—	26:455\$
Oficinas mecânicas.....	2	10:000\$	2	4	14:600\$
	43	392:400\$	55	44	416:287\$
V — Cerâmica					
Olarias	7	1.615:000\$	271	203	1.583:106\$
VI — Produtos químicos propriamente ditos e produtos análogos					
Fábricas de sabão	3	25:000\$	3	—	55:000\$
Produtos químicos	1	15:000\$	2	—	15:000\$
Fábrica de cola.....	1	3:000\$	—	—	3:000\$
	5	42:000\$	5	—	73:000\$
VII — Ind. da alimentação					
Produtos suínos	3	4.595:000\$	164	203	7.631:877\$
Cervejarias	6	345:000\$	23	115	875:553\$
Torr. e moagem de café	4	125:000\$	6	8	205:000\$
Padarias	4	46:000\$	16	11	283:300\$
Bebidas diversas	1	10:000\$	2	—	10:000\$
Caramelos	1	25:000\$	8	—	44:000\$
Massas alimentícias....	1	25:000\$	1	8	28:800\$
Vinagre	2	2:000\$	—	—	15:000\$
Fábrica de doces.....	1	1:000\$	—	—	3:000\$
Fábrica de fumo.....	1	2:000\$	—	—	6:600\$
	24	5.176:000\$	225	345	9.103:130\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
VIII — Indústria do vestuário e toucador					
Fábrica de calçados....	1	1.200:000\$	143	45	1.900:000\$
Oficinas de calçados ..	3	7:000\$	—	—	10:700\$
Tamancaria e chinelaria	2	23:000\$	12	—	85:000\$
Tamancarias	2	2:000\$	—	—	6:000\$
Oficinas de consertos de calçados	3	4:500\$	1	—	9:927\$
	11	1.236:500\$	156	45	2.011:627\$
IX — Indústria do mobiliário					
Fábrica de móveis.....	1	200:000\$	16	15	220:000\$
Marcenarias	3	19:000\$	4	7	29:600\$
	4	219:000\$	20	22	249:600\$
X — Indústria da edificação					
Esquadrias	1	5:000\$	1	5	12:000\$
Obras de cimento.....	1	12:000\$	2	1	22:000\$
Carpintarias	13	60:200\$	7	16	76:600\$
Marmorarias	3	3:800\$	—	—	12:800\$
	18	81:000\$	10	22	123:400\$
XI — Construção de aparelhos de transporte					
Selarias	2	10:000\$	1	—	18:000\$
XIII — Indústrias relativas às ciências, letras e artes. Ind. de luxo.					
Tipografias	2	65:000\$	6	4	55:000\$
XIV — Indústrias reunidas					
Serrarias e moinhos ...	3	93:000\$	10	36	92:900\$
Arreamentos e chinelos	1	175:000\$	9	5	250:000\$
Artigos de couros.....	1	700:000\$	60	30	720:000\$
Tamancaria, cepas e moinhos	1	120:000\$	4	24	76:000\$
Sapataria e selaria.....	1	40:000\$	6	—	40:000\$
Fábrica de calçados e curtume	2	180:000\$	22	—	194:800\$
Serraria e carpintaria..	4	75:000\$	5	33	65:493\$
	13	1.383:000\$	116	128	1.439:193\$
TOTAL GERAL....	142	10.686:900\$	929	939	15.673:343\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Fôrça motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
NOVO HAMBURGO					
I — Indústrias têxteis					
Fáb. de artigos de malha	1	2:000\$	2	—	6:050\$
II — Indústria de couros, peles e outras matérias duras do reino animal					
Curtumes	11	3.329:000\$	227	443	6.625:620\$
Fábricas de malas	2	106:000\$	43	4	766:000\$
Fábrica de pelegos.....	1	300:000\$	18	17	879:969\$
	14	3.735:000\$	288	464	8.271:589\$
III — Indústria da madeira					
Fábrica de armações para selins	1	11:000\$	5	—	19:200\$
Fáb. fôrmas p/calçados	1	60:000\$	12	10	245:000\$
Fábrica de molduras...	1	700:000\$	40	38	600:000\$
Serrarias	2	18:000\$	11	32	72:000\$
Fábricas de polias.....	2	15:000\$	—	7,5	19:200\$
	7	804:000\$	68	87,5	955:400\$
IV — Metalurgia					
Ferrarias	7	24:800\$	5	12	72:500\$
Funilarias	6	8:500\$	2	—	55:000\$
Oficinas mecânicas.....	7	96:000\$	50	38,5	322:900\$
Fábrica de alumínio ..	1	80:000\$	12	6	150:000\$
Fáb. de ferro esmaltado	1	900:000\$	79	49,25	870:000\$
Fáb. de telas de arame.	1	10:000\$	—	5,5	9:360\$
	23	1.119:300\$	148	111,25	1.479:760\$
V — Cerâmica					
Olarias	6	159:000\$	37	28	125:440\$
Fábrica de mosaicos...	1	5:000\$	2	—	10:800\$
	7	164:000\$	39	28	136:240\$
VI — Produtos químicos propriamente ditos e produtos análogos					
Envernizarias	8	257:000\$	67	18,5	1.118:400\$
Fábrica de tintas.....	1	5:000\$	1	3	44:265\$
Fábricas de cola	3	15:000\$	6	—	42:700\$
Fábricas de sabão	3	2:600\$	3	—	13:650\$
Fáb. de caixas papelão	5	110:000\$	79	11	261:000\$
Produtos farmacêuticos	1	30:000\$	1	—	119:850\$
	21	419:600\$	157	32,5	1.599:865\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
VII — Ind. da alimentação					
Fábricas de conservas..	3	17:000\$	4	—	27:290\$
Torr. e moagem de café	3	65:000\$	12	11	252:201\$
Padarias e confeitarias.	6	73:500\$	18	8	202:900\$
Fábrica de charutos e cigarros	1	60:000\$	25	9	206:000\$
Fábricas de bebidas....	3	160:000\$	6	24	174:000\$
	16	375:500\$	65	52	862:391\$
VIII — Indústria do vestuário e tocador					
Alfaiatarias	9	72:000\$	19	—	288:300\$
Fáb. de artef. de couro	2	805:000\$	113	20	2.462:400\$
Fábricas de chapéus para senhoras	2	6:000\$	1	0,75	18:000\$
Fábrica de sombrinhas.	1	20:000\$	2	—	41:600\$
Fábricas de calçados...	32	4.561:000\$	1.115	325,5	15.490:459\$
Fábrica de tamancos...	1	5:000\$	1	—	27:200\$
Fábrica de perneiras...	1	10:000\$	6	2	140:000\$
	48	5.479:000\$	1.257	348,25	18.467:959\$
IX — Indústria do mobiliário					
Fábricas de móveis ...	5	135:000\$	44	63,5	547:200\$
X — Indústria da edificação					
Marmoraria	1	35:000\$	7	—	75:000\$
Carpintarias	7	252:000\$	87	66	496:800\$
	8	287:000\$	94	66	571:800\$
XI — Construção de aparelhos de transporte					
Fábrica de carroças....	1	30:000\$	8	8	110:000\$
Artigos de montaria....	1	100:000\$	10	9	83:226\$
Selarias	2	125:000\$	24	8	385:525\$
	4	255:000\$	42	20	578:751\$
XIII — Indústrias relativas às ciências, letras e artes. Ind. de luxo.					
Fábrica de órgãos e harmônios	1	60:000\$	10	10,5	123:600\$
Floristas	3	2:000\$	—	—	10:500\$
Tipografias	2	65:000\$	13	9,5	120:000\$
	6	127:000\$	23	20	254:100\$
TOTAL GERAL....	160	12.902:400\$	2.227	1.293	33.731:105\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
OSÓRIO					
I — Indústrias têxteis					
Fábrica de escôvas e vassouras	1	20:000\$	2	12	21:500\$
II — Indústria de couros, peles e outras matérias duras do reino animal					
Curteumes	1	10:000\$	1	—	10:000\$
III — Indústria da madeira					
Serrarias	6	39:000\$	8	71	354:800\$
IV — Metalurgia					
Ferrarias	3	6:500\$	2	—	53:000\$
V — Cerâmica					
Olarías	2	40:000\$	6	—	46:000\$
VI — Produtos químicos propriamente ditos e produtos análogos					
Fábricas de gasosa	2	10:000\$	1	—	12:500\$
VII — Ind. da alimentação					
Usina de açúcar.....	1	500:000\$	47	75	110:432\$
Torr. e moagem de café	4	65:000\$	4	22	120:400\$
Fábrica de charutos....	1	20:000\$	3	12	15:130\$
Padarias	2	25:000\$	7	—	220:000\$
	8	610:000\$	61	109	465:962\$
VIII — Indústria do vestuário e toucador					
Tamancarias	6	31:000\$	8	—	55:800\$
XI — Construção de aparelhos de transporte					
Selarias	4	32:000\$	8	—	60:700\$
TOTAL GERAL....	33	798:500\$	97	192	1.080:262\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPECIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Fôrça motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
PALMEIRA					
III — Indústria da madeira					
Serrarias	35	1.113:500\$	81	1.294	1.158:750\$
IV — Metalurgia					
Ferrarias	6	22:000\$	2	—	24:800\$
Oficinas mecânicas.....	1	10:000\$	2	—	20:000\$
	7	32:000\$	4	—	44:800\$
VII — Ind. da alimentação					
Padarias	3	24:000\$	5	2	30:000\$
VIII — Indústria do vestuário e toucador					
Oficinas de consertos de calçados	2	5:000\$	1	—	12:000\$
Alfaiataria	1	5:000\$	2	—	8:000\$
	3	10:000\$	3	—	20:000\$
TOTAL GERAL....	48	1.179:500\$	93	1.296	1.253:550\$

PASSO-FUNDO

I — Indústria têxteis					
Fábrica de chapéus de palha e vassoura	1	30:000\$	4	—	32:000\$
Fábricas de vassouras .	2	9:000\$	2	—	24:000\$
	3	39:000\$	6	—	56:000\$
II — Indústria de couros, peles e outras matérias duras do reino animal					
Curtumes	4	13:000\$	3	—	28:800\$
III — Indústria da madeira					
Armadoria	1	12:000\$	1	—	12:000\$
Serrarias	158	6.825:000\$	1.059	3.176	7.455:120\$
Fábricas de caixas de madeira	2	290:000\$	28	75	410:000\$
Fábrica de aduelas	1	2:000\$	2	—	10:600\$
Tanoaria	1	3:000\$	—	—	5:000\$
	163	7.132:000\$	1.090	3.251	7.892:720\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Fôrça motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
IV — Metalurgia					
Ferrarias	46	130:800\$	35	8	279:814\$
Funilarias	15	80:000\$	4	—	132:600\$
Fábrica de pregos	1	200:000\$	7	22,5	760:000\$
Oficinas mecânicas	11	173:100\$	26	27,5	298:600\$
Fábrica de máquinas industriais	1	350:000\$	38	35	240:000\$
	74	988:900\$	110	93	1.811:014\$
V — Cerâmica					
Olarias	15	165:000\$	37	—	127:050\$
Marmoraria	1	2:000\$	1	—	16:000\$
	16	167:000\$	38	—	143:050\$
VI — Produtos químicos propriamente ditos e produtos análogos					
Fábricas de gasosa	4	101:000\$	4	—	60:640\$
Fábricas de sabão	4	48:000\$	7	—	158:000\$
Oficina de vulcanização	1	10:000\$	—	—	9:000\$
	9	159:000\$	11	—	227:640\$
VII — Ind. da alimentação					
Frigorífico	1	500:000\$	33	65	1.390:000\$
Refinaria de banha	1	400:000\$	6	51	720:000\$
Fábricas de cerveja	2	20:000\$	5	—	27:000\$
Padaria. Fab. de massas. Torref. e moagem de café	1	100:000\$	14	12,5	246:500\$
Padarias	6	158:000\$	22	23	510:600\$
Torrefação de café	4	38:000\$	4	11,5	138:000\$
Torrefação de café e descascador de arroz	2	250:000\$	16	27	510:000\$
Fábricas de salames	2	24:000\$	4	—	94:000\$
Fábrica de salames e linguiça	1	4:500\$	2	—	98:000\$
Descascadores de arroz	2	175:000\$	4	26	1.283:000\$
Fábrica de doces	1	5:000\$	2	—	20:000\$
Beneficiamento de arroz	1	250:000\$	3	35	275:000\$
Moinhos de trigo	2	130:000\$	10	42	976:100\$
Moagem de trigo	1	3.000:000\$	40	160	4.046:000\$
Fábrica de caramelos	1	40:000\$	6	2	55:000\$
Benef. de erva-mate	1	200:000\$	8	20	960:000\$
	29	5.294:500\$	179	475	11.349:200\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL.	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
VIII — Indústria do vestuário e toucador					
Alfaiatarias	22	92:300\$	12	—	178:600\$
Officinas de consertos de calçados	24	51:800\$	2	12	134:600\$
Fábrica de calçados ...	1	10:000\$	2	—	12:000\$
Fábrica de tamancos ..	1	5:000\$	—	—	6:000\$
Fáb. de roupas brancas	1	1:000\$	1	—	16:000\$
Fábrica de chapéus para senhoras	1	2:000\$	1	—	13:000\$
Tinturaria	1	1:000\$	—	—	3:600\$
	51	163:100\$	18	12	363:800\$
IX — Indústria do mobiliário					
Marcenarias	7	40:000\$	4	5	56:200\$
Fábrica de cadeiras ...	1	4:000\$	2	—	12:000\$
Fábricas de colchões ..	2	4:000\$	—	—	14:600\$
Fábricas de móveis ...	3	63:000\$	14	16	124:000\$
Fáb. de móveis de vime	1	1:000\$	—	—	7:200\$
	14	112:000\$	20	21	214:000\$
X — Indústria da edificação					
Carpintarias	25	94:400\$	8	8	162:400\$
Pedreiras	2	6:000\$	4	—	30:000\$
Esquadrias	1	15:000\$	3	16	13:000\$
Oficina de aparelhos de mármore	1	1:000\$	—	—	14:000\$
Marmoraria	1	2:000\$	—	—	7:400\$
Caieira	1	10:000\$	2	—	160:000\$
	31	128:400\$	17	24	386:800\$
XI — Construção de aparelhos de transporte					
Selarias	14	103:000\$	9	30	138:400\$
Correaria	1	1:500\$	—	—	8:000\$
Fábrica de carroças ...	1	4:000\$	—	—	5:250\$
					151:650\$
XIII — Indústrias relativas às ciências, letras e artes.	16	108:500\$	9	30	
Indústria de luxo					
Tipografias	3	212:000\$	13	5,5	114:000\$
Ourivesarias	4	39:000\$	3	—	46:600\$
Oficina de consertos de jóias e relógios	1	5:000\$	—	—	10:000\$
	8	256:000\$	16	5,5	170:600\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Fôrça motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
XIV — Indústrias reunidas					
Fábrica de mosaicos, soleiras e mármore ..	1	8:000\$	4	2	24:000\$
Fábrica de cadeiras e louças de barro	1	2:000\$	4	3,5	18:000\$
Carpintaria e armadoria	1	19:000\$	2	5	40:000\$
Selaria e sapataria	1	3:000\$	—	—	4:900\$
Selarias e cortumes ...	9	42:000\$	3	—	69:140\$
Carpintaria, atafona e moinho	1	20:000\$	6	10	10:000\$
Ferrarias e carpintarias	3	12:000\$	2	—	27:600\$
Serrarias e moinhos ..	5	180:000\$	33	122	188:000\$
Serraria e atafona	1	22:000\$	8	20	34:000\$
Fáb. de cerveja e gasosa	2	812:000\$	34	98	1.013:800\$
Selaria e sapataria	1	3:000\$	—	—	5:900\$
Curtume e sapataria ..	1	4:000\$	—	—	6:000\$
Carpintaria e Marcen...	1	3:000\$	1	—	3:600\$
Carpintaria e Fábrica de carroças	1	5:000\$	1	2,5	6:400\$
Curtume, selaria e fábrica de chinelo	1	6:000\$	2	2,5	6:400\$
Carpintaria e fábrica de cepas para tamancos .	1	6:000\$	—	—	9:600\$
Alfalataria e moinho de erva-mate	1	10:000\$	2	10	15:000\$
	32	1.157:000\$	102	273	1.477:340\$
TOTAL GERAL....	450	15.663:400\$	1.619	4.184,5	24.272:614\$

PELOTAS

I — Indústria têxteis					
Cia. Fiação e Tecidos de algodão	1	1.500:000\$	484	700	3.039:984\$
II — Indústria de couros, peles e outras matérias duras do reino animal					
Curtumes	6	1.505:000\$	137	388	6.009:253\$
IV — Metalurgia					
Fábrica de aquecedoras	1	4:000\$	4	2,25	13:600\$
Ferrarias	5	2:000\$	8	—	34:766\$
	6	6:000\$	12	2,25	48:366\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Fôrça motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
V — Cerâmica					
Fáb. de vidros e frascos	1	179:000\$	42	12	494:410\$
Fábrica de vidros	1	100:000\$	76	5	200:000\$
Fábrica de espelhos e vidraçaria	1	200:000\$	13	14	160:000\$
Vidraçaria	1	60:000\$	4	9,5	25:200\$
Fábrica de ladrilhos ...	1	100:000\$	12	3	78:667\$
Cerâmica	1	200:000\$	30	62	253:180\$
Olaria	1	5:000\$	9	—	40:500\$
	7	844:000\$	186	105,5	1.251:957\$
VI — Produtos químicos propriamente ditos e produtos análogos					
Fábrica de cola	1	100:000\$	3	10	120:000\$
Produtos químicos e fábrica de adubos	1	336:860\$	99	75	1.307:963\$
Fábrica de sabonetes ..	1	2:000\$	—	—	3:194\$
Água mineral	1	150:000\$	10	—	148:800\$
Fábrica de sabão	1	15:000\$	—	—	99:000\$
Fábrica de sabão e velas	1	25:000\$	12	—	27:650\$
Fábrica de sabão, glicerina, etc.	1	900:000\$	50	80	2.105:000\$
Produtos farmacêuticos.	6	1.116:879\$	75	36,8	2.899:581\$
	13	2.645:739\$	249	201,8	6.711:188\$
VII — Ind. da alimentação					
Padarias	17	739:000\$	162	171,5	3.039:116\$
Beneficiadora de arroz .	2	1.450:000\$	124	410	16.986:600\$
Torr. e moagem de café	4	680:000\$	36	76,85	1.554:861\$
Torrefação e moagem de café e padaria	1	200:000\$	12	25	848:251\$
Torrefação e moagem de café e fábrica de fumos e cigarros	1	320:000\$	42	27	1.165:520\$
Fáb. de fumo desfiado .	1	70:000\$	13	8	151:940\$
Confeitarias	3	208:181\$	17	4	128:000\$
Fábrica de cerveja	1	5.250:000\$	125	205	1.950:000\$
Fábrica de massas	1	34:000\$	5	8	129:000\$
Fáb. de linguiça, mortadela, presunto, salchicha, etc.	1	4:500\$	3	7	32:900\$
Fáb. de beb., vinhos, etc.	1	120:000\$	9	6	93:560\$
Fáb. de cons. alimentic.	1	1.000:000\$	97	50	1.467:500\$
	34	10.075:681\$	645	998,35	27.547:248\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Fôrça motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
VIII — Indústria do vestuário e toucador					
Alfalatarias	9	193:500\$	32	—	477:380\$
Fábrica de fundas, cintas, suspensórios, etc.	1	40:000\$	5	1	63:904\$
Fábrica de fundas	1	5:000\$	4	—	80:000\$
Fábrica de calçados ...	2	215:000\$	41	3,5	744:712\$
Tamancaria	1	20:000\$	4	—	47:600\$
	14	473:500\$	86	4,5	1.413:596\$
IX — Indústria do mobiliário					
Fábrica de móveis	2	120:000\$	23	36,85	177:000\$
Fábrica de camas e colchões	1	30:000\$	21	6	100:500\$
Fáb. de camas de ferro	1	400:000\$	53	18,75	525:000\$
	4	550:000\$	97	61,60	802:500\$
XIV — Indústrias reunidas					
Fábrica de tijolos, telhas e adubos	1	1.200:000\$	138	200	1.941:058\$
Fábrica de gasosa, xaropes e licores	2	144:000\$	23	10	259:560\$
Fábrica de material agrícola, panelas, caçarolas, camas de ferro, fogões, etc.	1	300:000\$	63	30	560:000\$
	4	1.644:000\$	224	240	2.760:618\$
TOTAL GERAL....	89	19.243:920\$	2.120	2.702	48.584:710\$

PINHEIRO MACHADO

III — Indústria da madeira					
Armadoria	1	10:000\$	1	—	3:960\$
IV — Metalurgia					
Oficina mecânica	1	5:000\$	1	—	9:000\$
Oficina de consertos...	1	5:000\$	—	—	8:400\$
Ferrarias	4	13:000\$	1	—	20:520\$
	6	23:000\$	2	—	37:920\$
V — Cerâmica					
Olarjas	4	12:500\$	12	—	183:120\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fá- bricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
VII — Indústria da alimentação					
Padarias	3	40:000\$	8	—	101:792\$
Moinho de trigo e milho	1	60:000\$	4	20	120:000\$
	4	100:000\$	12	20	221:792\$
VIII — Indústria do vestuário e trocador					
Alfaiataria	1	4:000\$	—	—	4:500\$
Oficinas de consertos de calçados	4	8:500\$	—	—	11:415\$
	5	12:500\$	—	—	15:915\$
X — Indústria da edificação					
Carpintarias	3	4:500\$	—	—	9:400\$
TOTAL GERAL....	23	162:500\$	27	20	472:107\$

PIRATINÍ

II — Indústria de couros, pe- les e outras matérias duras do reino animal					
Curtumes	2	20:000\$	5	—	24:300\$
IV — Metalurgia					
Ferrarias	5	13:500\$	6	—	32:500\$
V — Cerâmica					
Olarias	7	33:000\$	13	—	75:000\$
VII — Indústria da alimentação					
Padaria	1	6:000\$	3	—	15:800\$
Moinho de trigo.....	1	30:000\$	2	—	35:500\$
	2	36:000\$	5	—	51:300\$
VIII — Indústria do vestuário e trocador					
Oficinas de consertos de calçados	6	16:000\$	8	—	34:100\$
Tancaria	1	6:000\$	3	—	15:840\$
	7	22:000\$	11	—	49:940\$
TOTAL GERAL....	23	124:500\$	40	—	233:040\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
PÓRTO ALEGRE					
I — Indústrias têxteis					
Tecidos de lã.....	3	19.300:000\$	2.352	2.690	26.138:099\$
Fáb. de tecidos de juta.	2	1.000:000\$	424	280	5.900:000\$
Fábrica de malhas.....	1	100:000\$	37	7,5	559:101\$
Fábrica de meias e camisetas	1	3.000:000\$	252	300	4.000:000\$
Fábrica de meias.....	1	80:000\$	6	—	48:000\$
Fábrica de vassouras e espanadores	1	200:000\$	25	5	400:000\$
Fábricas de vassouras.	2	540:000\$	37	12,5	440:000\$
Fáb. de pincéis e escovas	1	60:000\$	28	3	240:000\$
	12	24.280:000\$	3.161	3.298	37.725:200\$
II — Indústria de couros, peles e outras matérias duras do reino animal					
Fábrica de correias de couros	1	700:000\$	24	22	965:301\$
Fáb. de malas de couro	1	5:000\$	4	—	80:000\$
Pelarias	4	265:000\$	16	1	152:000\$
	6	970:000\$	44	23	1.197:301\$
III — Indústria da madeira					
Armadorias	10	279:500\$	7	3	483:500\$
Fábricas de caixas de madeira	2	290:000\$	33	50	290:000\$
Fáb. de rólhas e palitos	1	250:000\$	8	5	700:000\$
Serrarias de lenha.....	19	240:800\$	49	76	886:000\$
Serrarias de madeira..	7	770:000\$	83	165	2.000:000\$
Tornearias	3	22:000\$	7	6	60:000\$
Fábrica de fôrmas para calçados	1	50:000\$	11	12	80:000\$
Tanoarias	2	60:000\$	6	—	264:000\$
	45	1.962:300\$	209	317	4.763:500\$
IV — Metalurgia					
Fábricas de balanças...	2	115:000\$	71	38,5	512:500\$
Fundição	9	955:000\$	311	196,5	2.360:000\$
Fábrica de cofres, fogões, camas, etc.	1	2.200:000\$	12	15	1.596:000\$
Fábrica de camas, fogões, etc.	1	300:000\$	31	30	650:000\$
Fábrica de camas, fogões, fogareiros	1	4.500:000\$	124	187,5	3.600:000\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
Fábrica de aquecedores, fogareiros, maçaricos	1	250:000\$	23	4,5	510:000\$
Fábrica de tesouras, artef. de ferro e metal.	1	200:000\$	121	120	2.200:000\$
Fábrica de parafusos, porcas e consertos...	1	1.000:000\$	126	65	2.448:038\$
Fábr. de fechaduras....	1	50:000\$	35	4,5	200:000\$
Fáb. de máquinas.....	2	340:000\$	45	26,5	335:000\$
Fáb. de máquinas e fundição	1	275:000\$	40	10	300:000\$
Fábrica de artefactos de alpaca, máquina para café	1	100:000\$	10	12	150:000\$
Fáb. de art. de alumínio	1	100:000\$	14	4	250:000\$
Fáb. de louças esmaltadas e estanhadas.....	1	1.100:000\$	249	150	3.511:112\$
Fábrica de pregos.....	1	700:000\$	35	60	3.300:000\$
Fáb. de camas, fogões, parafusos, porcas....	1	1.800:000\$	181	260	5.000:000\$
Fábrica de lustres e pertences	1	220:000\$	18	11,5	281:465\$
Fábrica de ferragens e fechaduras	1	100:000\$	13	5	221:466\$
Fáb. de portões e persianas	1	50:000\$	16	6	300:000\$
Fábrica de máquinas de costura	1	100:000\$	40	41,5	318:306\$
Fáb. de art. de metais.	1	20:000\$	10	6	120:000\$
Of. de cons. de fogareiros e fechaduras.....	1	16:000\$	1	—	20:000\$
Serralherias	5	74:000\$	23	9	272:000\$
Oficinas mecânicas	93	1.903:500\$	406	269	5.284:803\$
Ferrarias	45	168:950\$	70	32	406:680\$
Funilarias	45	428:800\$	84	12	1.146:000\$
	220	17.066:250\$	2.109	1.576	35.203:370\$
V — Cerâmica					
Fábricas de ladrilhos..	2	32:000\$	13	—	247:160\$
Olarias	2	23:000\$	14	15	65:760\$
Fáb. de mosaicos.....	1	20:000\$	8	—	60:000\$
Fáb. de vidros.....	3	980:000\$	301	68	1.875:000\$
Fáb. de cerâmica.....	2	1.200:000\$	33	165	364:708\$
	10	2.255:000\$	369	248	2.612:628\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPECIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
VI — Produtos químicos propriamente ditos e produtos análogos					
Perfumarias	5	690:000\$	59	54	2.034:779\$
Erva vegetal	1	50:000\$	7	6	113:470\$
Fábricas de tintas.....	3	1.621:000\$	119	258	2.684:000\$
Prod. químicos e farmacêuticos	1	80:000\$	14	—	300:000\$
Produtos químicos.....	1	50:000\$	3	—	76:000\$
Vulcanização	11	71:500\$	14	16,5	230:800\$
Fáb. de velas de cera..	1	150:000\$	6	1	351:000\$
Fábricas de sabão.....	6	755:000\$	46	32	2.608:200\$
Fábrica de oxigênio....	1	4.000:000\$	30	120	1.500:000\$
Fábrica de anilinas....	1	100:000\$	5	—	150:000\$
Fábrica de óleos.....	1	437:516\$	9	15	600:000\$
Fábricas de gasosa.....	2	103:000\$	4	2,5	288:000\$
Cartonagens	3	124:000\$	28	6	350:000\$
Caixas de papelão.....	2	20:000\$	11	2	159:443\$
Fábricas de adubos....	3	1.000:000\$	75	130	1.830:000\$
Água mineral	1	150:000\$	3	1,5	89:000\$
	43	9.402:016\$	433	644,5	13.364:692\$
VII — Indústria da alimentação					
Padarias	30	1.541:200\$	310	171	6.166:280\$
Confeitarias	11	956:000\$	129	23,5	2.285:000\$
Fábricas de caramelos..	4	1.275:000\$	425	109,5	2.460:000\$
Fábricas de chocolate..	3	350:000\$	81	37	751:100\$
Fábrica de marmelada..	1	24:000\$	1	1	60:000\$
Fábricas de sorvetes...	6	110:000\$	38	26	195:000\$
Moinhos de farinha de trigo	2	16.500:000\$	353	1.379	78.213:000\$
Engenhos de arroz.....	5	11.810:000\$	115	995	14.444:271\$
Moinhos de milho.....	2	810:000\$	8	142	1.102:500\$
Moinho de mandioca...	1	100:000\$	5	15	185:500\$
Fáb. de rapaduras.....	2	36:000\$	15	1,5	250:000\$
Fáb. de Schmier.....	1	60:000\$	3	3	262:500\$
Fáb. de salchichas.....	1	120:000\$	6	2	330:000\$
Engenho de açúcar....	1	5:000\$	3	20	36:000\$
Beneficiamento do mate	1	2.000:000\$	221	65	11.641:004\$
Fábricas de cigarros...	4	1.474:500\$	222	97	14.152:000\$
Esterilização de fumo..	1	100:000\$	8	12	60:000\$
Fábricas de temperos..	3	180:000\$	11	26,5	536:600\$
Fábricas de vinagre....	2	106:000\$	11	—	765:000\$
Destilaria de álcool....	1	50:000\$	8	—	240:000\$
Destilaria de bebidas ..	1	50:000\$	6	2	160:000\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPECIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
Fáb. de massas alimentícias	7	1.200:000\$	144	130	2.027:216\$
Fáb. de massas alimentícias e biscoitos....	1	350:000\$	25	48	760:000\$
Torr. e moagem de café	16	1.235:000\$	77	124	4.130:800\$
	107	40.442:700\$	2.225	3.430	141.213:271\$
VIII — Indústria do vestuário e toucador					
Confecções de chapéus para senhoras	75	537:500\$	180	—	1.249:100\$
Fáb. de chapéus para homens	2	1.100:000\$	254	249,5	3.929:443\$
Fáb. de guarda-chuvas.	3	13:100\$	1	—	46:500\$
Fáb. de art. de borracha	1	5:000\$	2	1	10:000\$
Fáb. de capas de borracha	2	550:000\$	28	1	530:000\$
Fáb. de botões.....	1	10:000\$	13	20	25:000\$
Fáb. de mosquiteiros...	2	110:000\$	12	1,5	148:500\$
Fáb. de bordados.....	8	45:000\$	22	6,5	77:000\$
Fáb. de calçados.....	11	1.681:000\$	515	127,75	4.915:193\$
Fáb. de chinelos.....	1	20:000\$	3	5	150:000\$
Fáb. de tamancos.....	2	5:500\$	4	—	13:000\$
Of. concertos calçados.	37	390:130\$	205	—	964:800\$
Fáb. de bolsas e cintos.	5	425:000\$	27	8	840:000\$
Fáb. de camisas.....	6	850:000\$	101	23,25	1.116:000\$
Conf. de roupas brancas para senhoras.....	5	1.788:000\$	179	13	4.030:400\$
Conf. para homens.....	6	3.600:000\$	466	36,5	8.510:000\$
Conf. gorros militares..	1	400:000\$	11	1	120:000\$
Fábricas de bonés.....	3	7:800\$	5	—	30:000\$
Oficinas concertos chapéus para homens....	5	36:000\$	11	6	85:000\$
Of. concertos de roupas	1	500\$	—	—	6:000\$
Alfaiatarias	123	1.904:150\$	294	—	4.899:700\$
Tinturarias	32	129:400\$	113	3,5	536:580\$
Lavanderia	1	100:000\$	28	22	150:000\$
	383	13.708:080\$	2.474	525,50	32.382:216\$
IX — Indústria do mobiliário					
Fáb. de móveis vergados	1	1.000:000\$	215	200	2.914:050\$
Fáb. de móveis de vime	2	42:000\$	17	6	45:000\$
Fáb. de móveis madeira	56	1.587:000\$	484	188,5	5.173:800\$
Fáb. de móveis, cadeiras de barbeiros	1	100:000\$	10	15	150:000\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Fôrça motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
Fáb. de refrigeradores.	1	140:000\$	16	25	180:000\$
Fáb. de camas de ferro.	1	8:000\$	1	—	24:000\$
Fáb. de escadas.....	2	58:000\$	3	13	67:200\$
Marcenarias	2	51:800\$	4	3,5	23:600\$
Oficinas de móveis.....	7	66:500\$	10	6	204:000\$
Estofarias	7	35:000\$	16	—	223:000\$
Colchoarias	13	53:300\$	9	0,75	154:208\$
Fáb. de acolchoados....	1	50:000\$	31	13	86:100\$
	94	3.191:600\$	816	470,75	9.244:958\$
X — Indústria da edificação					
Carpintarias	32	947:000\$	145	164,5	2.288:300\$
Marmorarias	10	659:300\$	78	174	1.928:000\$
Fáb. de artef. de cimen- to armado	1	10:000\$	9	—	40:000\$
Moinho de pedra.....	1	20:000\$	7	25	30:400\$
Pedreiras	3	81:400\$	20	30	185:000\$
	47	1.717:700\$	259	393,5	4.471:600\$
XI — Construção de aparelhos de transporte					
Estaleiros	4	1.843:000\$	234	168	1.521:690\$
Selarias	4	69:000\$	5	1,5	169:000\$
Oficinas de carrocerias e caminhões	2	34:000\$	12	5	85:000\$
Correarias	9	24:900\$	12	—	89:000\$
	19	1.970:900\$	263	174,5	1.864:690\$
XIII — Indústrias relativas às ciências, letras e artes. Ind. de luxo.					
Of. de jóias e relógios.	30	169:450\$	36	6	260:800\$
Vidraçaria e louça.....	1	50:000\$	7	2	60:000\$
Fábricas de molduras..	8	548:000\$	136	39,25	1.458:000\$
Tipografias	25	8.353:000\$	935	475,25	10.198:772\$
Papelaria	1	2:000\$	—	—	3:600\$
Correio do Povo - Fôlha da Tarde	1	1.000:000\$	85	183	4.534:509\$
Diário de Notícias.....	1	2.000:000\$	36	283,5	2.400:000\$
Imprensa Oficial do Es- tado	1	1.016:923\$	67	50	757:483\$
Fábricas de imagens...	2	60:000\$	13	10	160:000\$
Harmônios	1	60:000\$	5	7,5	62:000\$
Fáb. de instr. musicais	2	60:000\$	7	5	130:000\$
Oficina de esculturas...	1	10:000\$	5	—	136:000\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Fôrça motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
Oficinas de fotografuras	2	145:000\$	20	3,25	210:000\$
Carimbos e placas.....	1	50:000\$	37	10	500:000\$
Flores artificiais.....	1	1:000\$	—	—	3:200\$
Oficina de pinturas....	1	2:000\$	1	—	40:000\$
	78	13.527:373\$	1.390	1.074	20.914:364\$
XIV — Indústrias reunidas					
Fáb. de escôvas, vassouras e calçados.....	1	100:000\$	14	5	200:000\$
Cerveja, bebidas sem alcool, gelo e maltaria.	1	12.000:000\$	348	650	16.330:932\$
Fáb. de cerveja, gasosa e gelo	1	300:000\$	15	10	350:000\$
Fábrica de bebidas.....	1	800:000\$	30	144	850:000\$
Fáb. de malas e colchões	1	5:000\$	—	—	9:600\$
Fáb. de camas e fogões.	1	120:000\$	16	2	307:546\$
Fáb. molduras e botões	1	175:000\$	35	2	600:000\$
Ligamentos, portões, grades, máquinas....	1	1.250:590\$	172	65	2.380:000\$
Marcenarias e carpintarias	5	70:000\$	11	17,5	88:000\$
Brinquedos, móveis....	1	4:000\$	3	2	7:000\$
Artigos dentários, fotográficos	1	200:000\$	19	—	1.400:000\$
Fáb. de malas e móveis.	2	130:000\$	13	2,5	331:500\$
Liceu, artes e officio...	1	937:078\$	28	42	568:480\$
	18	16.091:668\$	704	942	23.418:058\$
TOTAL GERAL....	1.082	146.585:587\$	14.456	13.117	328.376:348\$

P R A T A

II — Indústria de couros, peles e outras matérias duras do reino animal					
Curtumes	3	16:000\$	3	—	14:000\$
III — Indústria da madeira					
Serrarias	35	1.753:000\$	271	440	2.315:900\$
IV — Metalurgia					
Oficina mecânica	1	22:000\$	2	—	16:000\$
Ferrarias	32	140:900\$	32	—	197:300\$
	33	162:900\$	34	—	213:300\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
V — Cerâmica					
Olarías	2	50:000\$	9	9	34:000\$
VII — Ind. da alimentação					
Fábrica de cerveja	1	280:000\$	12	40	194:000\$
Produtos suínos	2	1.150:000\$	48	29	2.124:595\$
Torref. e moagem de café e fábrica de caramelos	1	12:000\$	—	—	16:200\$
Torr. e moagem de café	1	16:000\$	2	2	12:000\$
Fábricas de queijo	3	19:500\$	6	—	42:000\$
Coop. de vinho	2	46:000\$	6	—	24:000\$
Moinhos de trigo e milho	28	1.050:000\$	42	—	344:000\$
	38	2.573:500\$	116	69	2.756:795\$
IX — Indústria do mobiliário					
Fábrica de cadeiras ...	1	22:000\$	2	—	5:000\$
Fábrica de móveis	1	12:000\$	2	—	12:000\$
	2	34:000\$	4	—	17:000\$
X — Indústria da edificação					
Carpintarias	19	150:000\$	29	—	200:000\$
XI — Const. de aparelhos de transporte					
Fábricas de carroças...	2	47:000\$	5	—	12:000\$
XIII — Ind. relativas às ciências, letras e artes. Ind. de luxo					
Fábrica de gaitas	1	14:000\$	—	—	6:000\$
TOTAL GERAL....	135	4.800:400\$	471	518	5.568:995\$

Q U A R A Í

IV — Metalurgia					
Ferrarias	8	15:000\$	—	—	35:500\$
Oficinas mecânicas	2	23:000\$	2	—	24:000\$
Funilaria	1	1:000\$	—	—	2:500\$
	11	39:000\$	2	—	62:000\$
V — Cerâmica					
Olaría	1	2:000\$	2	—	18:000\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Pórcn motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
VII — Ind. da alimentação					
Torrefação de café.....	1	10:000\$	1	10	24:000\$
Padaria e fábrica de massas alimentícias.	1	120:000\$	8	20	320:000\$
Padarias	4	105:000\$	15	—	175:000\$
	6	235:000\$	24	30	519:000\$
VIII — Ind. do vestuário e tocador					
Fábrica de sapatilhas..	1	20:000\$	7	3	70:000\$
Of. de consertos de calçados	3	6:000\$	—	—	14:000\$
Oficina de talabarte ...	1	2:000\$	—	—	6:000\$
Alfaiatarias	2	10:000\$	2	—	20:000\$
	7	38:000\$	9	3	110:000\$
IX — Indústria do mobiliário					
Fábrica de móveis	1	20:000\$	3	5	27:000\$
X — Indústria da edificação					
Carpintarias	3	21:000\$	1	8	23:000\$
XIII — Ind. relativas às ciências, letras e artes. Ind. de luxo					
Ourivesaria	1	1:000\$	—	—	3:000\$
TOTAL GERAL....	30	356:000\$	41	46	762:000\$

RIO GRANDE

I — Indústrias têxteis					
Fáb. de tecidos de lã.	1	6.000:000\$	992	2.100	6.675:510\$
Fáb. de tecidos de algodão	1	3.000:000\$	642	500	2.817:620\$
Fáb. de tecidos de juta	1	800:000\$	86	75	1.500:000\$
Cordoaria	1	800:000\$	77	225,6	1.240:000\$
	4	10.600:000\$	1.797	2900,6	12.233:130\$
II — Indústria de couros, peles e outras matérias duras do reino animal					
Fábrica de malas.....	1	30:000\$	1	—	26:000\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
IV — Metalurgia					
Officinas mecânicas	15	63:150\$	7	5	142:400\$
Funilarias	6	24:500\$	8	—	60:800\$
Ferrarias	7	41:850\$	18	41,75	176:000\$
	28	129:500\$	33	46,75	379:200\$
V — Cerâmica					
Mosaicos	4	69:000\$	10	1	116:112\$
Fáb. de louça de barro	1	3:000\$	2	—	10:000\$
	5	72:000\$	12	1	126:112\$
VI — Produtos químicos propriamente ditos e produtos análogos					
Fáb. de papel e papelão	1	140:000\$	31	148,5	1.340:000\$
VII — Ind. da alimentação					
Fábricas de conservas.	6	2.080:000\$	350	234	6.486:815\$
Frigoríficos	2	52.500:000\$	2.516	1.850	95.887:454\$
Padarias	18	474:962\$	122	81	8.725:481\$
Torr. e moagem de café	1	300:000\$	11	73	774:600\$
Massas alimentícias ...	1	30:000\$	10	6,5	149:600\$
Charutos	1	1.370:000\$	200	19,5	1.700:000\$
	29	56.754:962\$	3.209	2.264	108.673:950\$
VIII — Ind. do vestuário e toucador					
Sapatarias	17	16:200\$	6	—	69:500\$
Oficina de calçados	1	1.000:000\$	185	64	2.793:000\$
Alfalatarias	17	192:000\$	29	—	878:000\$
Of. de chapéus para senhoras	3	15:000\$	4	—	61:000\$
Fábrica de bonés	1	5:000\$	2	—	30:000\$
	39	1.228:200\$	226	64	3.831:500\$
IX — Indústria do mobiliário					
Fábricas de móveis....	2	300:000\$	70	22	454:940\$
Marcenarias	2	75:000\$	13	16	122:000\$
Colchoaria	1	70:000\$	1	—	15:200\$
	5	445:000\$	84	38	592:140\$
X — Indústria da edificação					
Carpintarias	11	128:000\$	34	158,45	260:000\$
Marmoraria	1	10:000\$	2	5	15:000\$
	12	138:000\$	36	163,45	275:000\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
XI — Const. de aparelhos de transporte					
Correarias	2	36:000\$	3	—	48:000\$
Estaleiros	2	1.186:000\$	117	144	806:381\$
	4	1.222:000\$	120	144	854:381\$
XIII — Ind. relativos às ciências, letras e artes. Ind. de luxo					
Fábrica de carimbos de borracha	1	4:000\$	—	—	7:200\$
XIV — Indústrias reunidas					
Fundição, torrefação e moagem de café	1	150:000\$	21	52,70	187:000\$
Conservas e Fábrica de pregos	1	2.500:000\$	430	100	5.630:000\$
	2	2.650:000\$	451	152,70	5.817:000\$
TOTAL GERAL....	131	73.413:662\$	6.000	5.923	133.607:613\$

134455 67

RIO PARDO

II — Indústria de couros, peles e outras matérias duras do reino animal					
Curtume	1	2:000\$	—	—	6:400\$
III — Indústria da madeira					
Serrarias	5	116:000\$	9	52	79:400\$
Tanoarias	2	10:400\$	4	6	14:508\$
Armador de barricas ..	1	5:000\$	4	—	20:500\$
	8	131:400\$	17	58	114:408\$
IV — Metalurgia					
Ferrarias	19	36:300\$	4	4,5	75:610\$
Ferraria e oficina mecânica	1	12:000\$	4	4	15:800\$
Oficinas mecânica.....	3	22:000\$	3	0,60	27:200\$
Funilarias	2	5:600\$	—	—	8:400\$
	25	75:900\$	11	9,10	127:010\$
V — Cerâmica					
Olarias	6	54:500\$	24	9	88:567\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
VI — Produtos químicos propriamente ditos e produtos análogos					
Fábrica de bebidas sem álcool	1	10:000\$	—	—	10:105\$
Fábrica de sabão	1	800\$	—	—	18:920\$
	2	10:800\$	—	—	29:025\$
VII — Ind. da alimentação					
Fábricas de salame	2	5:200\$	2	2	28:744\$
Salchicharia	1	500\$	—	—	8:500\$
Fábricas de café	2	30:000\$	3	11	102:622\$
Fábrica de vinho de laranja	1	5:000\$	1	—	8:000\$
Padarias e Confeitaria	3	42:900\$	20	4,5	328:420\$
Padaria	1	8:000\$	2	15	140:000\$
Benefic. de arroz	3	340:000\$	8	125	150:000\$
	13	431:600\$	36	157,5	764:286\$
VIII — Ind. do vestuário e tocador					
Alfaiatarias	7	20:000\$	10	—	61:620\$
Sapatarias	4	6:650\$	3	—	30:908\$
	11	26:650\$	13	—	92:528\$
IX — Indústria do mobiliário					
Fábrica de móveis	1	10:000\$	2	4	13:646\$
Marcenarias	2	5:000\$	2	4	17:300\$
	3	15:000\$	4	8	30:946\$
X — Indústria da edificação					
Carpintarias	3	10:000\$	1	—	15:300\$
Fábrica de objetos de cimento armado	1	3:000\$	2	—	10:200\$
Caleiras	19	299:000\$	131	30	1.215:089\$
Marmoraria	1	500\$	—	—	6:500\$
	24	312:500\$	134	30	1.247:089\$
XIII — Ind. relativas às ciências, letras e artes. Ind. de luxo					
Tipografia	1	15:000\$	2	—	10:795\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fá- bricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
XIV — Indústrias reunidas					
Curtume, Selaria e ta- mancaria	1	50:000\$	6	5	65:000\$
Eng. de arroz e Serraria	1	37:300\$	—	20	34:800\$
Serraria, Carpintaria e Engenho de arroz ...	1	15:000\$	1	10	6:700\$
	3	102:300\$	7	35	106:500\$
TOTAL GERAL....	97	1.177:650\$	248	306	2.617:554\$

ROSÁRIO

IV — Metalurgia					
Oficina mecânica	1	10:000\$	1	4	20:000\$
Ferraria	1	10:000\$	2	—	13:000\$
Funilaria	1	4:000\$	—	—	3:480\$
	3	24:000\$	3	4	36:480\$
V — Cerâmica					
Fábrica de mosaicos....	1	10:000\$	1	—	20:000\$
VII — Ind. da alimentação					
Frigorífico	1	7.578:432\$	421	1.351	20.923:367\$
Engenho de arroz.....	1	400:000\$	19	75	1.611:000\$
Torr. e moagem de café	1	30:000\$	1	5	46:500\$
Padarias	2	80:000\$	20	28	471:600\$
	5	8.088:432\$	461	1.459	23.052:467\$
VIII — Indústria do vestuário e foucador					
Alfaiatarias	2	8:000\$	2	—	36:000\$
Oficinas de calçados....	5	7:000\$	2	—	20:705\$
	7	15:000\$	4	—	56:705\$
XI — Construção de aparelhos de transporte					
Correarias	2	11:000\$	3	—	14:500\$
XIII — Indústrias relativas às ciências, letras e artes.					
Ind. de luxo.					
Tipografia	1	30:000\$	5	1	27:000\$
TOTAL GERAL....	19	8.178:432\$	477	1.464	23.207:752\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
SANTA CRUZ					
I — Indústrias têxteis					
Fábrica de escovas e vassouras	1	1:000\$	1	—	6:000\$
II — Indústria de couros, peles e outras matérias duras do reino animal					
Fábrica de correias.....	1	20:000\$	2	—	20:000\$
Curtumes	12	109:000\$	22	—	450:000\$
	13	129:000\$	24	—	470:000\$
III — Indústria da madeira					
Serrarias	35	544:000\$	95	157	731:000\$
Tornearias	2	15:000\$	2	—	22:000\$
	37	559:000\$	97	157	753:000\$
IV — Metalurgia					
Fundições de ferro	2	500:000\$	35	30	600:000\$
Tela de arame.....	1	1:000\$	1	—	6:000\$
Serralherias	2	20:000\$	3	—	27:000\$
Oficinas mecânicas.....	10	170:000\$	42	6	239:000\$
Funilarias	15	260:000\$	40	—	367:000\$
Ferrarias	50	211:000\$	90	—	441:000\$
	80	1.162:000\$	211	36	1.680:000\$
V — Cerâmica					
Fábrica de mosaicos...	1	15:000\$	4	—	25:000\$
Olarias	30	506:000\$	90	113	691:000\$
	31	521:000\$	94	113	716:000\$
VI — Produtos químicos propriamente ditos e produtos análogos					
Fábricas de sabão.....	2	80:000\$	5	—	96:000\$
Fáb. de tintas e óleos..	1	75:000\$	7	8	120:000\$
Drogas	1	20:000\$	3	—	36:000\$
Fáb. de bebidas s/alcool	5	94:000\$	17	32	190:000\$
Foguetes e bombas.....	1	2:000\$	1	—	15:000\$
Fábricas de botões.....	2	5:500\$	2	—	18:000\$
Vulcanização	1	5:000\$	2	—	20:000\$
Oficina de oxigênio....	1	5:000\$	3	—	18:000\$
	14	286:500\$	40	40	513:000\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fá- bricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Fôrça motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
VII — Ind. da alimentação					
Fumos	1	100:000\$	12	10	360:000\$
Fumo e cigarros.....	1	2.000:000\$	131	60	3.460:000\$
Cigarros	1	60:000\$	14	10	450:000\$
Refinaria de banha.....	1	200:000\$	16	12	6.000:000\$
Cervejaria	1	250:000\$	12	50	550:000\$
Caramelos finos.....	2	80:000\$	32	—	520:000\$
Caramelos, biscoitos, ca- fé moído, bebidas....	1	240:000\$	62	—	330:000\$
Café moído	2	40:000\$	6	—	180:000\$
Café moído e biscoitos.	1	30:000\$	14	12	150:000\$
Massas alimentícias e biscoitos	1	15:000\$	3	—	25:000\$
Massas alimentícias....	2	20:000\$	4	—	27:000\$
Fábricas de salames....	6	61:000\$	12	6	96:000\$
Fábricas de charutos...	4	8:000\$	5	—	34:000\$
Padarias	11	140:000\$	24	—	251:000\$
	35	3.244:000\$	347	160	12.433:000\$
VIII — Indústria do vestuário e trocador					
Tinturaria	1	1:000\$	1	—	10:000\$
Chapéus para senhoras.	4	11:000\$	4	—	28:000\$
Tamancaria	1	2:000\$	1	—	6:000\$
Alfaiatarias	32	268:000\$	68	—	480:000\$
Sapatarias	14	52:500\$	29	—	136:000\$
	52	334:500\$	103	—	660:000\$
IX — Indústria do mobiliário					
Móveis de vime.....	1	5:000\$	2	—	12:000\$
Fábrica de cadeiras....	1	10:000\$	4	—	30:000\$
Colchoaria	1	2:000\$	1	—	10:000\$
Marcenarias	12	138:000\$	33	—	244:000\$
	15	155:000\$	40	—	296:000\$
X — Indústria da edificação					
Marmorarias	9	61:000\$	16	—	104:000\$
Carpintarias	24	205:000\$	45	14	398:000\$
	33	266:000\$	61	14	502:000\$
XI — Construção de aparelhos de transporte					
Lombilharias	11	61:000\$	17	—	121:000\$
Selarias	9	53:000\$	13	—	101:000\$
	20	114:000\$	30	—	222:000\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Fôrça motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
XIII — Indústrias relativas às ciências, letras e artes. Ind. de luxo.					
Litografias	2	100:000\$	46	—	200:000\$
Tipografias	4	330:000\$	22	—	205:000\$
Relojoarias	3	15:000\$	3	—	36:000\$
Encadernação	1	1:000\$	1	—	10:000\$
	10	446:000\$	72	—	451:000\$
XIV — Indústrias reunidas					
Artefactos de borracha.	1	600:000\$	120	60	1.425:000\$
Café moído e sabão....	2	30:000\$			
Cadeiras e cepas para tamancos	2	40:000\$	6	—	150:000\$
			5	12	45:000\$
	5	670:000\$	131	72	1.620:000\$
TOTAL GERAL....	346	7.888:000\$	1.251	592	20.322:000\$

SANTA MARIA

II — Indústria de couros, peles e outras matérias duras do reino animal					
Fáb. de malas de couro.	1	20:000\$	4	—	10:000\$
Curtumes	4	44:000\$	8	12	96:000\$
	5	64:000\$	12	12	106:000\$
III — Indústria da madeira					
Serrarias	9	199:500\$	17	82	299:000\$
IV — Metalurgia					
Funilarias	7	14:500\$	3	—	49:500\$
Ferrarias	9	49:800\$	9	—	93:900\$
Oficina mecânica	1	4:500\$	1	—	12:000\$
Oficina de consertos de armas	1	5:000\$	—	—	8:500\$
	18	73:800\$	13	—	163:900\$
V — Cerâmica					
Fábricas de mosaicos..	2	51:000\$	7	6	70:000\$
Obras cerâmicas	4	113:000\$	11	—	223:000\$
Olarias	15	209:300\$	35	—	399:000\$
	21	373:300\$	53	6	692:000\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
VI — Produtos químicos propriamente ditos e produtos análogos					
Fábricas de sabão.....	5	70:000\$	7	15	162:000\$
Fábricas de gasosa.....	2	65:000\$	5	—	88:000\$
	7	135:000\$	12	15	250:000\$
VII — Ind. da alimentação					
Fábricas de vinhos.....	6	86:000\$	13	—	122:000\$
Padarias	16	545:500\$	99	80	955:000\$
Fábricas de balas.....	5	481:000\$	47	33	975:000\$
Torr. de café e fábrica de balas	1	100:000\$	3	9	150:000\$
Fábrica de massas.....	1	50:000\$	4	8	90:000\$
Fábrica de massas e padarias	1	16:000\$	1	—	25:000\$
Fábrica de charutos e cigarros	1	365:000\$	10	12	480:000\$
Confeitarias	4	67:000\$	5	—	132:000\$
Beneficiamento de arroz	1	200:000\$	1	45	280:000\$
Fábrica de bebidas.....	1	4:000\$	1	—	9:000\$
Fábrica de vinagre.....	1	6:000\$	1	5	11:000\$
Banha e prod. de suínos	7	96:500\$	12	—	153:000\$
	45	2.017:000\$	197	192	3.382:000\$
VIII — Indústria do vestuário e toucador					
Alfaiatarias	24	292:200\$	60	—	559:800\$
Of. de con. de calçados	21	70:500\$	9	—	174:100\$
Fábricas de calçados...	3	362:500\$	46	14	614:500\$
Fáb. de quepis e bonés.	2	84:000\$	10	—	116:000\$
Fáb. de chapéus de sol.	1	6:000\$	3	—	15:000\$
Casa de modas.....	1	5:000\$	1	—	9:000\$
Fáb. de roupas brancas.	1	10:000\$	13	5	100:000\$
Fáb. de cintos de couro.	1	3:500\$	1	—	18:000\$
Fábricas de chapéus para senhoras	2	15:000\$	7	—	34:000\$
Tinturarias	2	23:000\$	2	—	27:000\$
	58	871:700\$	152	19	1.567:400\$
IX — Indústria do mobiliário					
Marcenarias	8	35:000\$	4	60	64:000\$
Fáb. de móveis	9	403:000\$	99	45	861:000\$
Fáb. de móveis de vime.	1	6:000\$	3	—	5:000\$
Colchoaria	2	18:000\$	3	—	38:000\$
	15	462:000\$	109	105	968:000\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
X — Indústria da edificação Carpintarias	8	70:000\$	17	—	123:600\$
XI — Construção de aparelhos de transporte Selaria	1	10:000\$	1	—	12:000\$
XII — Produção e transmissão de forças físicas Fábricas de gelo.....	3	61:000\$	8	16	84:000\$
XIII — Indústrias relativas às ciências, letras e artes. Ind. de luxo. Oficina de consertos de relógios	1	1:000\$	2	—	12:000\$
Tipografia	1	20:000\$	2	5	40:000\$
Ouvresarias	5	91:000\$	5	—	165:000\$
Fábricas de brinquedos.	3	21:000\$	3	—	28:000\$
Vidraçaria	1	10:000\$	1	1	14:000\$
	11	143:000\$	13	5	259:000\$
XIV — Indústrias reunidas Ferrarias e carpintarias	9	49:800\$	12	—	111:600\$
Curtume, selaria e tamancaria	1	45:000\$	4	8	110:000\$
Fáb. de gasosa e cerveja	1	33:000\$	8	6	50:000\$
Marcenaria e serralha..	1	6:000\$	1	—	12:000\$
Fábrica de malas e sapataria	1	6:000\$	1	—	12:000\$
Pelaria e tipografia....	2	350:000\$	40	10	580:000\$
	16	506:800\$	63	44	901:600\$
TOTAL GERAL....	217	4.987:100\$	667	496	8.808:500\$

SANTA ROSA

III — Indústria da madeira Serrarias	98	1.990:000\$	159	1.819	1.767:860\$
IV — Metalurgia Ferrarias	34	142:000\$	34	—	54:250\$
V — Cerâmica Olarias	15	131:000\$	15	75	32:550\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
IV — Produtos químicos propriamente ditos e produtos análogos Gasosarias	9	39:000\$	9	—	78:765\$
VII — Ind. da alimentação Cervejarias	16	354:000\$	16	—	237:800\$
Padarias	8	74:000\$	8	—	119:520\$
VIII — Indústria do vestuário e toucador Alfaiatarias	24	428:000\$	24	—	357:320\$
Oficinas de consertos de calçados	22	112:000\$	32	—	95:200\$
	15	73:000\$	20	—	72:550\$
X — Ind. da edificação Carpintarias	37	185:000\$	53	—	167:550\$
	46	282:000\$	37	18	151:850\$
TOTAL GERAL....	263	3.197:000\$	330	1.912	2.610:145\$

SANTA VITÓRIA

II — Indústria de couros, peles e outras matérias duras do reino animal Curtume	1	3:500\$	1	—	9:000\$
III — Indústria da madeira Armadoria	2	30:000\$	—	—	55:000\$
V — Cerâmica Olarias	3	14:000\$	12	—	31:000\$
IV — Produtos químicos propriamente ditos e produtos análogos Fábrica de sabão	1	6:000\$	1	—	11:700\$
VII — Ind. da alimentação Fábrica de pão, bolachas e biscoitos	3	84:000\$	15	19	501:500\$
Fábrica de pão, bolachas, biscoitos e massas alimentícias	1	15:000\$	4	5	133:500\$
Fábrica de fumos	1	13:500\$	6	7	25:082\$
	5	112:500\$	25	31	660:082\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICIPIOS EM 1937

CLASSE E ESPECIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
VIII — Indústria do vestuário e toucador Alfaiatarias	2	7:500\$	5	—	28:500\$
IX — Indústria do mobiliário Fáb. de móveis em geral	1	40:000\$	7	6	35:000\$
X — Ind. da edificação Oficina de carpintaria .	1	3:000\$	2	—	18:800\$
XI — Construção de aparelhos de transporte Artefactos de couros diversos	1	3:500\$	1	—	9:000\$
XIV — Indústrias reunidas Oficina de ferraria e carpintaria	1	2:000\$	4	—	9:000\$
TOTAL GERAL....	18	222:000\$	58	37	367:082\$

SANTIAGO

II — Indústrias de couros, peles e outras matérias duras do reino animal Curtume	1	15:000\$	1	—	8:400\$
IV — Metalurgia Fundarias	2	35:000\$	2	—	27:250\$
Ferrarias	8	34:000\$	8	—	41:880\$
Officinas mecânicas	2	60:000\$	11	—	52:000\$
	12	129:000\$	21	—	121:130\$
V — Cerâmica Olarias	5	45:000\$	23	—	94:287\$
Fábrica de mosaicos ..	1	20:000\$	2	—	18:600\$
	6	65:000\$	25	—	107:887\$
VI — Produtos químicos propriamente ditos e produtos análogos Fábricas de gasosa....	2	13:000\$	2	—	10:260\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Fôrça motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
VII — Ind. da alimentação					
Tor. e moagem de café	3	28:000\$	4	17	45:000\$
Padarias	5	107:000\$	17	25	326:800\$
	8	135:000\$	21	42	371:800\$
VIII — Indústria do vestuário e toucador					
Fábricas de calçados...	3	35:000\$	7	—	45:160\$
X — Indústria da edificação					
Carpintarias	2	12:000\$	6	—	35:000\$
XI — Construção de aparelhos de transporte					
Selarias	4	28:000\$	5	—	27:925\$
XIII — Indústrias relativas às ciências, letras e artes. Indústria de luxo					
Ourivesaria	1	30:000\$	1	—	8:000\$
TOTAL GERAL....	39	462:000\$	89	42	735:552\$

SANTO ANGELO

III — Indústria da madeira					
Serrarias	30	697:000\$	54	547	702:000\$
IV — Metalurgia					
Ferrarias	11	69:000\$	4	—	54:500\$
Fundição	1	50:000\$	3	—	30:000\$
Oficinas mecânicas ...	6	60:000\$	5	8	44:000\$
Oficina Electro-técnica .	1	5:000\$	1	—	5:000\$
Funilarias	2	30:000\$	2	—	22:000\$
	21	214:000\$	15	8	155:500\$
V — Cerâmica					
Fábrica de mosaicos ..	1	25:000\$	3	—	40:000\$
Olarias	5	163:000\$	19	25	106:500\$
	6	188:000\$	22	25	146:500\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
VI — Produtos químicos propriamente ditos e produtos análogos					
Fábrica de bebidas sem álcool	1	5:000\$	1	—	8:000\$
Fábrica de sabão	1	12:000\$	1	—	18:000\$
Fábrica de foguetes ...	1	3:000\$	1	—	4:000\$
	3	20:000\$	3	—	30:000\$
VII — Ind. da alimentação					
Ref. e frig. de banha ..	1	1.500:000\$	213	27,5	3.335:819\$
Fábrica de fumo	1	1.600:000\$	329	300	2.923:080\$
Fábricas de cerveja....	2	26:000\$	1	—	31:800\$
Fábrica de bebidas alcoólicas	1	10:000\$	1	—	15:000\$
Descascadores de arroz	2	60:000\$	3	15	90:000\$
Torrefações de café....	3	85:000\$	4	15	240:900\$
Classificador de cereais	1	25:000\$	2	5	10:000\$
Fábrica de massas	1	6:000\$	1	—	10:000\$
Fábrica de caramelos .	1	10:000\$	—	5	12:000\$
Padarias	5	66:000\$	6	—	70:000\$
	18	3.388:000\$	560	367,5	6.738:599\$
VIII — Indústria do vestuário e tocador					
Oficinas de consertos de calçados	3	10:000\$	—	—	12:000\$
Fábrica de calçados ..	1	15:000\$	2	—	18:000\$
Alfaiatarias	6	63:000\$	9	—	63:000\$
	10	88:000\$	11	—	93:000\$
IX — Indústria do mobiliário					
Fábricas de móveis ...	3	95:000\$	5	15	70:000\$
Fáb. de móveis de vime	1	3:000\$	—	—	5:000\$
Colchoarias	2	70:000\$	6	—	32:000\$
	6	168:000\$	11	15	107:000\$
X — Ind. da edificação					
Carpintaria	1	30:000\$	3	10	25:000\$
XII — Produtos e transmissão de forças físicas					
Fábricas de gelo	2	86:000\$	3	23	33:000\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
XIII — Indústrias relativas às ciências, letras e artes. Indústria de luxo Tipografias	3	40:000\$	7	5	46:000\$
TOTAL GERAL....	100	4.919:000\$	689	1000,5	8.076:699\$
SANTO ANTONIO					
IV — Metalurgia Fábrica de ferramentas	1	80:000\$	—	—	67:950\$
Ferrarias	6	40:500\$	7	—	54:053\$
Funilaria	1	12:000\$	—	—	6:000\$
	8	132:500\$	7	—	118:003\$
V — Cerâmica Olarias	3	22:000\$	5	5	36:300\$
VI — Produtos químicos propriamente ditos e produtos análogos Fáb. óleo de amendoim	1	6:000\$	—	—	4:400\$
VII — Ind. da alimentação Fábrica de vinho	1	130:000\$	—	—	95:000\$
VIII — Indústria do vestuário e toucador Oficina de consertos de calçados	1	15:000\$	3	—	13:750\$
IX — Indústria do mobiliário Marcenarias	2	3:500\$	3	—	9:975\$
X — Indústria da edificação Carpintarias	3	18:000\$	2	12	15:850\$
XI — Construção de aparelhos de transporte Selarias	2	15:300\$	1	—	14:500\$
XIV — Indústrias reunidas Carpint. e Marcenarias	4	6:900\$	7	—	40:556\$
TOTAL GERAL....	25	349:200\$	28	17	348:334\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
S. BORJA					
II — Indústrias de couros, peles e outras matérias duras do reino animal					
Curtume	1	80:000\$	10	10	200:200\$
III — Indústria da madeira					
Armadoria	1	25:000\$	3	—	12:000\$
Serraria	1	35:000\$	5	10	20:000\$
	2	60:000\$	8	10	32:000\$
IV — Metalurgia					
Funilaria	1	5:000\$	1	—	10:000\$
Oficinas mecânicas	4	151:000\$	24	15	254:000\$
Oficina de armas	1	600\$	—	—	4:000\$
	6	156:600\$	25	15	268:000\$
V — Cerâmica					
Olarias	2	50:600\$	21	10	62:400\$
VI — Produtos químicos propriamente ditos e produtos análogos					
Vulcanização	1	3:500\$	5	10	4:000\$
Fábrica de sabão	1	5:000\$	1	—	8:400\$
	2	8:500\$	6	10	12:400\$
VII — Ind. da alimentação					
Torrefações de café....	4	42:000\$	11	20	108:000\$
Fábrica de caramelos ..	1	8:000\$	7	5	22:000\$
Fábrica de massas	1	25:000\$	6	10	80:000\$
Fábricas de doces	2	3:000\$	8	—	34:400\$
Padarias	5	230:000\$	39	50	720:400\$
Fábrica de bebidas	1	20:000\$	4	2	40:000\$
	14	328:000\$	75	87	1.004:800\$
VIII — Indústria do vestuário e toucador					
Alfaiatarias	2	52:000\$	16	—	46:000\$
Fábrica de calçados ..	1	93:000\$	10	10	406:000\$
	3	145:000\$	26	10	452:000\$
IX — Indústria do mobiliário					
Marcenaria	1	20:000\$	10	5	40:000\$
Estofaria	1	2:000\$	7	—	15:000\$
	2	22:000\$	17	5	55:000\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Fôrça motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
X — Indústria da edificação Carpintarias	2	40:000\$	20	10	80:000\$
XII — Produção e transmissão de fôrças físicas Fábrica de gelo	1	20:000\$	5	10	8:100\$
XIV — Indústrias reunidas Carpintarias e ferrarias	3	61:000\$	16	15	129:000\$
TOTAL GERAL....	38	971:700\$	229	192	2.303:900\$

S. FRANCISCO DE ASSIS

III — Indústria da madeira Serrarias	2	60:000\$	8	35	93:800\$
IV — Metalurgia Ferrarias	4	13:500\$	8	—	35:640\$
V — Cerâmica Olarias	2	9:500\$	8	—	21:500\$
VII — Ind. da alimentação Padaria	1	5:000\$	3	—	71:800\$
VIII — Indústria do vestuário e toucador Oficinas de consertos de calçados	2	8:000\$	2	—	12:000\$
X — Indústria da edificação Carpintarias	7	13:800\$	7	—	44:980\$
XI — Construção e aparelhos de transportes Selarias	2	7:000\$	3	—	18:000\$
TOTAL GERAL....	20	116:800\$	39	35	297:720\$

S. FRANCISCO DE PAULA

III — Indústria da madeira Serrarias	59	2.301:000\$	444	972	2.880:000\$
IV — Metalurgia Ferrarias	9	45:350\$	8	5	86:425\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
VII — Indústria da almenação					
Moinhos de cereais ...	2	25:000\$	3	18	82:344\$
Padarias	2	6:000\$	3	—	40:800\$
Fábrica de vinho	1	30:000\$	—	6	40:000\$
	5	61:000\$	6	24	163:144\$
VIII — Indústria do vestuário e toucador					
Alfaiatarias	4	13:000\$	5	—	47:360\$
Confecções de modas..	1	2:500\$	—	—	8:016\$
Sapatarias	2	7:000\$	1	—	14:400\$
	7	22:500\$	6	—	69:776\$
IX — Indústria do mobiliário					
Fábricas de móveis....	2	3:000\$	1	—	11:700\$
XI — Construção de aparelhos de transporte					
Selarias	7	27:900\$	1	—	43:865\$
TOTAL GERAL....	89	2.460:750\$	466	1.001	3.254:410\$

SÃO GABRIEL

III — Indústria da madeira					
Armador	1	5:000\$	1	—	10:000\$
IV — Metalurgia					
Oficina mecânica	1	40:000\$	6	2	50:000\$
Ferrarias	12	25:500\$	12	—	130:000\$
Funilarias	2	6:000\$	2	—	15:000\$
	15	71:500\$	20	2	195:000\$
V — Cerâmica					
Fábrica de ladrilhos ..	1	5:000\$	2	—	17:200\$
VI — Produtos químicos propriamente ditos e produtos análogos					
Fábrica de gasosa	1	20:000\$	3	12	13:600\$
VII — Ind. da alimentação					
Conservas	1	150:000\$	25	18	320:000\$
Charqueadas	6	5.655:000\$	778	304	20.884:127\$
Padarias	4	180:000\$	56	35	680:000\$
Torrefações de café....	2	90:000\$	5	16	96:000\$
Beneficiadora de arroz	1	240:000\$	20	179*	3.500:000\$
	14	6.315:000\$	884	552	25.480:127\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPECIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
VIII — Indústria do vestuário e tocador Oficinas de calçados...	5	15:000\$	5	—	30:000\$
IX — Indústria do mobiliário Fábricas de móveis....	2	64:000\$	11	19	115:000\$
X — Indústria da edificação Marmoraria	1	10:000\$	2	—	22:000\$
Carpintarias	4	50:000\$	4	—	60:000\$
	5	60:000\$	6	—	82:000\$
XII — Produção e transmissão de forças físicas Fábrica de gelo	1	30:000\$	3	12	7:800\$
TOTAL GERAL....	45	6.585:500\$	935	597	25.950:727\$

S. JERÔNIMO

III — Indústria da madeira Armadoria	1	3:000\$	—	—	5:000\$
IV — Metalurgia Ferrarias	7	16:000\$	2	—	53:500\$
Funilarias	2	14:500\$	—	—	22:000\$
	9	30:500\$	2	—	75:500\$
V — Cerâmica Olaria	1	13:000\$	3	—	24:720\$
VII — Ind. da alimentação Torrefação e moagem de café. Padaria	1	30:000\$	6	10	196:920\$
Torrefações e moagem de café	4	25:000\$	4	7	140:002\$
Fábrica de bolachas e biscoitos	1	40:000\$	6	12	35:700\$
Padarias	4	19:500\$	13	2	228:163\$
Engenho de arroz	1	100:000\$	4	40	50:000\$
Fábrica de mortadela, salame e linguiça ..	1	10:000\$	5	—	28:798\$
	12	224:500\$	38	71	679:583\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
VIII — Indústria do vestuário e toucador					
Fábricas de calçados...	2	13:000\$	4	1	39:240\$
Officinas de consertos de calçados	2	4:000\$	—	—	8:960\$
Alfaiatarias	5	9:000\$	2	—	81:900\$
	9	26:000\$	6	1	130:100\$
IX — Indústria do mobiliário					
Fábrica de colchões ...	1	4:000\$	—	—	18:000\$
Fábrica de móveis	1	35:000\$	5	7	26:000\$
Fábrica de crina vegetal	1	20:000\$	5	—	69:000\$
	3	59:000\$	10	7	113:000\$
XI — Construção de aparelhos de transporte					
Selarias e obr. de couro	1	15:000\$	2	—	14:000\$
XIV — Indústrias reunidas					
Curtume e fábrica de tamancos	1	165:000\$	8	20	266:100\$
Fábrica de sabão, caramelos, balas e torrefação de café	1	180:000\$	15	6	222:000\$
Fábrica de bebidas	1	10:200\$	3	—	14:880\$
Olaria. Oficina de fundição	1	25:000\$	147	220	72:000\$
	4	380:200\$	173	246	574:980\$
TOTAL GERAL....	40	751:200\$	234	325	1.616:883\$

SÃO JOSÉ DO NORTE

IV — Metalurgia					11:000\$
Officinas Mecânicas ...	2	7:000\$	—	—	
Ferrarias	4	8:000\$	—	—	32:000\$
	6	15:000\$	—	—	43:000\$
VII — Ind. da alimentação					
Padarias	2	20:000\$	3	—	34:000\$
VIII — Indústria do vestuário e toucador					
Officinas de consertos de calçados	2	4:000\$	—	—	14:000\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fá- bricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
X — Indústria da edificação					
Carpintarias	4	24:000\$	3	—	57:000\$
TOTAL GERAL....	14	63:000\$	6	—	148:000\$
SÃO LEOPOLDO					
I — Indústrias têxteis					
Cordoaria	1	118:000\$	24	—	273:700\$
Fábrica de chapéus de palha	1	1:000\$	1	—	2:080\$
	2	119:000\$	25	—	275:780\$
II — Ind. de couros, peles e outras matérias duras do reino animal					
Fábrica de pelegos....	1	46:000\$	11	5	120:000\$
Curtumes	11	1.035:000\$	82	70	2.572:100\$
	12	1.081:000\$	93	75	2.692:100\$
III — Indústria da madeira					
Armadoria	1	120:000\$	11	8	138:000\$
Serrarias	11	421:300\$	83	154	936:700\$
Fábrica de palitos	1	25:800\$	24	16	99:000\$
	13	567:100\$	118	178	1.173:700\$
IV — Metalurgia					
Fábricas Metalúrgicas.	4	1.910:000\$	153	69	2.888:446\$
Fábrica de correntes ..	1	120:000\$	33	25	1.000:000\$
Oficina metalúrgica ...	1	45:000\$	2	10	70:000\$
Fábrica de Facas	1	35:000\$	10	10	75:000\$
Artefactos de ferro ...	1	12:000\$	2	3	14:800\$
Fábrica de fechaduras.	1	15:000\$	3	5	20:000\$
Ferrarias	23	174:810\$	28	13	312:350\$
Funilarias	10	65:480\$	7	—	130:650\$
Oficinas mecânicas	11	317:700\$	26	52	215:200\$
Art. de alumínio	1	850:000\$	78	45	1.020:400\$
Fáb. de fogareiros	1	190:000\$	44	25	340:000\$
	55	3.734:990\$	386	257	6.086:846\$
V — Cerâmica					
Olarias	14	472:000\$	152	189	936:020\$
Fáb. de louças de barro	4	249:600\$	34	42	228:974\$
Fábrica de vidros	1	60:000\$	21	—	95:000\$
	19	781:600\$	207	231	1:259:994\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
VI — Produtos químicos, propriamente ditos e produtos análogos					
Fábricas de cola	2	21:000\$	3	6	47:700\$
Fábricas de gasosa	4	76:500\$	7	—	106:500\$
Fáb. de papel e papelão	2	4.300:000\$	231	1.095	4.395:000\$
Fáb. de fósforos	1	3.650:000\$	224	70	9.642:200\$
Fábrica de óleos, tintas e vernizes	1	300:000\$	18	41	1.896:000\$
Fáb. de velas p. filtros	1	15:000\$	1	3	18:000\$
Fábricas de sabão	5	143:300\$	9	9	217:400\$
Fábricas de sabonetes.	2	74:000\$	4	7	118:000\$
Pilhas para lanternas.	1	28:000\$	1	1	15:300\$
Fábricas de azeite	3	15:300\$	3	—	30:550\$
Cartonagens	2	19:600\$	15	1	87:850\$
Fábricas de vernizes..	2	18:400\$	7	—	51:300\$
Envernizarias	2	16:180\$	3	2	66:100\$
	28	8.677:280\$	526	1.235	16.691:900\$
VII — Ind. da alimentação					
Fábricas de vinhos ...	3	172:600\$	12	8	800:000\$
Fábricas de cerveja ..	3	21:300\$	4	—	28:300\$
Bebidas diversas	1	8:500\$	1	—	16:300\$
Fábricas de doces	2	69:000\$	15	1	816:000\$
Torr. e moagem de café	2	100:000\$	10	13	156:960\$
Fáb. de massas alimentícias	1	20:000\$	1	2	70:400\$
Fábrica de licores	1	10:000\$	1	—	36:000\$
Fábrica de salames....	1	22:000\$	4	1	48:000\$
Fábricas de salchichas.	2	19:000\$	2	2	38:300\$
Padarias	17	250:290\$	47	33	716:710\$
Fábrica de charutos ...	1	3:600\$	5	—	18:200\$
	34	696:290\$	102	60	1.745:170\$
VIII — Indústria do vestuário e toucador					
Alfaiatarias	12	152:880\$	10	—	359:100\$
Artefactos de tecidos ..	1	5:600\$	1	1	6:980\$
Fáb. de sombrinhas e guarda-chuvas	1	40:000\$	9	2	200:000\$
Fáb. de chapéus de lona	1	36:000\$	12	5	122:865\$
Oficinas de consertos de calçados	2	3:260\$	1	—	12:750\$
Fábricas de calçados..	15	3.395:000\$	659	146	9.311:760\$
Artefactos de couro ...	1	200:000\$	21	10	597:394\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Fôrça motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
Fábrica de chinelos e tamancos	1	34:000\$	6	5	31:500\$
Fáb. de chinelos e sandálias	1	12:000\$	2	—	15:000\$
Tamancarias	3	9:600\$	6	—	22:200\$
Fábrica de pentes	1	60:000\$	25	20	88:000\$
Fáb. de botões de osso	1	10:000\$	3	2	26:500\$
	40	3.958:340\$	755	191	10.794:049\$
IX — Ind. do mobiliário					
Fábricas de móveis ...	6	93:600\$	15	25	140:100\$
Fáb. de móveis de vime	1	12:000\$	5	—	86:300\$
Colchoaria	1	16:000\$	12	6	105:000\$
	8	121:600\$	32	31	281:400\$
X — Indústria da edificação					
Artefactos de mármore	2	58:000\$	4	5	87:600\$
Caieiras	2	221:600\$	18	10	398:500\$
Carpintarias	5	47:200\$	5	11	70:230\$
	9	326:800\$	27	26	556:330\$
XI — Const. de aparelhos de transporte					
Artigos de montaria..	3	38:200\$	2	—	90:105\$
Estaleiro Naval	1	10:000\$	3	2	50:300\$
	4	48:200\$	5	2	140:405\$
XIII — Ind. relativas às ciências, letras e artes. Ind. de luxo					
Ourivesarias	2	23:320\$	1	—	24:210\$
Tipografias	2	377:000\$	46	27	338:500\$
	4	400:320\$	47	27	362:710\$
XIV — Indústrias reunidas					
Curtume e fábrica de calçados	1	600:000\$	30	80	909:473\$
Fábrica de bebidas sem álcool, alcoólicas e vinagre	1	80:000\$	6	2	122:700\$
Fábrica de borracha...	1	1.000:000\$	102	231	2.000:000\$
Fábrica de carimbos e botões	1	48:000\$	6	4	55:000\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fá- bricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Fôrça motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
Fáb. de escôvas e es- quadrias	1	20:000\$	10	24	29:500\$
Tornearia e móveis ...	1	2:500\$	2	3	15:250\$
Couro, bonés e camisas	1	39:400\$	8	1	131:430\$
	7	1.789:900\$	164	345	3.263:353\$
TOTAL GERAL....	235	22.302:420\$	2.487	2.658	45.323:737\$
SÃO LOURENÇO					
IV — Metalurgia					
Oficina mecânica	1	50:000\$	4	8	80:000\$
Ferrarias	30	179:500\$	34	12	443:000\$
	21	229:500\$	38	20	523:000\$
VI — Produtos químicos pro- priamente ditos e pro- dutos análogos					
Fábrica de sabão.....	1	20:000\$	1	—	36:000\$
Fábrica de velas de cera	1	8:000\$	—	—	24:000\$
	2	28:000\$	1	—	60:000\$
VII — Industr. da alimentação					
Fábricas de café.....	5	55:000\$	8	36	548:000\$
Fábrica de fumo.....	1	6:000\$	—	3	24:000\$
Fábrica de conservas..	1	30:000\$	—	8	150:000\$
	7	91:000\$	8	47	722:000\$
VIII — Indústria do vestuário e tocado					
Alfaiatarias	3	6:000\$	4	—	38:000\$
Of. de consertos de cal- çados	4	31:000\$	3	—	107:000\$
	7	37:000\$	7	—	145:000\$
X — Indústria da edificação					
Carpintarias	3	17:000\$	3	10	65:000\$
XI — Construção de aparelhos de transporte					
Estaleiros	2	115:000\$	6	50	145:000\$
Selaria	1	20:000\$	1	4	30:000\$
	3	135:000\$	7	54	175:000\$
XIV — Indústrias reunidas					
Selaria e tamancaria...	1	30:000\$	2	6	50:000\$
TOTAL GERAL....	54	567:500\$	66	137	1.740:000\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPECIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Fôrça motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
SÃO LUIZ GONZAGA					
III — Indústria da madeira					
Serrarias	23	158:000\$	23	12	273:900\$
IV — Metalurgia					
Ferrarias	16	54:000\$	3	—	93:600\$
Funilarias	2	2:000\$	—	—	7:300\$
	18	56:000\$	3	—	100:900\$
V — Cerâmica					
Olarias	16	21:800\$	2	—	84:200\$
VI — Produtos químicos propriamente ditos e produtos análogos					
Fábrica de sabão.....	1	10:000\$	1	—	23:400\$
Fábrica de gasosa.....	1	4:000\$	—	—	3:800\$
Fáb. de óleo de amendoim	1	8:000\$	—	—	12:000\$
Fábrica de bebidas sem álcool	1	4:000\$	—	—	6:500\$
	4	26:000\$	1	—	45:700\$
VII — Industr. da alimentação					
Fábricas de cerveja....	6	35:000\$	3	—	59:300\$
Fábrica de charutos....	1	8:000\$	—	—	3:800\$
Fábrica de salame.....	1	2:000\$	—	—	3:500\$
Padarias	3	33:000\$	4	—	108:600\$
	11	78:000\$	7	—	175:200\$
VIII — Indústria do vestuário e toucador					
Alfaiatarias	11	33:200\$	1	—	76:400\$
IX — Indústria do mobiliário					
Marcenarias	9	96:800\$	11	6	113:300\$
Fábrica de móveis.....	1	5:000\$	3	7,5	12:000\$
	10	101:800\$	14	13,5	125:300\$
X — Indústria da edificação					
Carpintarias	17	22:900\$	1	—	63:000\$
XII — Produção e transmissão de forças físicas					
Fábrica de gelo.....	1	9:000\$	—	3	3:200\$
TOTAL GERAL....	111	506:700\$	52	28,5	947:800\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
SÃO PEDRO					
I — Indústrias têxteis					
Cordoarias	2	10:000\$	2	—	15:400\$
II — Indústria de couros, peles e outras matérias duras do reino animal					
Curtumes	1	20:000\$	3	—	48:340\$
III — Indústria da madeira					
Serrarias	5	26:000\$	7	—	38:758\$
IV — Metalurgia					
Funilarias	2	3:000\$	2	—	6:454\$
Oficina mecânica	1	3:000\$	1	—	6:000\$
Ferrarias	9	32:500\$	11	—	75:900\$
	12	38:500\$	14	—	88:354\$
V — Cerâmica					
Fáb. de louças de barro.	1	4:000\$	3	—	16:000\$
Olarías	4	16:500\$	14	—	44:838\$
	5	20:500\$	17	—	60:838\$
VII — Industr. da alimentação					
Beneficiamento de arroz	1	110:000\$	3	—	56:000\$
Torrefação de café.....	2	38:000\$	3	10	54:695\$
Fábrica de charutos....	1	6:000\$	6	—	24:277\$
Salchicharia	1	2:000\$	1	—	8:000\$
Fábricas de cerveja....	2	6:600\$	2	—	18:000\$
	7	162:600\$	15	10	160:972\$
VIII — Indústria do vestuário e toucador					
Of. de cons. de calçados	2	11:000\$	3	—	16:100\$
Alfaiataria	1	2:500\$	1	—	6:000\$
	3	13:500\$	4	—	22:100\$
IX — Indústria do mobiliário					
Marcenaria	1	8:000\$	2	—	18:000\$
X — Indústria da edificação					
Carpintarias	4	112:000\$	16	—	163:800\$
Cajeira	1	28:000\$	3	—	16:591\$
Marmorarias	2	2:000\$	—	—	7:100\$
	7	142:000\$	19	—	187:491\$
TOTAL GERAL....	48	441:100\$	83	10	640:258\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
SÃO SEPÉ					
II — Indústria de couros, peles e outras matérias duras do reino animal Curtumes	2	18:000\$	2	—	22:000\$
III — Indústria da madeira Serrarias	7	105:000\$	14	59	110:700\$
IV — Metalurgia Funilaria	1	3:000\$	1	—	5:000\$
Ferrarias	5	12:000\$	5	—	40:000\$
Oficina mecânica	1	12:000\$	2	—	18:000\$
	7	27:000\$	8	—	63:000\$
V — Cerâmica Olarias	4	42:000\$	12	—	61:500\$
VI — Produtos químicos propriamente ditos e produtos análogos Fábrica de gasosa.....	1	7:500\$	2	—	12:500\$
VII — Industr. da alimentação Padarias	3	20:500\$	4	—	33:000\$
Torrefação de café.....	1	10:000\$	1	—	18:750\$
	4	30:500\$	5	—	51:750\$
VIII — Indústria do vestuário e toucador Oficinas de consertos de calçados	3	3:000\$	3	—	20:000\$
LX — Indústria do mobiliário Marcenaria	1	6:000\$	1	—	8:000\$
X — Indústria da edificação Carpintarias	2	12:000\$	3	—	24:000\$
TOTAL GERAL....	31	251:000\$	50	59	373:450\$
SÃO VICENTE					
III — Indústria da madeira Serrarias	2	20:000\$	2	50	17:400\$

A. G. A. S.

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Fôrça motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
IV — Metalurgia Ferrarias	7	17:000\$	1	—	28:800\$
V — Cerâmica Olarias	2	10:000\$	4	—	18:000\$
VII — Industr. da alimentação Padarias	2	3:000\$	2	—	36:000\$
VIII — Indústria do vestuário e toucador Sapatarias	3	4:500\$	1	—	22:000\$
X — Indústria da edificação Carpintarias	2	3:000\$	—	—	9:000\$
XI — Construção de aparelhos de transporte Selarias	2	5:000\$	2	—	16:000\$
TOTAL GERAL....	20	62:500\$	12	50	147:200\$

SOBRADINHO

II — Indústria de couros, peles e outras matérias duras do reino animal Curtumes	5	41:000\$	9	—	80:740\$
III — Indústria da madeira Serrarias	16	243:000\$	33	148	347:792\$
IV — Metalurgia Ferrarias	13	12:700\$	13	—	90:500\$
V — Cerâmica Olarias	4	28:000\$	12	—	21:800\$
VI — Produtos químicos propriamente ditos e produtos análogos Fábricas de gasosa.....	3	16:000\$	3	—	37:155\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
VII — Industr. da alimentação					
Cervejarias	3	22:000\$	7	—	27:980\$
Padaria	1	8:000\$	1	—	16:000\$
	4	30:000\$	8	—	43:980\$
VIII — Indústria do vestuário e toucador					
Tancariarias	4	19:500\$	8	—	52:575\$
Oficina de consertos de calçados	1	3:000\$	3	—	6:000\$
	5	22:500\$	11	—	58:575\$
IX — Indústria do mobiliário					
Marcenarias	3	40:000\$	11	26	53:250\$
X — Indústria da edificação					
Carpintarias	8	84:000\$	25	20	155:000\$
XI — Construção de aparelhos de transporte					
Selarias	4	24:500\$	8	—	49:900\$
TOTAL GERAL....	65	541:700\$	133	194	938:692\$

SOLEDADE

II — Indústria de couros, peles e outras matérias duras do reino animal					
Curtumes	5	25:500\$	25	—	190:500\$
III — Indústria da madeira					
Serrarias	47	1.669:000\$	163	353	2.980:000\$
IV — Metalurgia					
Ferrarias	19	37:700\$	22	—	181:500\$
Fábrica de facas e canivetes	1	5:000\$	2	—	11:500\$
	20	42:700\$	24	—	193:000\$
VI — Produtos químicos propriamente ditos e produtos análogos					
Fábricas de gasosa....	2	7:000\$	1	—	14:000\$
Fábrica de sabão	1	4:500\$	1	—	8:000\$
	3	11:500\$	2	—	22:000\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
VII — Ind. da alimentação					
Fábrica de cerveja ...	1	12:000\$	2	—	18:700\$
Fábrica de Biter	1	2:500\$	1	—	8:400\$
Torrefação e moagem de café	2	6:000\$	3	5	57:000\$
Moinho de farinha, trigo e milho	1	50:000\$	3	20	80:000\$
	5	70:500\$	9	25	164:100\$
VIII — Indústria do vestuário e toucador					
Fábricas de calçados..	7	94:000\$	28	—	163:400\$
IX — Indústria do mobiliário					
Fábrica de móveis	1	30:000\$	6	10	40:000\$
Fáb. de crina vegetal .	2	30:000\$	16	—	60:000\$
	3	60:000\$	22	10	100:000\$
X — Indústria da edificação					
Carpintarias	12	48:800\$	19	16	168:500\$
XI — Construção de aparelhos de transporte					
Selarias	12	127:000\$	38	—	217:500\$
XIII — Indústrias relativas às ciências, letras e artes. Indústria de luxo					
Lapidação de pedras cristais	1	6:000\$	1	2,5	18:000\$
XIV — Indústrias reunidas					
Fábrica de gaitas, selaria e sapataria	1	150:000\$	32	2,5	120:000\$
Fáb. de cerveja e gasosa	1	8:000\$	2	—	10:000\$
	2	158:000\$	34	2,5	130:000\$
TOTAL GERAL....	117	2.313:000\$	365	409	4.347:000\$

TAPES

IV — Metalurgia					
Oficinas mecânicas	2	25:000\$	3	4	30:000\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Fôrça motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
VII — Ind. da alimenatção					
Eng. de beneficiar arroz	3	500:000\$	47	175	5.995:000\$
Torrefação e moagem de café	3	170:000\$	9	18,5	149:600\$
Padarias	2	35:000\$	9	9,5	106:700\$
	8	705:000\$	65	203	6.251:300\$
VIII — Indústria do vestuário e toucador					
Oficina de calçados ...	1	2:000\$	1	—	6:000\$
IX — Indústria do mobiliário					
Fábricas de produtos de crina vegetal	3	46:000\$	69	—	360:900\$
X — Indústria da edificação					
Carpintaria	1	8:000\$	2	8	12:000\$
XI — Construção de aparelhos de transportes					
Correaria	1	6:000\$	2	—	12:000\$
XIV — Indústias reunidas					
Carpintaria e Ferraria	1	10:000\$	6	8	22:000\$
TOTAL GERAL....	17	802:000\$	148	223	6.694:200\$

TAQUARA

II — Indústria de couros, peles e outras matérias duras do reino animal					
Curtumes	7	465:000\$	32	67	1.045:054\$
III — Indústria da madeira					
Cepas para tamancos .	3	38:500\$	18	46	52:500\$
Serrarias	8	130:000\$	9	65	75:500\$
Fábricas de caixas.....	3	275:000\$	29	78	528:000\$
Cepas para tamancos e serrarias	2	75:000\$	12	31	32:000\$
	16	518:500\$	68	220	688:000\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPECIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Fôrça motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
IV — Metalurgia					
Fundições	3	185:000\$	21	18	160:000\$
Fábrica de ferramentas	1	30:000\$	9	15	140:000\$
Funilarias	9	26:500\$	7	—	59:500\$
Ferrarias	14	35:600\$	8	—	80:000\$
	27	277:100\$	45	33	439:500\$
V — Cerâmica					
Olarías	3	65:000\$	19	8	66:800\$
Louças de barro	1	8:000\$	3	—	18:693\$
	4	73:000\$	22	8	85:493\$
VI — Produtos químicos propriamente ditos e produtos análogos					
Tintas	2	100:000\$	6	50	92:800\$
Espec. farmacêuticas .	1	15:000\$	—	—	12:500\$
Gasosa e água de soda	5	58:000\$	4	—	53:120\$
	8	173:000\$	10	50	158:420\$
VII — Ind. da alimentação					
Moinho de milho	1	70:000\$	1	30	74:000\$
Padarias	6	80:000\$	13	12	127:700\$
Fábrica de bolachas ..	1	30:000\$	6	4	44:000\$
Fábrica de caramelos .	1	5:000\$	5	—	20:600\$
Fábricas de cerveja....	4	42:000\$	1	—	74:200\$
Fábrica de vinho	1	50:000\$	3	13	32:000\$
Torrefação e moagem de café	5	73:000\$	2	76	198:450\$
Salame, etc.	5	49:500\$	11	12	226:023\$
	24	399:500\$	42	147	796:973\$
VIII — Indústria do vestuário e toucador					
Officinas de concertos de calçados	17	483:000\$	103	37	942:705\$
IX — Indústria do mobiliário					
Fábrica de acolchoados	1	5:800\$	10	3	28:300\$
Fábricas de móveis....	13	416:000\$	58	106	336:154\$
	14	421:800\$	68	109	364:454\$
X — Indústria da edificação					
Carpintarias	5	27:000\$	1	6	33:600\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
XI — Construção de aparelhos de transportes					
Selarias	2	30:000\$	2	—	74:000\$
XII — Produção e transmissão de forças físicas					
Fábrica de gelo	1	26:000\$	—	8	8:400\$
XIV — Indústrias reunidas					
Selarias. Fábrica de bolsas, cintos, etc.	6	24:000\$	4	—	31:710\$
Fáb. de cerveja e gasosa	1	5:000\$	1	—	26:486\$
Distilaria de álcool. Fábrica de vassouras, sabão e café	1	200:000\$	13	8	199:354\$
Fábrica de sabão e torrefação de café	1	15:000\$	—	5	50:900\$
	9	244:000\$	18	13	308:450\$
TOTAL GERAL....	134	3.137:900\$	411	698	4.945:049\$

TAQUARI

III — Indústria da madeira					
Armações de serigotes, cepas para tamancos	1	18:000\$	2	12	13:440\$
Serrarias	6	129:500\$	14	77	150:400\$
	7	147:500\$	16	89	163:840\$
IV — Metalurgia					
Oficinas mecânicas	3	26:000\$	2	—	38:000\$
Ferrarias	11	85:000\$	17	—	197:640\$
Funilarias	5	47:000\$	5	—	59:000\$
	19	158:000\$	24	—	294:640\$
V — Cerâmica					
Fábrica de rebolos	1	5:000\$	1	—	7:200\$
Olarias e fábrica de louças de barro	6	123:000\$	32	28	201:025\$
	7	128:000\$	33	28	208:225\$
VI — Produtos químicos propriamente ditos e produtos análogos					
Fábrica de gasosa	1	7:000\$	1	—	6:000\$
Fábrica de sabão	1	12:000\$	1	—	32:000\$
	2	19:000\$	2	—	38:000\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPECIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Fôrça motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
VII — Ind. da alimentação					
Padarias	8	89:500\$	14	—	367:139\$
Produtos suínos	1	400:000\$	45	94	1.003:536\$
Torrefação e moagem de café	1	12:000\$	1	5	44:625\$
Cervejaria	1	8:500\$	1	—	8:100\$
Fábrica de laticínios .	1	42:000\$	2	5	75:000\$
Fábrica de caramelos e balas	1	30:000\$	5	10	95:000\$
Moinho de milho e moagem de café	1	35:000\$	2	11	92:679\$
	14	617:000\$	70	125	1.686:079\$
VIII — Indústria do vestuário e toucador					
Alfaiatarias	6	66:000\$	9	—	165:685\$
Fábrica de chinelos ...	1	9:000\$	—	—	21:000\$
Officinas de consertos de calçados	3	9:800\$	2	—	26:000\$
Fábrica de pastas, carteiras e cintas	1	120:000\$	11	—	70:200\$
IX — Indústria do mobiliário	11	204:800\$	22	—	282:885\$
Fábrica de móveis	5	57:500\$	12	2,5	100:100\$
X — Indústria da edificação					
Carpintaria	1	10:000\$	2	5	15:000\$
XI — Construção de aparelhos de transporte					
Selarias	3	29:000\$	5	—	53:000\$
Estaleiro	1	200:000\$	47	30	300:000\$
	4	229:000\$	52	30	353:000\$
XIII — Indústrias relativas às ciências, letras e artes. Indústria de luxo					
Officina de ourivesaria	1	1:000\$	—	—	4:800\$
Tipografias	2	50:000\$	3	7	36:500\$
XIV — Indústrias reunidas	3	51:000\$	3	7	41:300\$
Cervejaria, fábrica de gasosa e água mineral	3	63:000\$	8	—	196:600\$
Fiambres, banha e sabão	1	35:000\$	8	—	148:200\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
Fábrica de roupas brancas e acolchoados ...	1	45:000\$	11	—	70:000\$
Serrarias, moinhos de milho	11	252:000\$	32	137	355:071\$
Fábrica de rebolos e lapidarias	2	18:000\$	4	—	38:000\$
Curtume, tamancos, chinelos e selaria	1	20:000\$	3	12	58:458\$
Artigos de couros e moinho de milho ...	1	20:000\$	3	12	58:458\$
Curtume e artefactos de couros	1	25:000\$	2	—	44:600\$
Fábrica de cintas, caronas etc.	3	29:000\$	4	—	58:980\$
	24	607:000\$	102	149	1.117:809\$
TOTAL GERAL....	97	2.238:800\$	338	433,5	4.800:878\$

TÓRRES

III — Indústria da madeira					
Serrarias	22	132:500\$	25	147	401:500\$
IV — Metalurgia					
Ferrarias	6	6:000\$	—	—	20:300\$
Funilarias	2	3:000\$	—	—	13:500\$
	8	9:000\$	—	—	33:800\$
V — Cerâmica					
Louça de barro.....	1	1:000\$	2	—	2:000\$
Olarias	7	12:300\$	12	—	20:570\$
	8	13:300\$	14	—	22:570\$
VII — Indústria da alimentação					
Torr. e moagem de café	1	8:000\$	1	—	33:075\$
Padaria	1	2:000\$	2	—	32:000\$
Cervejaria	1	24:000\$	1	—	5:995\$
	3	34:000\$	4	—	71:070\$
IX — Indústria do mobiliário					
Fábricas de crina.....	6	20:600\$	15	—	40:000\$
TOTAL GERAL....	47	209:400\$	58	147	568:940\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Fôrça motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
TRIUNFO					
III — Indústria da madeira Serraria	1	50:000\$	5	30	50:000\$
IV — Metalurgia Ferrarias	3	7:000\$	3	—	12:000\$
V — Cerâmica Olarias	2	300:000\$	140	110	900:000\$
VII — Industr. da alimentação Padarias	3	35:000\$	6	6	61:000\$
Torr. e moagem de café	2	10:000\$	2	4	21:000\$
	5	45:000\$	8	10	82:000\$
IX — Indústria do mobiliário Fábrica de cadeiras....	1	150:000\$	80	45	218:400\$
X — Indústria da edificação Carpintarias	3	40:000\$	6	—	70:000\$
XI — Construção de aparelhos de transporte Estaleiros	2	30:000\$	6	—	40:000\$
TOTAL GERAL....	17	622:000\$	248	195	1.372:400\$

TUPACERETÁ

II — Indústria de couros, peles e outras matérias duras do reino animal Curtume	1	20:000\$	6	—	25:000\$
III — Indústria da madeira Serrarias	3	90:000\$	9	90	198:000\$
IV — Metalurgia Ferrarias	9	60:000\$	9	—	168:100\$
Funilaria	1	6:000\$	1	—	8:000\$
Oficinas mecânicas.....	2	160:000\$	9	30	120:000\$
	12	226:000\$	19	30	296:100\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPECIE	N.º de fá- bricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
VI — Produtos químicos pro- priamente ditos e pro- dutos análogos Fábrica de sabão.....	1	15:000\$	2	—	84:000\$
VII — Indústria da alimentação					
Padarias	2	120:000\$	16	26	446:000\$
Charqueadas	2	30.000:000\$	518	46	25.673:231\$
Fábrica de conservas...	1	460:000\$	28	18	204:114\$
Moinho de milho.....	1	50:000\$	3	24	124:800\$
	6	30.570:000\$	565	114	26.448:145\$
VIII — Indústria do vestuário e touceador					
Oficinas de calçados...	2	9:000\$	2	—	21:500\$
Oficinas de consertos de calçados	3	13:000\$	3	—	30:000\$
	5	22:000\$	5	—	51:500\$
IX — Indústria do mobiliário					
Marcenaria	1	5:000\$	2	7,5	20:000\$
X — Indústria da edificação					
Carpintarias	2	50:000\$	4	30	67:000\$
XI — Construção de aparelhos de transporte					
Selarias	2	35:000\$	5	—	35:200\$
XIII — Indústrias relativas às ciências, letras e artes.					
Ind. de luxo					
Relojoaria	1	5:000\$	—	—	13:000\$
TOTAL GERAL....	34	31.038:000\$	617	271,5	27.237:945\$

URUGUAIANA

I — Indústrias têxteis					
Tecelagem de seda.....	1	300:000\$	41	50	720:000\$
IV — Metalurgia					
Oficina mecânica	1	50:000\$	10	7,5	30:000\$
Ferrarias	4	38:000\$	14	—	51:000\$
Oficina de funilaria....	2	35:000\$	4	—	22:000\$
	7	123:000\$	28	7,5	103:000\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
V — Cerâmica					
Fábrica de mosaicos....	1	7:000\$	3	—	10:000\$
Olarias	4	20:000\$	29	—	110:000\$
	5	27:000\$	32	—	120:000\$
VI — Produtos químicos propriamente ditos e produtos análogos					
Distilaria de petróleo..	1	2.500:000\$	36	32	3.420:000\$
VII — Indústria da alimentação					
Fábricas de massas alimentícias	2	250:000\$	21	7,5	1.170:000\$
Fábricas de bebidas....	2	130:000\$	15	—	130:750\$
Fábricas de cigarros...	2	130:000\$	14	13,5	93:000\$
Charqueadas	2	3.600:000\$	270	20	8.250:000\$
	8	4.110:000\$	320	41	9.643:750\$
VIII — Indústria do vestuário e toucador					
Fábrica de alpercatas..	1	180:000\$	36	3	390:000\$
Alfaiatarias com oficina	5	130:000\$	28	—	245:000\$
Sapatarias com oficinas	2	13:000\$	5	—	24:000\$
Of. consertos calçados.	3	5:300\$	7	—	26:000\$
	11	328:300\$	76	3	685:000\$
X — Indústria da edificação					
Carpintarias	3	100:000\$	8	30	55:000\$
Marcenaria	1	6:000\$	2	—	8:000\$
	4	106:000\$	10	30	63:000\$
XIII — Indústrias relativas às ciências, letras e artes.					
Ind. de luxo					
Oficinas de ourivesaria.	4	40:000\$	5	—	44:000\$
Oficina de relojoaria...	1	50:000\$	4	—	40:000\$
	5	90:000\$	9	—	84:000\$
XIV — Indústrias reunidas					
Carpint. e marcenaria.	1	200:000\$	14	30	60:000\$
Fábrica de mármore e mosaicos	1	10:000\$	2	—	10:000\$
	2	210:000\$	16	30	70:000\$
TOTAL GERAL....	44	7.794:300\$	568	193,5	14.908:750\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Fôrça motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
VACARIA					
III — Indústria da madeira					
Serrarias	10	175:000\$	44	47	223:850\$
IV — Metalurgia					
Oficina mecânica	1	20:000\$	3	2	22:000\$
Funilaria	1	4:200\$	—	—	12:000\$
Ferrarias	3	8:500\$	1	—	21:000\$
	5	32:700\$	4	2	55:000\$
VII — Indústria da alimentação					
Padarias	2	16:000\$	10	7	74:000\$
VIII — Indústria do vestuário e toucador					
Oficinas de calçados....	2	9:000\$	5	—	30:000\$
XI — Construção de aparelhos de transporte					
Selaria	1	7:000\$	2	—	14:000\$
Lombilharia	1	6:000\$	1	—	12:000\$
	2	13:000\$	3	—	26:000\$
XIV — Indústrias reunidas					
Ofic. de móveis e const. de casas	4	62:000\$	17	6	85:000\$
TOTAL GERAL....	25	307:700\$	83	62	493:850\$

VENÂNCIO AIRES

II — Indústria de couros, peles e outras matérias duras do reino animal					
Curtumes	2	35:000\$	5	—	40:000\$
III — Indústria da madeira					
Serrarias	16	143:000\$	37	161	580:450\$
IV — Metalurgia					
Ferrarias	16	27:500\$	5	—	74:500\$
Oficinas mecânicas....	4	25:000\$	3	1	33:000\$
Funilarias	5	25:000\$	5	—	72:000\$
Fundição	1	20:000\$	3	12	30:000\$
Fáb. de facas e facões.	1	25:000\$	8	8	77:000\$
Fábricas de facas.....	2	26:000\$	12	3	64:000\$
	29	148:500\$	36	24	350:500\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Força motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
V — Cerâmica					
Olarias	12	47:000\$	11	—	89:500\$
VI — Produtos químicos propriamente ditos e produtos análogos					
Fáb. de gasosa.....	1	3:000\$	1	—	16:000\$
Fáb. de gasosa e soda..	1	4:000\$	1	—	24:000\$
Fábrica de foguetes....	1	2:000\$	—	—	6:300\$
	3	9:000\$	2	—	46:300\$
VII — Indústria da alimentação					
Refinaria de banha....	1	300:000\$	8	15	1.165:044\$
Torr. e moagem de café	1	12:000\$	1	2	33:000\$
Padarias	4	18:000\$	5	—	97:600\$
Fábrica de cerveja.....	1	5:000\$	1	—	30:400\$
Esterilizadores de fumo	3	78:000\$	18	33	953:278\$
Salchicharia	1	1:500\$	—	—	10:000\$
	11	414:500\$	33	50	2.289:322\$
VIII — Indústria do vestuário e tocador					
Alfaiatarias	7	13:000\$	2	—	53:000\$
Of. consertos calçados..	1	1:000\$	—	—	4:000\$
	8	14:000\$	2	—	57:000\$
IX — Indústria do mobiliário					
Colchoaria	1	2:000\$	—	—	5:800\$
X — Indústria da edificação					
Carpintarias	4	40:000\$	7	33	77:900\$
Marmorarias	4	5:500\$	2	—	29:000\$
	8	45:500\$	9	33	106:900\$
XI — Construção de aparelhos de transporte					
Selarias	4	19:000\$	4	—	29:400\$
XIV — Indústrias reunidas					
Fáb. de cerveja e gasosa	2	11:000\$	3	—	59:000\$
TOTAL GERAL.....	96	888:500\$	142	268	3.654:172\$

SITUAÇÃO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS EM 1937

CLASSE E ESPÉCIE	N.º de fábricas ou oficinas	CAPITAL	Número de operários	Fôrça motriz em H. P.	VALOR DA PRODUÇÃO
VIAMÃO					
IV — Metalurgia					
Ferrarias	3	7:000\$	3	—	21:000\$
V — Cerâmica					
Olarias	5	6:500\$	5	—	57:700\$
VII — Indústria da alimentação					
Padarias	2	15:000\$	4	—	34:500\$
Torrefação de café.....	4	20:000\$	5	5	93:100\$
	6	35:000\$	9	5	127:600\$
VIII — Indústria do vestuário e toucador					
Alfaiataria	1	2:000\$	1	—	6:400\$
Tamancaria	1	2:000\$	1	—	10:000\$
	2	4:000\$	2	—	16:400\$
IX — Indústria do mobiliário					
Fábrica de acolchoados.	1	2:000\$	1	—	8:000\$
TOTAL GERAL.....	17	54:500\$	20	5	230:700\$

UZINAS TERMO-ELETRICAS EXISTENTES NO ESTADO — Ano de 1937

MUNICIPIOS	Propriedade	N.º de motores	Fôrça Motriz em H. P.	Capacidade em K. W. Hora	Produção em K. W.	N.º de empregados	VOLTAGEM	
							Linhas de transmissão	Linhas de distribuição
Alegrete	Particular	3	700	637	507.661	17	3.000	2 × 22
Arroio Grande	Município	2	95	85	(*)	5	220	—
Arroio do Meio	Particular	1	35	26	23.000	1	220	—
Bagé	"	6	1.975	1.350	1.076.534	38	220	—
Bom Jesus	Município	1	35	24	(*)	2	220	—
Caçapava	Particular	1	75	55	58.000	6	220	—
Cachoeira	"	4	740	595	975.617	30	2.200	2 × 22
Candelaria	"	1	48	38	32.591	28	220	—
Cangussú	Município	1	105	90	(*)	1	220	—
Caxias	"	5	474	335	900.949	26	20.000	—
Caxias	Particular	2	400	350	(*)	3	220	—
Caxias	"	1	3	3	3.000	2	220	—
Caxias	"	1	18	15	7.500	1	220	—
Caxias	"	1	45	35	26.000	1	220	—
Caxias	"	3	1.100	850	(*)	—	220	—
Cruz Alta	Município	4	910	680	1.200.000	14	10.000	2 × 22
Cruz Alta	Particular	1	12	10	5.900	2	220	—
D. Pedrito	"	4	316	268	1.017.967	28	220	2 × 22
Encantado	Município	1	30	25	12.550	1	220	—
Estrela	Particular	1	20	15	4.600	2	220	—
Estrela	"	1	60	16	1.560	3	220	—
Estrela	"	1	15	10	(*)	2	220	—
Estrela	"	1	60	26	16.000	3	220	—
Flores da Cunha	"	1	45	30	(*)	2	220	—
Garibaldi	Município	1	120	100	33.880	33	2.200	2 × 22
Guaíba	"	1	50	35	42.550	4	220	—
Herval	"	1	80	65	22.200	5	120	—
Iraí	"	2	165	147	(*)	3	2.000	2 × 22
Itaqui	"	2	350	165	150.909	3	6.600	2 × 22
Jaguarão	Particular	3	550	435	272.732	16	220	2 × 22
Jaguari	Município	1	100	72	55.800	4	220	—
José Bonifacio	Particular	1	72	60	(*)	2	220	—
José Bonifacio	"	1	55	40	31.700	4	220	—
José Bonifacio	Município	1	195	180	272.400	8	3.150	2 × 22
José Bonifacio	Particular	1	42	22	12.500	3	220	—
Julio de Castilhos ..	Município	2	155	100	(*)	5	220	—
Lageado	Particular	1	70	50	68.642	3	220	—
Lagôa Vermelha	"	1	20	10	(*)	1	220	—
Lagôa Vermelha	"	1	35	25	(*)	1	220	—
Lavras	"	2	120	72	37.854	4	220	—
Livramento	"	4	1.305	761	137.156	5	220	—
Montenegro	Município	2	150	100	284.545	7	220	—

UZINAS TERMO-ELETRICAS EXISTENTES NO ESTADO — Ano de 1937

MUNICIPIOS	Propriedade	N.º de motores	Fôrça Motriz em H. P.	Capacidade em K. W. Hora	Produção em K. W.	N.º de empregados	VOLTAGEM	
							Linhas de transmissão	Linhas de distribuição
Montenegro	Particular	1	22	15	4.200	—	220	—
Novo Hamburgo	"	2	800	620	1.174.065	22	220	2 × 220
Osorio	Município	2	80	55	38.364	4	220	—
Palmeira	Particular	1	18	12	(*)	1	220	—
Pelotas	"	7	5.000	3.650	3.036.000	146	220	—
Pinheiro Machado ..	Município	1	85	60	39.170	4	220	—
Piratini	"	1	18	10	9.697	3	220	—
Porto Alegre	Particular.	4	27.700	18.600	25.202.200	214	6.600	220
Quaraí	Município	3	280	177	65.000	9	220	2 × 220
Rio Grande	"	4	1.100	670	5.591.289	326	500	—
Rio Grande	Particular	1	8	4	(*)	1	120	—
Rio Pardo	"	2	100	75	70.154	6	220	—
Rosario	Município	3	120	77	111.391	6	220	—
Santa Cruz	"	2	1.200	840	(*)	17	6.600	2 × 220
Santa Maria	Particular	3	1.070	915	1.105.189	33	220	—
Santa Rosa	"	1	50	40	33.000	4	220	—
Santa Vitoria	Município	2	140	105	(*)	5	220	—
Santiago	Particular	3	135	95	80.000	6	220	—
Santo Amaro	Município	1	15	10	2.600	4	220	—
Santo Angelo	"	(***)	(***)	(***)	380.116	7	10.000	—
Santo Antonio	"	1	46	40	35.000	2	220	—
S. Borja	"	2	225	157	117.428	15	6.000	2 × 220
S. Francisco de Assis	"	2	92	65	(*)	3	220	—
S. Gabriel	Particular	2	62	40	32.000	3	220	—
S. Gabriel	Município	2	215	145	(*)	24	220	—
S. Jeronimo	Particular	3	1.325	945	(*)	48	6.600	2 × 220
S. Jeronimo	"	2	1.800	1.450	335.000	123	2.300	2 × 220
S. João de Camaquam	Município	1	50	40	26.700	3	220	—
S. José do Norte ...	"	1	28	18	16.388	3	220	—
S. Leopoldo	"	2	670	640	(**)	50	5.250	—
S. Lourenço	"	1	150	100	62.000	3	220	—
S. Pedro	Particular	2	62	50	21.800	6	220	—
S. Sebastião do Cai..	Município	2	200	160	13.160	4	3.000	2 × 220
S. Sepé	"	1	40	35	(*)	2	220	—
S. Sepé	Particular	1	10	8	(*)	1	110	—
São Vicente	Município	1	160	70	6.000	2	220	—
São Vicente	Particular	1	25	12	3.000	2	220	—
Sobradinho	"	1	24	16	14.630	4	220	—
Tapes	"	1	70	36	16.700	3	220	—
Taquarí	Município	1	40	25	24.320	3	220	—
Taquarí	Particular	1	20	12	(*)	1	220	—
Torres	Município	2	70	49	(*)	5	220	—
Triunfo	"	1	50	19	8.991	1	220	—

UZINAS TERMO-ELETRICAS EXISTENTES NO ESTADO — Ano de 1937

MUNICIPIOS	Propriedade	N.º de motores	Fôrça Motriz em H. P.	Capacidade em K. W. Hora	Produção em K. W.	N.º de empregados	VOLTAGEM	
							Linhas de transmissão	Linhas de distribuição
Uruguaiana	Particular	3	1.210	820	195.310	11	2.200	2 × 220
Vacaria	"	2	120	90	70.000	6	220	—
Venancio Aires	"	1	17	10	(*)	1	220	—
Venancio Aires	"	1	68	48	33.880	7	220	—
Viamão	"	1	13	9	(*)	3	220	—
Total	162	55.693	38.546	45.271.039	1.486	113.230	—

UZINAS HIDRO-ELETRICAS EXISTENTES NO ESTADO — Ano de 1937

Alfredo Chaves	Município	1	38	19	75.000	2	6.000	220
Antônio Prado	"	1	100	75	(*)	3	6.000	220
Bento Gonçalves	"	2	400	200	599.862	5	6.300	220
Carasinho	Particular	3	150	85	92.222	6	15.000	220
Cruz Alta	"	1	35	35	35.000	1	220	—
Cruz Alta	"	1	6	6	8.600	1	220	—
Encruzilhada	Município	1	90	70	64.000	2	6.600	220
Estrêla	Particular	1	20	15	(*)	1	2.200	220
Estrêla	"	1	20	13	(*)	1	220	220
Estrêla	Município	2	155	80	167.299	4	5.500	220
Estrêla	Particular	1	—	—	—	—	—	—
Farroupilha	Município	2	155	120	71.800	5	6.600	220
Getulio Vargas	Particular	1	200	180	144.200	6	400	220
Guaporé	Município	1	500	150	252.973	6	6.600	220
Ijuí	"	2	740	590	751.401	5	26.000	220
José Bonifacio	Particular	1	20	15	2.500	1	220	—
Julio de Castilhos ..	"	1	17	13	(*)	1	220	—
Julio de Castilhos ..	"	1	150	120	(*)	2	220	—
Lageado	"	1	22	17	6.923	2	220	—
Lagôa Vermelha	Município	1	150	135	(*)	5	11.000	220
Montenegro	Particular	1	20	19	6.200	2	220	—
Montenegro	"	1	30	30	17.500	1	220	—
Palmeira	"	1	280	150	78.660	4	6.000	220
Passo Fundo	Município	3	1.350	1.110	1.200.000	12	10.000	—
Prata	"	1	130	130	(*)	3	6.000	220
Santo Angelo	Particular	1	40	40	32.000	2	4.000	220
S. Francisco de Paula	Município	1	84	42	67.222	2	10.000	—
S. Jerônimo	Particular	1	5	5	(*)	1	220	—
S. Leopoldo	Município	2	1.600	1.360	4.600.000	75	40.000	220
S. Leopoldo	Município (anx. Tóca)	2	400	300	(*)	3	11.000	220
S. Luiz Gonzaga	"	1	400	300	327.000	5	21.000	220
Soledade	"	1	150	120	97.022	5	11.000	220
Taquarí	Particular	1	60	50	44.628	5	220	—
Taquarí	"	1	20	15	(*)	1	220	—
Tuparecetan	"	1	250	200	18.000	7	11.000	220
Total	45	7.787	5.809	8.760.012	185	230.840	—

(*) A Empresa não utiliza contadores.

(**) Incluída na produção da usina Hidro-Elétrica da Toco, pertencente à mesma Empresa.

(***) Pertence à Usina Municipal de Ijuí.